



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO BILÍNGUE

ZULEYDE MACHADO MAIA RODRIGUES

**Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as  
Experiências e Práticas Construídas pelas Famílias**

Rio de Janeiro  
Julho/2022

**ZULEYDE MACHADO MAIA RODRIGUES**

**Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as  
Experiências e Práticas Construídas pelas Famílias**

Dissertação submetida ao Instituto Nacional de  
Educação de Surdos visando à obtenção do grau  
Mestre em Educação Bilíngue.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Moitinho

Rio de Janeiro  
Julho/2022

R696c Rodrigues, Zuleyde Machado Maia.  
Crianças surdas, famílias ouvintes: refletindo sobre as  
experiências e práticas construídas pelas famílias / Zuleyde  
Machado Maia Rodrigues. — 2022.  
139f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Sara Moitinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em  
Educação Bilíngue)—Instituto Nacional de Educação de Surdos,  
Rio de Janeiro, 2022.

1. Surdos. 2. Família. 3. Educação de surdos. I. Título. II.  
Moitinho, Sara.

CDD 371.912

ZULEYDE MACHADO MAIA RODRIGUES

**Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as Experiências e Práticas  
Bilíngues Construídas pelas Famílias**

Dissertação submetida ao Instituto Nacional de  
Educação de Surdos visando à obtenção do grau  
Mestre em Educação Bilíngue.

**Banca Examinadora.**

Aprovada em 29 de julho de 2022.

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Sara Moitinho – PPGEB/INES  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Regina e Souza Campello - PPGEB/INES  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Karin Lilian Strobel – UFSC/SC  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr<sup>o</sup> Maria Izabel Garcia – PPGEB/INES  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Katia Valéria P. Gonzaga – PUC/São Paulo  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dedico este trabalho às famílias e às crianças surdas.....

Aos pais e mães das crianças surdas....

Aos professores que vão utilizá-lo em suas pesquisas e práticas docentes...

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esta dissertação às seguintes pessoas:

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com o seu amor infinito.

Agradeço à minha mãe Shirley e ao meu pai Zaudino os quais sempre me apoiaram com paciência e carinho. Agradeço por me entender em momentos de crises, conflitos, e ausência em diversos momentos.

Minha Orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sara Moitinho, que com atenção, sabedoria e determinação soube conduzir o trabalho, me estendeu as mãos em todos os momentos e orientou e direcionou a construção deste trabalho, pois sem o empenho, conhecimento e firmeza essa dissertação não ficaria pronta. Gratidão pela sua dedicação ao trabalho em todo o momento durante o percurso desta dissertação!

Gratidão à banca de defesa deste trabalho, dedicaram tempo e dedicação à leitura e às contribuições. Obrigada pelas contribuições às docentes: Ana Regina, Karin Strobel, Maria Izabel Garcia e Katia Valéria Pereira Gonzaga.

A todos os meus amigos que estavam por perto e, também, os que estavam distantes durante o processo da caminhada acadêmica. Agradeço ao Thiago da Silva, Claudio Cunha, Daniela Cruz, Viviane Freitas, Gabriel Lelis, Marcia Paulo, Sonia Diogo e Jaderson Vasconcelos tantos outros que contribuíram mesmo antes da entrada no Mestrado.

Agradeço às mães dos meus alunos quando de licença, sempre acompanharam, muito obrigado (a), por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

Obrigada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos pela oportunidade de fazer o curso de Mestrado em Educação Bilingue.

Agradeço a todos os professores, os intérpretes e aos funcionários técnicos administrativos desta Instituição.

Gratidão por tudo que aprendi com vocês, meus mestres e orientadora, por presenciarem no dia a dia tamanha dedicação!

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre **Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as Experiências e Práticas Construídas pelas Famílias**. O estudo desenvolveu a partir da análise das práticas das interações das famílias ouvintes com os seus filhos surdos, coletadas por meio de aplicação de questionários e entrevistas. O objetivo principal deste trabalho foi apresentar os resultados de um estudo sobre a relação da família ouvinte com os seus filhos surdos, a partir das suas interações com suas vivências e experiências que perpassam o contexto educacional e familiar com seus filhos surdos participantes do estudo. Foram realizadas dezesseis 16 entrevistas, 14 mães e dois 2 pais. No primeiro capítulo, apresentamos a abordagem do referencial teórico pautado em pesquisas sobre relações entre famílias ouvintes e filhos surdos a partir de uma busca de dados virtuais de teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos- no SCIELO – e, também, em universidades públicas brasileiras. No segundo capítulo, apresentamos o campo metodológico e os procedimentos para a coleta de dados. Para tanto, esta pesquisa encontrou aporte metodológico na abordagem qualitativa (BOGDAN E BIKLEN (2009), no viés da entrevista compreensiva (KAUFMANN, 2013); no terceiro e último capítulo, apresentamos os dados coletados, assim como a análise do corpus, propondo uma reflexão a partir de algumas problematizações que envolvem os contextos familiar e escolar dos sujeitos surdos participantes da pesquisa. As análises partiram, principalmente, dos dados coletados através das entrevistas e do processo de desenvolvimento das relações das famílias ouvintes com as crianças surdas, em que apresentamos suas percepções, vivências e interações. Os resultados da pesquisa nos permitiram mostrar a importância que a Libras exerce na vida da criança surda, mesmo convivendo em ambientes majoritariamente compostos por pessoas ouvintes, como ocorreu nos casos analisados. Através dos depoimentos, notamos que com o avanço dos marcos legais, as leis, decretos e a valorização da Libras, como a L1 do surdo, as famílias passaram a valorizar e a entender a importância da Libras na facilitação das relações e educação de seus filhos surdos. Também, a escolha pela língua de sinais refletiu significativamente no ambiente de educação formal, na busca por escolas bilíngues, assim como no âmbito do desenvolvimento social e cognitivo das famílias e dos filhos surdos.

**Palavras-chave:** Famílias Ouvintes. Filhos Surdos, Educação de Surdos.

## ABSTRACT

The present dissertation talks about one study that is about the correlation between deaf children and hearing parents, a reflection about their experiences and practices as a family. The study was developed from data analysis of the interactional practices of the hearing families and deaf child's through the application of a questionnaire and interviews. The main goal of this present work is to show the results of a study about the relation between deaf children and hearing parents as a family from their interactions and living experiences that are beyond the educational context. Sixteen interviews were realized in which one fourteen mothers and two fathers had participated. In the first chapter we showed off the theoretical reference approach based on family research that are about deaf children and hearing parents from a search in virtual databases of dissertations, scientific articles and thesis that were published on the SCIELO periodicals, and public brazilian universities. In the second chapter, we showed off the proceedings for obtaining the data. For that matter, this research has found its methodological support for the qualitative approach (BOGDAN E BIKLEN (2009) , in the bias of the comprehensive research (KAUFMANN, 2013) . In the third and last chapter, we showed off the data collection, and the analysis of the corpus too. Promoting, in that way, a reflection based on some problematization that surrounds the familiar and educational context of the deaf people that had participated. The analysis started mainly from the development process of the relationship between deaf children and their hearing parents. The result of the research allowed us to show the importance of the signal language in the life of a deaf child, even if they were living in an environment full of hearing people. Through those testimonies, we could see that with the advance of the laws and the valuation of the signal language, those families started to value and to understand the importance of the signal language in the education of their children. Therefore, choices for the signal language has significantly reflected on the formal education ambience, and also on the searches for bilingual schools, as well as on the ambience of social development of the children and families of deafs.

**Keywords:** Hearing families, deaf children, deaf education.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Dados pessoais das famílias entrevistadas.....	53
Tabela 2 - Escolaridade das famílias entrevistadas e a formação em Libras.....	54
Tabela 3 – Datas e os horários das entrevistas.....	59

## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1 – Famílias ouvintes e filhos surdos – questões iniciais sobre o tema.....60
- Quadro 2 – Sobre questões linguística, comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças surdas e famílias.....61
- Quadro 3 – Sobre as questões pedagógicas com a escola, estratégias que as famílias utilizam para ensinar a criança surda, se a família faz algum uso de ferramentas didáticas pedagógicas, jogos, brincadeiras e histórias.....61

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados da Libras.....	73
Gráfico 2 – Pais Ouvintes e Filhos Surdos.....	84
Gráfico 3 – Jogos.....	85

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 -	Questionário .....	103
Apêndice 2 -	Roteiro das entrevistas .....	105
Apêndice 3 -	Termo livre consentimento .....	106
Apêndice 4 -	Termo de cessão de imagem e/ou áudio.....	108

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE – Atendimento Educacional Especializado  
ASL - Língua de Sinais Americana  
BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
CAPES – Coordenação Superior de Pessoal de Nível Superior  
CF - Constituição Federal  
COVID - (co)rona (vi)rus (d)isease  
ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente  
GT- Grupo de Trabalho  
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos  
LBI - Lei Brasileira de Inclusão  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
L1 -Libras como primeira língua  
L2 – Língua Portuguesa como Segunda Língua  
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais  
MEC – Ministério da Educação  
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais  
PNE - Plano Nacional de Educação  
SCIELO- Portal de Revistas Brasileiras  
SESI –Serviço Social da Indústria  
TCLE – Termo de Livre Consentimento  
UFBA- Universidade Federal da Bahia  
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria  
UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 Referencial Teórico: primeiras considerações sobre famílias ouvintes e crianças surdas.....</b>	<b>21</b>
1.1 Famílias ouvintes e crianças surdas: primeiras palavras e o contexto atual.....	21
1.2 As pesquisas sobre famílias ouvintes e filhos surdos.....	26
1.3 Os marcos legais que embasam o campo da Educação de Surdos.....	32
1.4 Famílias ouvintes e crianças surdas: o que podemos aprender?.....	41
<b>CAPÍTULO 2 Caminhos Metodológicos: primeiros apontamentos.....</b>	<b>48</b>
2.1 A Pesquisa Qualitativa e o contexto da pesquisa.....	48
2.2 Os procedimentos éticos e técnicos para a coleta dos dados.....	50
2.3 Caracterização dos participantes da pesquisa.....	53
2.4 Procedimentos de construção e análise dos dados.....	59
<b>CAPÍTULO 3 FAMÍLIAS OUVINTES, CRIANÇAS SURDAS E O DIÁLOGO COM OS ACHADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>64</b>
3.1. Famílias ouvintes e crianças surdas e a construção de práticas bilíngues cotidianas.....	65
3.1.1 Famílias Ouvintes e Filhos Surdo: questões iniciais sobre o tema.....	68
3.1.2 Famílias Ouvintes e Filhos: questões linguísticas, comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças surdas.....	75
3.1.3 Famílias ouvintes e Filhos Surdos: questões pedagógicas com a escola, estratégias que as famílias utilizam para ensinar a criança surda.....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>103</b>

## **Introdução**

Esta dissertação surgiu a partir da inquietação de uma professora surda, que nasceu, cresceu e se desenvolveu em uma família ouvinte. Nasceu também a partir das experiências vivenciadas com crianças surdas e famílias ouvintes ao longo da caminhada pessoal e profissional, como professora de crianças surdas na Educação Básica, e, portanto, de experiências e vivências com a própria surdez e, ao mesmo tempo, em relação com as escolas regulares e, também, escolas bilíngues como aluna surda. Hoje, atuo como professora surda de uma escola pública com crianças surdas filhas de famílias ouvintes.

Sendo assim, a temática família, crianças surdas e escola vem me mobilizando desde que iniciei minha trajetória profissional como professora surda em uma escola pública, localizada no Município de Resende, Estado do Rio de Janeiro.

Nasci ouvinte, no ano de 1988 e ao completar um ano, tive meningite bacteriana e fiquei em coma por 19 dias, perdi a fala e fiquei surda. No entanto, minha família apenas começou a perceber logo depois que voltei para casa. Em certa ocasião minha mãe estava cozinhando, uma panela caiu no chão, e ela pôde perceber que eu não me senti assustada, e sequer chorei. Naquele dia, minha mãe começou a desconfiar que algo não ia bem e chamou ao meu pai para comentar sobre minha audição. E, ele falou para que ela não se preocupasse, pois eu tinha acabado de sair do hospital. Minha mãe não desistiu e retornou ao hospital, lá descobriu que eu era surda. No momento mamãe começou a chorar, nunca imaginou ter uma filha surda, mas depois ela repetiu a si mesma que iria tratar a filha da mesma maneira que o filho ouvinte.

Logo depois, já aceitando mais os próximos desafios da vida, comecei a fazer fisioterapia para aprender a andar, além de consultas com uma fonoaudióloga. Minha mãe procurou uma escola para que eu pudesse estudar. Comecei a estudar em uma escola regular comum, sem intérpretes, cujos profissionais não possuíam conhecimentos e experiências sobre surdez. Sendo uma criança muito agitada, eu possuía dificuldade em ficar quieta. Aos 3 anos, minha professora perdeu a paciência, porque eu costumava subir na estante da biblioteca. Dessa forma, ela me sacudiu, e mamãe não aguentou mais ouvir as reclamações da professora. Assim, resolvemos nos

mudar para Visconde de Mauá (RJ), onde meu pai trabalhava, e chegando lá comecei a ter uma vida com mais liberdade, em relação a escola, amigos e família. Um dia, eu estava em um ônibus com minha mãe e duas mulheres, uma era fonoaudióloga e a outra psicóloga, indicaram uma Escola Bilíngue para minha mãe e a partir daí comecei a estudar em uma Escola Bilíngue, com 5 anos de idade. Tive meu primeiro contato com a língua na escola, foi onde comecei a desenvolver minha linguagem e a ter contato com a minha primeira língua, a Libras – Língua Brasileira de Sinais.

Estudei até a 8ª série em uma Escola Municipal denominada Rompendo o Silêncio, uma escola bilíngue - os professores e a diretora sabiam Libras. Quando terminei o ensino fundamental fui para a escola - Centro Educacional Pedro Braile Neto - para assim cursar um Ensino Médio inclusivo, mas não possuíam intérprete. Convivi com a ausência de intérprete por 3 meses, mas depois resolvi entrar com um processo judicial para ter o meu direito de estudar com acessibilidade, e assim um intérprete foi contratado pela instituição. Com quatorze anos comecei a trabalhar como jovem aprendiz em uma creche de crianças ouvintes de zero a três anos e permaneci lá até os meus 17 anos, minha primeira experiência no campo da educação.

Minha primeira formatura foi em Recursos Humanos, e cheguei a trabalhar em algumas empresas, mas sempre tinham uma desculpa de que não estavam precisando de uma funcionária e logo me mandavam embora, reflexo da falta de uma política de uma educação bilíngue.

Trabalhei no Serviço Social (SESI) dando aulas de Libras para os adultos. Atuei por 5 anos como professora de Libras, em cursos ofertados pelas empresas a fim de promover a acessibilidade da comunicação para os surdos.

Depois disso, comecei a trabalhar como intérprete/mediadora/ cuidadora na Prefeitura de Itatiaia (RJ) como professora contratada, mas logo depois fiz concurso para professora de Auxiliar de Apoio Educacional (AEE) na Escola Municipal Professora Maria José de Aquino, em Itatiaia (RJ) e já atuo há 7 anos como professora da educação infantil, trabalhando com crianças surdas nesta escola.

Sou concursada pela Prefeitura de Resende (RJ) onde atuo como professora da educação infantil e ensino fundamental 1. Atualmente, possuo cinco anos de experiência atuando nesta prefeitura em turmas com crianças surdas.

Atuei também como professora em uma Faculdade Particular em três cursos, sendo eles: Letras, Biologia e Pedagogia, onde ensinei Libras para os alunos das licenciaturas por 2 anos.

Fiz vários cursos de libras para aperfeiçoar minha prática no ensino da língua e resolvi fazer Pós-graduação em Docência de Libras na Faculdade Unintese no Polo de Volta Redonda (RJ). A partir dessa experiência com o ensino de Libras, percebi que me faltava uma formação na área pedagógica, pois havia feito Recursos Humanos e iniciei o curso de Formação de Professores no Rio de Janeiro. Depois de algum tempo eu senti vontade de fazer novamente um curso superior em Pedagogia. Ingressei no curso, finalizei e hoje sou professora concursada da Prefeitura de Resende (RJ), conforme já informei anteriormente, dando aulas para crianças surdas na educação infantil e ensino fundamental.

Em 2019, participei da seleção do Mestrado do Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES e fui aprovada para primeira turma do Mestrado Profissional e o meu tema de estudo inicial era **“A Educação Multicultural de crianças surdas filhas de pais ouvintes: a relação cotidiana na escola regular pública”**. No entanto, ao participar do Grupo de estudo de Educação de Surdos e Educação Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES-, um grupo de pesquisa cadastrado no diretório da CAPES, coordenado pela professora Sara Moitinho, e ao cursar as disciplinas do Mestrado Profissional Bilíngue, o meu tema foi se configurando para **“Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as Experiências e Práticas Construídas pelas Famílias”**.

Este tema é de suma importância para o contexto atual e, também, de grande relevância para o contexto da educação bilíngue, pois, constatamos através das pesquisas sobre famílias ouvintes e filhos surdos que ainda existem dificuldades e desafios em relação ao tema: as relações e interações das famílias com seus filhos surdos por meio da Língua de Sinais ainda é um desafio. Essas dificuldades fazem com que as situações de diálogos e até brincadeiras fiquem comprometidas, ocasionando por vezes, simplificações ou reduções das mensagens pretendidas, dependência da interpretação de terceiros, consideradas como dificuldades cognitivas, ou falta de amadurecimento da criança. É possível perceber que sentimentos de angústia se fazem presentes na relação de pais e filhos e são amenizados quando conseguem estabelecer momentos de interação onde a intencionalidade comunicativa é estabelecida, ainda que seja por meio de gestos indicativos, representativos e sinais isolados que podem ser acompanhados da língua portuguesa oral.

Por outro lado, pesquisas recentes apontam que é no contexto da escola, que as crianças e as famílias iniciam o processo de aquisição da Libras<sup>1</sup>, pois é neste contexto da escola que a criança surda passa a ter seu primeiro contato com a Libras e, também, a se desenvolver nos planos linguístico, pessoal, emocional, cognitivo e social. (KARNOPP, 2001; QUADROS, 2017, 2018).

Um outro ponto que pudemos constatar através das pesquisas com a temática estudada: famílias ouvintes e crianças surdas é a dificuldade de interação nas famílias ouvintes com seus filhos surdos (KYLE, 2013; CAPELLINI, 2019; BARBOSA e OLIVEIRA, 2019; GUARINELLO; CLAUDIO; FESTA; PARCIORNIK, 2013; SANTANA, 2018; BEZERRA, 2019; LEBEDEF, 2001), No contexto da escola, as pesquisas apontam a voz de alunos surdos que reivindicam maior espaço educacional e, também, o enfrentamento das barreiras comunicacionais e a mudança na representação do sujeito surdo por meio do reconhecimento da diferença em um ensino com base na democracia, na busca de superar as desigualdades e exclusões. (MONTEIRO, 2021).

Além de que, as pesquisas comprovam que 90% dos alunos surdos, são filhos de pais ouvintes (KARPONPP, 2001; GESSER, 2012; SKLIAR, 2009, QUADROS, 2019) e, possivelmente, não irão encontrar em suas relações familiares, condições propícias ao desenvolvimento global. Portanto, a qualidade das interações estabelecidas nas escolas é crucial para garantir seu desenvolvimento. A base familiar do surdo é composta por pais ouvintes que, em grande parte, não são usuários da língua de sinais; este é um dado muito preocupante, pois com isso, essas crianças não têm exposição a uma língua efetiva na infância. Em muitos casos, os pais não querem que seus filhos aprendam a sinalizar por causa da falsa ideia de que, se aprenderem Libras, não serão capazes de desenvolver a fala. (EMMOREY, 2002; GOLDIN-MEADOW, 2003; MAYBERRY; EICHEN, 1991).

A pesquisa de Quadros e Cruz (2011) aponta novas perspectivas sobre crianças surdas que são filhas de pais surdos, pois segundo as autoras somente 5% das crianças surdas são filhas de pais surdos e, por isso, possuem o input linguístico adequado no período de aquisição da linguagem. Sendo assim, no que diz respeito ao desenvolvimento educacional do surdo este é um dos aspectos mais relevantes. Sobre tal afirmação, Skliar (2009) corrobora enaltecendo que grande parte “das crianças surdas

---

<sup>1</sup> Língua Brasileira de Sinais – Libras. Em 2002, foi aprovada a Lei 10.436, que reconhece a língua brasileira como a língua dos surdos brasileiros. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a língua brasileira de sinais – Libras. (QUADROS, 2017)

– 95% ou 96%- não tem a mesma possibilidade que os filhos de pais surdos; pelo contrário, essas crianças crescem e se desenvolvem dentro de uma família ouvinte, que geralmente desconhece, ou se conhece, rejeita a língua de sinais” (2009, p.93).

Nos primeiros momentos em que há interação entre os pais ouvintes e o filho surdo percebe-se rejeição que pode causar prejuízo ao surdo ao não encontrar um ambiente propício, não corroborando para o desenvolvimento comunicativo e interativo. Quanto antes o contato entre os pais ouvintes e a criança surda ocorrer através da língua de sinais melhor será para que a criança consiga ter aquisição linguística, tanto em língua de sinais, quanto no português escrito.

Sendo assim, a presente dissertação tem os seguintes questionamentos: Quais as relações e interações que as famílias ouvintes vêm desenvolvendo com seus filhos surdos? Quais as estratégias didáticas que as famílias ouvintes desenvolvem com seus filhos surdos? Quais são as ações práticas que as famílias constroem com seus filhos surdos no processo comunicacional? Que saberes didáticos as famílias acionam para se comunicarem com seus filhos surdos? Quais as brincadeiras, jogos que as famílias e as crianças desenvolvem com seus filhos?

Para as autoras Ribeiro Barbosa e Martins (2019) no artigo: “Pais ouvintes e filhos surdos: o lugar das famílias em propostas educacionais bilíngues”, as crianças surdas que nascem em lares de pais surdos interagem em Língua de Sinais, naturalmente, como as crianças ouvintes, na língua oral-auditiva. Por conseguinte, crianças surdas, filhas de pais ouvintes, enfrentam dificuldades para se relacionarem com os membros da família, caso não haja oportunidade de apropriação da Língua de Sinais, no tempo adequado, o que interfere, negativamente, em seu desenvolvimento linguístico e educacional. Embora o papel da família seja claramente estabelecido em documentos legais e de orientações específicas do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Especial, explicitando a importância da aprendizagem desta língua pelos familiares, programas destinados a esse fim, constituem metas a serem perseguidas pelas escolas brasileiras.

A partir dos questionamentos, os objetivos da pesquisa são:

### **Objetivo Geral**

- 🚩 Coletar e analisar as percepções e interações construídas e utilizadas pelas famílias ouvintes com seus filhos surdos e relação com a Libras e a escola.

## Objetivos Específicos

- ✚ Identificar as estratégias didáticas construídas pelas famílias ouvintes neste processo de desenvolvimento da criança surda;
- ✚ Dialogar com as famílias ouvintes sobre materiais didáticos, jogos, brincadeiras que os seus filhos surdos interagem para o desenvolvimento em seu processo de ensino aprendizagem e a partir desse diálogo construir um manual.

A dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo, com o objetivo de situar os leitores, apresenta os referenciais teóricos norteadores para a compreensão de tema abordado. Nele estão presentes uma revisão da literatura na área da temática família ouvinte e filhos surdos, buscada principalmente, em dissertações, teses e artigos publicados nos últimos cinco anos.

No segundo capítulo, é apresentada a metodologia utilizada e o caminho que foi delineado durante todo o percurso da pesquisa. Descrevem-se as ações que foram sendo percorridas para que a pesquisa se desenvolvesse, bem como os participantes e a forma como os dados foram coletados e analisados. A entrevista semiestruturada foi a metodologia escolhida para aprofundarmos e conhecermos as experiências das famílias ouvintes com filhos surdos. Os dados deste estudo foram obtidos a partir de um roteiro previamente construído e delineado de acordo com os objetivos da pesquisa.

No terceiro capítulo, traz-se a análise dos dados da pesquisa, a partir dos referenciais teóricos levantados na revisão de literatura, a apresentação das entrevistas com as famílias ouvintes e filhos surdos sobre os principais pontos abordados pelas famílias, em relação as questões investigativas que mobilizaram a pesquisa.

Por fim, a partir dos dados coletados serão feitas as considerações finais do trabalho acerca das relações e percepções das famílias ouvintes com seus filhos surdos a partir das suas experiências e vivências, identificando as contribuições da pesquisa para a temática.

## **CAPÍTULO 1**

### **REFERENCIAL TEÓRICO: primeiras considerações sobre famílias ouvintes e crianças surdas.**

Neste capítulo serão apresentadas as bases teóricas que dão alicerce a esta pesquisa, a saber: (1) Famílias ouvintes e crianças surdas: primeiras palavras e o contexto atual; (2) As pesquisas sobre famílias ouvintes e filhos surdos; (3) Os marcos legais que embasam o campo da Educação de Surdos e (4) Famílias ouvintes e crianças surdas: o que podemos aprender?

#### **1.1 Famílias ouvintes e crianças surdas: primeiras palavras e o contexto atual.**

Esta pesquisa foi sendo constituída no momento da chegada da pandemia COVID-2019 e com isso a educação brasileira foi profundamente afetada, ainda mais, por problemas que persistem e não são equacionados há muito tempo. As fortes desigualdades sociais e educacionais, a paralisação das atividades presenciais de ensino-aprendizagem em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino no Brasil. Desse modo, as desigualdades educacionais foram escancaradas na sociedade e na escola.

Com o fechamento das escolas, a alternativa para manter o vínculo entre a escola e os alunos e suas famílias foi o ensino remoto. Essa nova prática demandou uma reorganização dos professores, dos alunos, e das famílias. Houve um aumento expressivo de crianças que se encontravam em evasão ou risco de evasão escolar devido ao isolamento, dificuldade de acesso aos materiais, falta de tecnologia, internet, entre outros.

Por isso dá-se a importância de conhecermos a real situação da educação neste momento primordial. Notamos que é preciso construir outras estratégias de trabalho e de atividades complementares que possam atender e dar sentido à escola. Sabemos que o aluno só permanece se essa escola fizer sentido, que tenha significado à sua realidade e aos seus sonhos e projetos.

A educação brasileira sempre apresentou uma série de fragilidades e desigualdades que foram se acumulando historicamente e que precisam ser resolvidos para que de fato, tenhamos uma educação com qualidade, ancorada no direito à educação, e em busca da promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, e para todos.

Segundo dados do UNICEF (2021) em um estudo realizado com base nos dados da PNAD Covid-19, de novembro de 2020, avaliando a exclusão educacional, afirma-se que haviam 5,1 milhões de crianças e adolescentes que estavam sem acesso à educação, e as que se encontravam na faixa dos 6 aos 10 anos foram as mais afetadas pelo ensino remoto. Por isso, é essencial seguir investindo na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, facilitar o acesso de educadores e famílias a materiais de qualidade, e ocorrer realização de busca ativa de cada menino e menina que está fora da escola. Os dados disponibilizados pelos relatórios do UNICEF são importantes para diagnosticar a situação da educação na sociedade brasileira para que se efetue a priorização das políticas públicas e a implementação de ações para garantir os direitos de crianças e adolescentes, segundo Ítalo Dutra, chefe de Educação do UNICEF no Brasil.

Importante, também, mencionar que as escolas de educação básica vão muito além do local de oferta de conteúdo programático e conhecimento formal, e se caracterizam por serem espaços fundamentais de convivências, afetos, e exercício da cidadania. A privação da frequência à escola constitui fator gerador de estresse e de sofrimentos que vêm trazendo comprometimentos à saúde mental do público infanto juvenil. Portanto, afora as implicações na aprendizagem decorrentes das dificuldades no ensino a distância, a ausência da participação no ambiente escolar também trouxe impactos à saúde mental e social das crianças e jovens. (IPEA, 2022, p. 12)

Em um estudo realizado pelo Instituto Escuta, que pesquisou 44 famílias em 2020, ressaltou-se que a pandemia atrasa o desenvolvimento das crianças surdas e foi confirmado que crianças surdas são as mais atingidas de modo acentuado pelas medidas de isolamento e distanciamento social que a pandemia covid-19 nos obrigou. Pois ampliaram as dificuldades de interação e de rotina, em que muitas dessas crianças só têm o acesso a uma comunicação na escola, e, sendo esse processo interrompido, ampliam-se ainda mais as dificuldades. “Crianças que se comunicam em Libras podem ficar cada vez mais sozinhas durante a pandemia porque, considerando que nem todos os pais e familiares são fluentes na Língua Brasileira de Sinais, a escola e o contato com os outros surdos eram seus maiores núcleos”. (INSTITUTO ESCUTA, 2020, p.2)

A partir desses dados, nota-se claramente que a educação de surdos é um tema extremamente importante para o momento que estamos vivenciando em nossa sociedade, e que carece de um fortalecimento do sujeito surdo uma atenção das

autoridades públicas para a garantia das políticas públicas, pois sabemos que os surdos são vistos por grande parte da sociedade, não por suas potencialidades, mas pelas limitações impostas por sua condição.

Sendo assim, neste contexto pandêmico, espaço da escola foi modificado, e com isso surgiram novos desafios e dificuldades para a educação. Mas, independentemente deste contexto, a educação de surdos já enfrentavam uma série de exclusões, embora, presenciamos nos últimos anos uma visibilidade maior em busca da promoção do direito à educação dos surdos, com a valorização da cultura e da Língua - a Libras, pelo fato de que o acesso à linguagem das pessoas surdas dão-se através dela, que foi reconhecida e aprovada em nosso país por meio da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 em que a partir desse reconhecimento a pessoa surda passou a vivenciar novas experiências e possibilidades para vencer barreiras ocasionadas pela falta de comunicação e socialização. Assim, exercendo o direito de participar livremente da vida cultural, da comunidade, e à uma educação que respeite sua diferença linguística e cultural.

Esse foi um passo importante que com certeza alterou as práticas da educação das crianças surdas no contexto familiar e na escola pública, dando visibilidade para a língua como um direito à instrução elementar de ser educado em sua própria língua, principalmente para as séries iniciais do ensino fundamental, quando o aluno está constituindo aspectos fundamentais da sua alfabetização na língua materna, da sua identidade e de sua sociabilização. (LACERDA, 2018 e SOUZA, 2016). As pesquisas com famílias ouvintes constituídas por crianças surdas têm apontado os desafios comunicacionais cotidianos dessas crianças, pois suas famílias não se comunicam em sua própria língua, e mesclam outros modos de se comunicar através de gestos, mímicas e o português oral, com uma tendência a uma comunicação bimodal. Nesse caso, a escola seria uma ponte fundamental de formação para os ouvintes de sujeitos surdos (LACERDA e LODI, 2010; SOARES ELACERDA e SANTOS, 2018) dessas famílias, para assim propor espaços formativos, reflexivos, e de apoio à elas. Em relação a essa realidade, a criança surda vive uma situação “artificial”, com uma redução do potencial para atuação independente e um acréscimo de ações dirigidas pela instrução do intérprete.

De acordo com os dados do censo divulgado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva conforme nomenclatura utilizada por esse órgão, o que representa 5,1% da população brasileira. Deste total, cerca de 2,7 milhões possuem a deficiência

auditiva severa, considerados pelo censo como os que têm muita dificuldade para ouvir (1,7 milhões) ou como surdos (344,2 mil), e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva. No que se refere à idade, cerca de 1 milhão de deficientes auditivos são crianças e jovens de até 19 anos. Esse último dado dá margem a um questionamento importante. Focalizando-se a relação entre o número de crianças e jovens surdos ou com deficiência auditiva (1 milhão) e o total de matriculados na educação básica (70.823), divulgado pelo Censo Escolar do mesmo ano de 2010, evidencia-se uma discrepância entre os números e a consideração provável de que muitos estejam fora da escola.

Silva, Pereira e Zanoli (2017), ao verificar o quantitativo expressivo do número de surdos no país, afirmam que se as crianças surdas “não receberem um atendimento adequado e desenvolverem uma competência linguística, terão sérios problemas para constituírem-se como sujeitos ativos, participantes de uma sociedade.” (SILVA; PEREIRA; ZANOLI, 2017, p. 1).

De acordo com Góes:

A criança nasce imersa em relações sociais que se dão na linguagem. O modo e as possibilidades dessa imersão são cruciais na surdez, considerando-se que é restrito ou impossível, conforme o caso, o acesso a formas de linguagem que dependam de recursos de audição. Sobretudo nas situações de surdez congênita ou precoce, em que há problemas de acesso à linguagem falada, a oportunidade de incorporação de uma língua de sinais mostra-se necessária para que sejam configuradas condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, que constituem o funcionamento das esferas cognitiva e afetiva e fundam a construção da subjetividade (GÓES, 1999, p. 38).

Para a autora, essas restrições de ordem cognitiva ou afetiva não são inerentes à surdez, mas, sim, sobretudo à falta de políticas públicas que possam ofertar uma educação bilíngue para o desenvolvimento do sujeito surdo e, especialmente, para a aquisição da linguagem em sua própria língua, a Língua Brasileira de Sinais – Libras (GÓES, 1999).

Em um artigo intitulado *Com quem as crianças surdas dialogam em Sinais*, a autora Goés (2000) afirma que as crianças surdas têm poucas oportunidades de adquirir precocemente a língua de sinais e com isso acaba prejudicando seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem e na construção como sujeito bilíngue - como um sujeito que se relaciona em sua própria língua de Sinais. Para a autora, o surdo de família ouvinte tende a interagir tardiamente com pessoas surdas que dialogam em Língua de

Sinais. “Por outro lado, muitas crianças surdas passaram a usar Sinais mais cedo, em especial nas situações escolares, devido a uma crescente disposição de educadores e profissionais para incorporar esse recurso comunicativo.” (GÓES, 2000, p.22).

Assim, é de suma importância uma educação bilíngue fundamentada nas experiências reais dos alunos surdos no contexto atual, e isso significa que a função da escola e dos educadores, junto com as crianças surdas, que são protagonistas desse processo, deve buscar uma pedagogia pautada por uma educação bilíngue, onde sejam pensadas novas formas de organização do currículo escolar, dos tempos, espaços e práticas cotidianas que tem como proposta uma educação que valorize as diferenças e o respeito à diversidade. Desse modo, combatendo as desigualdades para que as crianças surdas possam construir suas identidades e estabelecerem relações com os seus pares, construindo a sua cultura surda, conforme o Relatório sobre a Política Linguística da Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, que foi publicado pelo Ministério da Educação Brasileira, em 2014 e já sinalizava a importância das reflexões e debates fundamentais para autorizar a implementação da educação bilíngue - Libras e Língua Portuguesa, no Brasil (BRASIL, 2014).

Segundo este Relatório, à Educação Bilíngue propõe a seguinte definição:

A Educação Bilíngue de surdos envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua (L1) por crianças surdas, no tempo de desenvolvimento linguístico esperado e similar ao das crianças ouvintes, e a aquisição do português como segunda língua (L2). A Educação Bilíngue e regular, em Libras, integra as línguas envolvidas em seu currículo e não faz parte do atendimento educacional especializado. O objetivo é garantir a apropriação e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português (BRASIL, 2014, p. 6).

Desse modo, o objetivo desta pesquisa será refletir sobre a educação das crianças surdas com o olhar para as famílias e, também, para as práticas educativas que as famílias buscam para ajudar no processo ensino aprendizagem das crianças surdas. O processo da educação de surdos é marcado por questões linguísticas, sociais e culturais, conforme já sinalizamos anteriormente. Desse modo, sabemos da importância da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que oficializa o ensino de Libras, e o Decreto nº 10.502/2020 (BRASIL, 2020), que consta que se deve apoiar o uso e a difusão da Libras

entre professores, alunos, e familiares que participam dessa comunidade surda, inclusive nos currículos dos cursos de licenciaturas de formação de professores.

Somos conscientes que o principal desafio enfrentado pelos surdos na sociedade brasileira é a barreira da comunicação, fator que dificulta sua inclusão na sociedade, em especial nas escolas. Assim, é necessário que investiguemos sobre esse tema para ajudarmos na construção de uma escola e de uma sociedade real e verdadeira, principalmente, para as crianças surdas, que é nosso foco do trabalho em questão.

Refletir sobre tais questões neste momento é primordial, pois sabemos das dificuldades para a implementação de uma educação bilíngue para surdos em nossa sociedade, para que lhes seja possível identificar seus espaços, seus direitos e fortalecer a convivência e os vínculos familiares, além de assegurar as políticas públicas de educação bilíngue para a promoção da cultura e identidade linguística da comunidade surda.

## **1.2 As pesquisas sobre famílias ouvintes e filhos surdos**

O artigo publicado na revista Educação Universidade Federal de Santa Maria – UFSM -, cujo título é: **“Pais ouvintes e filhos surdos: o lugar das famílias em propostas educacionais bilíngues”**, das autoras Ribeiro, Barbosa e Martins Oliveira (2019) afirmam que as crianças surdas que nascem em lares de pais surdos interagem em Língua de Sinais, naturalmente, como as crianças ouvintes, na língua oral-auditiva. Mas, também esclarecem que crianças surdas, filhas de pais ouvintes, enfrentam dificuldades para se relacionar com os membros da família, caso não haja oportunidade de apropriação da Língua de Sinais no tempo adequado, o que interfere negativamente em seu desenvolvimento linguístico e educacional. Embora o papel da família seja claramente estabelecido em documentos legais e de orientações específicas do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Especial que explicitam a importância da aprendizagem desta língua pelos familiares, os programas destinados a esse fim, constituem metas a serem perseguidas pelas escolas brasileiras. (RIBEIRO, BARBOSA E MARTINS OLIVEIRA, 2019, p.1).

A pesquisa de Tatiana Lebedeff (2012) sobre **“Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação”** apresenta contribuições para refletirmos sobre o impacto do diagnóstico da surdez na família, levando em consideração as consequências deste diagnóstico no

comportamento parental e nas relações dos pais com os outros membros da família. Nesta pesquisa é demonstrado a necessidade da intervenção precoce no seio familiar e são apontadas alternativas de apoio e orientação para as famílias. Para a autora a situação comunicativa de surdos em famílias de ouvintes também pode ser agravada, pois ouvintes e surdos possuem diferentes modelos de comportamento visual, assim como diferentes necessidades visuais.

Lebedeff (2012) continua explicando que, além dessa primeira barreira na comunicação, existem várias outras barreiras enfrentadas pelos pais no processo educacional de seus filhos, tais como: a falta de informação sobre a surdez e a educação de crianças surdas; problemas de comunicação que geralmente ocorrem entre pais e escolas; medo ou ressentimento dos pais em resposta aos encontros já ocorridos entre pais e escola; medo de saber algo negativo sobre seu filho e medo de ser culpabilizado. É colocado que muitos pais não conhecem a cultura escolar, necessitando de suporte para aprender a lidar com a escola em termos de expectativas, no que tange a como participar mais ativamente do processo escolar das crianças. Um outro ponto que a autora reflete é sobre a questão da linguagem para a criança surda, que é extremamente sensível, pois a criança necessita da linguagem para comunicar-se com seus pais e familiares. Para a autora, o uso da língua é um meio importante para estabelecer e solidificar os vínculos sociais e pessoais entre a criança e seus pais (GROSJEAN, 1999). Desse modo, percebe-se, no entanto, a dificuldade dos pais em lidarem com a possibilidade de seu filho desenvolver uma língua diferente da sua”. (LEBEDEFF, 2012, p.3)

Uma outra pesquisa intitulada “**Política linguística voltada para surdos no Brasil: reflexões sobre os domínios familiar e escolar**”, as autoras Ribeiro, Bertonha e Castro (2020) afirmam objetivamente como os domínios familiar e escolar aparecem em políticas linguísticas que visam à inclusão de surdos na sociedade. Para isso, por meio de análise do referencial teórico e documental selecionado e à luz das perguntas de pesquisa 1) O que são políticas linguísticas e como elas se desenvolveram ao longo dos anos até a contemporaneidade? 2) Como o domínio familiar é contemplado nas políticas linguísticas voltadas para os surdos? 3) Qual o caráter discursivo e prático das políticas linguísticas voltadas à educação bilíngue de surdos? procuram conceituar as políticas enquanto gerenciamento linguístico, aplicando tal concepção às medidas estabelecidas para a manutenção e preservação da língua de sinais e para o reconhecimento da pessoa surda. Além disso, busca apresentar um olhar mais detalhado

para dois aspectos que devem ser contemplados nestes postulados: a consideração da família e da educação como domínios-chave para o sucesso na (re) formulação e implementação dessas políticas na sociedade, pensando a aplicação deste aporte teórico e documental ao contexto brasileiro.

Ainda encontramos em nossa revisão de literatura, a pesquisa: **Pais ouvintes e filhos surdos: diálogos possíveis?** da autora Márcia Santana (2018) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que desenvolveu esta pesquisa como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia e os resultados apontaram que o processo de comunicação entre os pais ouvintes e filhos surdos se dá através do uso dos gestos caseiros, desenhos e músicas. Traz o relato de uma mãe e um pai que afirmam ter conhecimento básico da Libras, e uma mãe ouvinte que relata que não têm domínio da Libras. A falta de uma língua em comum entre pais ouvintes e filhos surdos limita as interações dialógicas entre eles. O âmbito escolar é o espaço privilegiado em que as crianças surdas estão tendo acesso ao uso frequente da Língua de Sinais, através do contato com as professoras e os seus colegas surdos. Entretanto, é perceptível que a relação família e escola precisa ser estreitada para o fortalecimento desse vínculo. A inserção dos gestos caseiros no espaço escolar não como uma língua, mas como intermediário pode ser um fator predisponente para que os pais pudessem estar participando desse ambiente e aprendendo a Libras em projetos, ou oficinas promovidas pela escola. Assim, ajudando a favorecer a interação dialógica entre pais ouvintes e filhos surdos.

A Dissertação de Mestrado “**O processo de aquisição da língua brasileira de sinais por filhos surdos de pais ouvintes: os desafios e as possibilidades nos contextos familiar e escolar (2020)**”, defendida em junho de 2020 na Universidade Federal da Bahia pela autora Tatiane Pereira, apresenta contribuições sobre o tema crianças surdas e pais ouvintes sobre a importância que a Libras exerce na vida dos sujeitos surdos a partir da comparação da função da oralização que perpassavam os contextos educacionais e familiares dos sujeitos surdos participantes do estudo. Pereira (2020) constatou que o desenvolvimento da criança surda depende de uma série de elementos estimulantes que partem, inicialmente, do meio familiar, estendendo-se rapidamente para o meio educacional. A autora também afirma que os desafios enfrentados pelas famílias que participaram da pesquisa são reflexos da cultura oralista amplamente debatida pelos referenciais teóricos como, por exemplo, em Goldfeld (2002), Quadros (1997) e Skliar (2017). Sabemos que essas concepções relacionadas a

proposta oralistas são recorrentes na sociedade majoritariamente ouvinte, o que contribui, sobremaneira, nas decisões relacionadas à escolha linguística. Sendo assim, a autora afirma que foi “possível identificar a função linguística que a Libras exerce na vida dos sujeitos surdos, mesmo em contextos compostos majoritariamente por pessoas ouvintes, como ocorreu nos casos analisados. Constatamos, com isso, que a escolha e valorização da língua de sinais reflete significativamente no ambiente de educação formal, assim como no âmbito do desenvolvimento social e cognitivo dos surdos participantes.” (PEREIRA, 2020, p.80)

Para Michelle Cappellini (2019) em sua dissertação de mestrado, defendida em 2019, na Universidade Federal de São Carlos (SP), cujo título foi “**Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas**” que teve como principal objetivo analisar aspectos de um processo de reflexão de familiares ouvintes de sujeitos surdos acerca de suas interações comunicativas em ambiente doméstico, e buscou entender e pesquisar as interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos sendo possível identificar a presença da Libras, do Português Oral, do bimodalismo, de gestos e mímicas na comunicação cotidiana das famílias. Desse modo, a forma mais frequente observada na primeira etapa da pesquisa foi uma comunicação bimodal: enunciados nas duas línguas (oral e de sinais) simultaneamente, sendo os sinais usados na ordem da gramatical língua oral e/ou o uso predominante da oralidade com a realização de alguns sinais como apoio para a língua oral.

Cappellini (2019) também reflete sobre os motivos que levam as famílias a não se comunicarem essencialmente em Libras e, segundo a autora, mesmo estando envolvidas no seu aprendizado, isso poderia suscitar um movimento de culpabilização das mesmas. Este trabalho, juntamente com os estudos aqui levantados, suscita algumas hipóteses: a relação da família com a surdez, a falta de aceitação da Libras por parte de outros familiares e /ou profissionais que atendem o sujeito surdo, os desafios implicados no aprendizado de uma segunda língua, e ainda, os aspectos psicoafetivos, relacionais e motivacionais de cada familiar. Também é relevante questionar o modo como as famílias estão aprendendo a Libras, lançando o olhar para a estrutura dos cursos oferecidos e os profissionais envolvidos, dando destaque aqui para professores/instrutores surdos e psicólogos. Esses aspectos trazem limites e possibilidades que circundam as tentativas das famílias em se envolver com a Libras. Isso nos mostra que não podemos afirmar que se trata apenas de uma atitude de descaso,

negligência ou falta de interesse pela Libras por parte das famílias ouvintes. (CAPPELLINI, 2019, p. 86).

No artigo das autoras Kelman e Faria (2007) **“Mães de surdos e suas percepções como mães de crianças surdas”** que teve como objetivos centrais conversar sobre temas de interesse que pudessem contribuir para uma melhor compreensão da surdez e das dificuldades decorrentes dessa condição e, também, ouvir suas crenças, percepções, valores, opiniões e atitudes acerca dos temas abordados. A intenção era dar voz às dúvidas, aflições e opiniões das mães, estabelecendo diálogo aberto e construtivo, com finalidade de promover atitudes proativas relativas à inclusão de seus filhos. Ressaltaram a importância de que busquem a inserção de seus filhos em um amplo número de microsistemas, como forma de enriquecimento de experiências e de facilitação da inclusão. As autoras ressaltam também que apesar de muitos familiares usarem gestos domésticos e de alguns surdos saberem leitura labial, ainda assim a comunicação pode se tornar restrita dentro do lar, acarretando, em muitos casos, que a criança surda se sinta isolada da própria família e se torne excessivamente dependente do suporte emocional e afetivo da mãe. É necessário desenvolver estratégias para atrair para o curso de Libras os parentes próximos e demais pessoas de seu círculo imediato, atitude, inclusive, tomada por algumas das mães que participaram desse estudo.

Segundo Bezerra (2019), em sua dissertação de Mestrado intitulada: **“A libras e sua capacidade de romper silêncios e criar laços no contexto familiar de pais ouvintes de criança surda”**, defendida na Universidade Federal de São Paulo, que teve como objetivo compreender a inserção da língua de sinais no processo de interação e comunicação de uma família ouvinte e verificar como a Libras auxilia na criação de laços afetivos e, também, a concepção que as famílias pesquisadas têm sobre a surdez. Os resultados indicam que o processo de ensino-aprendizagem da Libras propiciou melhorias nas interações no contexto familiar e, também, na aproximação afetiva entre pais ouvintes e filho surdo, além dos sentidos que os pais participantes tinham sobre a Libras e a surdez antes do ensino-aprendizado da Libras terem sido ressignificados. A autora também resalta sobre a importância da propagação da Libras para além dos muros da escola bilíngue.

Também nos debruçamos nos referenciais teóricos da pedagogia surda e a relação com a educação bilíngue e para isso a professora Ana Regina Campello (2008), ajudou-nos a refletir sobre a importância da pedagogia surda, pois está firmada nos

pilares da visualidade, isto é, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender.

A educação bilíngue reivindicada pelos surdos é um tema que iremos apresentar através das contribuições da pesquisadora Ronice Quadros (2019). Para a autora a proposta de educação bilíngue busca dialogar com o direito das pessoas surdas a utilizar a língua de sinais em seu processo educacional e em todas as situações do seu cotidiano, ou seja, a língua de sinais fazendo parte de sua formação, de sua cultura e de seu processo de ensino aprendizagem desde a educação infantil.

Também buscamos contribuições da professora Karen Strobel (2008) sobre cultura surda e como a cultura surda fortalece a identidade das crianças surdas e do povo surdo em seus processos de produção de conhecimentos na relação com o outro, com suas próprias experiências e vivências culturais surdas. Para a autora os sujeitos surdos se percebem e são percebidos enquanto sujeitos visuais na relação com o outro e de maneira diferente em alguns aspectos, porque suas vidas são diferentes por vivenciarem modos de ver e perceber o mundo através das experiências visuais que estão relacionadas com a Libras e a cultura surda e essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento das identidades surdas.

Segundo Strobel, 2008, p.22)

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Sendo assim, podemos perceber que a cultura do surdo é constituída por vários artefatos culturais do povo surdo, que podem ser a experiência visual, linguística, a literatura surda, a vida social, esportiva, artes, políticas e outros. De acordo com Strobel (2008) o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”.

Strobel defende que é de suma importância que o sujeito surdo tenha acesso às informações e conhecimentos em sua própria língua, pois favorece o fortalecimento da identidade surda e se torna fundamental uma interação e relação com o povo surdo onde se usa a língua de sinais.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. A língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante não só nas pesquisas, como também nas comunidades surdas. Embora se encontrem registros de que já no século XVIII se reconhecia a importância da língua de sinais, foi somente no século XX, nos anos 60, é que tiveram o início os primeiros estudos linguísticos sobre ela. (STROBEL, 2008, p. 61)

Sendo assim, através das contribuições da Strobel (2008)), podemos perceber que as crianças surdas e seus familiares que têm acesso à língua de sinais e à participação na comunidade surda tem maior segurança, autoestima e identidade surda. Por isto, é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificam e tem acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano.

### **1.3 Os marcos legais que embasam o campo da Educação de Surdos**

Na Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) no capítulo I, no artigo 5º, afirma que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. No capítulo seguinte, o artigo 6º expõe que são direitos sociais: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

Ainda na Constituição em seu artigo 205 prevê que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No artigo 208, também podemos inferir que o direito à educação para todos é também um direito fundamental para a educação de surdos – e, também, aos demais “portadores de necessidades educacionais especiais”, assim designados na Constituição, hoje denominados “pessoas com deficiência” – e ganhou força após a publicação de outras leis específicas para a educação, educação especial, e educação de surdos.

Ao focar no dever do Estado sobre a educação, o Artigo 208, da Constituição (BRASIL, 1988) expõe a garantia de

- I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II – progressiva universalização do ensino médio gratuito;
- III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; 73
- V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, 1988, p. 121-122).

Podemos perceber que no artigo 208 da Constituição afirma que o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino e para atender a tais finalidades no âmbito da educação escolar, a Carta Constitucional, no Artigo 210, já reconhece a necessidade de que sejam “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais, artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988).

Já no artigo 215 (BRASIL, 1988) aborda que o Estado terá que garantir o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. No seu parágrafo 1º, ressalta que assegurará a proteção das expressões culturais populares, indígenas e afro-brasileiras, e, também, de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Nesse artigo, vemos garantido o direito da criança surda ao acesso à cultura surda e tudo o que dela faz parte, à língua e todas as suas representações. Ainda assim, não há, até esse momento, um respaldo explícito em lei sobre a garantia de acesso à Libras e à educação bilíngue, por exemplo.

Com base nesses marcos constitucionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 (BRASIL, 1996), no seu artigo 1º afirma que educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Nesse artigo 1º, a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) deixa claro ao reforçar o que diz a Constituição nos artigos 205 ao artigo 215 sobre os deveres do Estado em garantir a Educação, para todo o desenvolvimento dos processos formativos. E – no Título IV,

que explica sobre a Organização da Educação Nacional, no artigo 12, item VI – afirma que as instituições de ensino, além de outras obrigações, terão a incumbência de —articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. (BRASIL, 1996), já antecipado pela Constituição, educação é direito de todos e dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Encontramos ainda na LDB nº 9394/96 (BRASIL, 1996) em seu capítulo 5º, artigo 58 § 1º, que é dever do Estado garantir o atendimento educacional especializado gratuito para atender às necessidades peculiares de cada aluno, com suas necessidades, diferenças e dificuldades. Percebemos, então, a partir da LDB, a importância de que a Escola esteja articulada com a Família para criar maneiras de assegurar a educação formal no país.

Para garantir o atendimento educacional a todos e o direito à acessibilidade às pessoas com deficiência, a primeira lei em destaque é a Lei Nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000, que apresenta normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos (BRASIL, 2000). Sobre a acessibilidade e eliminação de barreiras de comunicação, o artigo 2 do documento afirma que é preciso acabar com qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação.

Assim, no artigo 17 da Lei Nº 10.098/2000 (BRASIL, 2000), estabelece que é dever do Poder Público promover a eliminação de barreiras na comunicação e assegurar o direito à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. Há, também, no seu artigo 18, a responsabilidade do Estado em implementar a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa com deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação (BRASIL, 2000). Mesmo com a garantia à acessibilidade que essa lei promove, existem aspectos que esta não contempla quando pensamos na(s) Comunidade(s) Surda(s) como minoria linguística. Termos como linguagem de sinais, utilizado pelo documento, não abarcam a concepção da Libras como uma língua do país utilizada por uma minoria linguística.

E é neste contexto que é reconhecida como meio legal de comunicação a Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002), que já em seu artigo 1º, reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como meio de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico

de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, e que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. E no artigo 4, afirma-se que é dever do sistema educacional garantir a inclusão do ensino da Libras nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior [...] como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002).

Em 2005, é publicado e para dar respaldo e regulamentar a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. No presente Decreto há um marco significativo, que expõe de modo claro a distinção entre surdez e deficiência auditiva

considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005, p. 1).

Podemos notar claramente que no presente parágrafo, há um esclarecimento de que a pessoa surda é aquela que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais e não como uma pessoa com deficiência, mas se percebe em sua cultura e, principalmente, pelo uso da Língua Brasileira de Sinais.

Um outro ponto significativo que podemos refletir a partir do Decreto é a oposição em relação ao posicionamento à visão médica na sociedade sobre o termo deficiência auditiva e a incapacidade do sujeito Surdo. Em relação ao desenvolvimento e o avanço educacional do Surdo, o decreto, em seu capítulo II, artigo 3º afirma a inclusão da Libras como disciplina Curricular e obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, nos cursos de Fonoaudiologia, em instituições de ensino públicas e privadas do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal, e dos Municípios. (BRASIL, 2005). Já no capítulo IV, artigo 14, apresenta o uso e a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, e ao dever das instituições de ensino brasileiras de garantir o acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior (BRASIL, 2005).

O Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) também afirma, que para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no *caput*, as instituições federais e as escolas do país têm a obrigação de ofertar o ensino da Libras e da língua portuguesa como segunda língua (L2) para os alunos surdos desde a educação infantil, com o objetivo de promover as instituições educacionais com docentes e instrutores de Libras, tradutor e intérprete de Libras – língua portuguesa, professores para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa como L2 na modalidade escrita e professor regente que compreenda as singularidades linguísticas dos alunos surdos.

Ainda de acordo com o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), as escolas têm a responsabilidade de patrocinar, em toda a comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos. Desse modo, as escolas de educação bilíngue para surdos podem ofertar cursos de Libras para toda comunidade, familiares e alunos. Assim, possibilita o aprendizado da Libras e assegura não apenas ao aluno, mas também aos familiares, uma das grandes conquistas do presente decreto, que é introduzir a Libras no seio familiar.

No artigo 16, aborda sobre a oferta da modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade. Neste sentido, a língua portuguesa será ensinada nas escolas apenas em sua modalidade escrita. No seu capítulo VI, é ressaltado sobre a garantia do direito à educação ao alunado surdo ou com deficiência auditiva. E no artigo 22 apresenta o dever das instituições educacionais brasileiras de assegurar a inclusão dos estudantes surdos por intermédio de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005);

Ainda encontramos no Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) no artigo 22 parágrafo 1º, são denominadas escolas e classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo (idem). No parágrafo 3º do mesmo artigo permite-se aos pais e aos alunos surdos a opção ou preferência de escolherem pela educação sem o uso de Libras.

Em 2008, após o decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), um documento é construído por um grupo de trabalho, que denomina a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-EI) (BRASIL, 2008). O objetivo do documento é assegurar a inclusão escolar dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação para orientar os sistemas educacionais e, com isso, promover, entre diversos aspectos, a participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e na articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p. 14). Notamos no presente documento o destaque da importância da articulação entre família e escola no processo de inclusão escolar. Segundo a PNEE-EI (BRASIL, 2008), a educação de surdos deve promover o desenvolvimento do ensino através Libras e língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, além da necessidade de haver tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa e ocorrer o ensino da língua de sinais aos discentes ouvintes da instituição que devem ter por base uma educação bilíngue.

Em 2015, é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que aborda questões relacionadas à inclusão social e educacional do surdo, tendo em seu artigo 1º definir o seu objetivo de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. No capítulo II da lei, em que se expõe a garantia do direito à igualdade e não discriminação, o artigo 17, diz que é dever do estado garantir à pessoa com deficiência e sua família a aquisição de informações, orientações e formas de acesso às políticas públicas disponíveis, com a finalidade de propiciar sua plena participação social para possibilitar à pessoa com deficiência o exercício de sua cidadania.

No seu capítulo IV, em que expõe a garantia do Direito à Educação, e no artigo 27 onde é afirmado que a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Em seu parágrafo único diz que a educação é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL 2015).

Nesta mesma Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015) que versa sobre a educação, podemos constatar no artigo 18 a importância e o dever do Estado em criar políticas públicas para desenvolver e implementar e incentivar e acompanhar e avaliar, entre outros aspectos, tais como:

XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio; XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação (BRASIL, 2015).

Assim, percebemos a importância que esta Lei dá ao ensino de Libras e a formação de docentes para o atendimento aos alunos surdos. Ressaltamos da importância e a necessidade das leis que promovam e garantam o direito à educação as crianças surdas e tantas outras crianças que precisam de uma educação de justa e de qualidade.

Assim, a educação de surdos, historicamente, precisa ser respaldada pelos marcos legais, pois é fundamental que o aluno surdo e seus familiares possam ter garantidos os direitos já constituídos em Lei, ou seja, o acesso à educação de qualidade, o respeito à cultura e sua singularidade linguística e visual, a educação bilíngue, à aprendizagem da Libras, à informação e orientação aos familiares sobre a importância da Libras na vida de uma criança surda. (BEZERRA, 2019).

Podemos afirmar que a comunidade Surda tem contribuído muito para que esses direitos sejam reais nas relações cotidianas, nas práticas escolares, sociais e culturais na vida do Surdo e de suas famílias, pois dão garantias de direitos e, portanto, reconhecem a língua como um movimento de valorização das diferenças e inclusão social e

reivindicam o desenvolvimento da pessoa surda e desdobramentos culturais, bem como o fortalecimento da educação bilíngue como base para a educação dos surdos.

No Brasil, notamos os avanços legislativos expressos nos documentos oficiais, leis e políticas públicas que legitimam os direitos do surdo e de sua família, mas na prática ainda há lutas e reivindicações para que de fato saiam do texto e se tornem reais na vida prática cotidiana da comunidade surda. São lutas constantes que asseguram direitos que, por séculos, foram negados. (LODI, 2013, FERNANDES, MOREIRA, 2014, BEZERRA, 2019)

A lei mais recente que cita questões relacionadas aos novos encaminhamentos da Educação de Surdos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), e que passa a vigorar acrescida do seguinte Capítulo V-A: A Lei 14.191 de 3 de agosto de 2021 (BRASIL, 2021), que altera a Lei 9394/1996 - LDB para dispor sobre a Educação Bilíngue para Surdos.

#### DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

Outro dispositivo legal que agrega instrumentos com o objetivo de aprimorar e ampliar a oferta da educação bilíngue, é o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 (BRASIL, 2014), que, em sua Meta 4, expressa as lutas e discussões advindas da sociedade civil pela garantia do direito à educação, respeito às características individuais e acessibilidade ao prever a universalização do acesso à educação básica e da educação bilíngue para comunidade surda.

Assim, com o objetivo de atender aos marcos legais existentes e às necessidades advindas da sociedade, o Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), apresentou dispositivos ratificando a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas comuns, tendo a Meta 4 e suas respectivas estratégias como base das ações educacionais para todos os entes federativos.

Segundo Furtado, Gomes e Castro (2022) ressaltam que a Meta 4 é constituída por dezenove estratégias que abordam a universalização do atendimento escolar e o

atendimento educacional especializado a todos os estudantes que integram esse público; a implantação de salas de recursos multifuncionais; a formação continuada dos professores para o AEE; a educação bilíngue; a acessibilidade nas escolas públicas.

A meta 4 do Plano Nacional de Educação – PNE -2014-2024 afirma:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014)

A Estratégia 4.6, da Meta 4, do atual PNE (BRASI, 2014), também tem por objetivo a promoção e a ampliação em relação à acessibilidade e a garantia ao acesso para todos os alunos com suas diferenças e, também, que se torne acessível materiais didáticos apropriados com recurso tecnológicos que assegure ao contexto escolar acessibilidade a todos.

Sendo assim a Estratégias 4.6 do PNE/2014, tem como proposta

manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilização de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2014).

Além disso, a estratégia 4.7, da Meta 4, na Lei 13.005/2014, que instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2014-2024 afirma;

Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (as) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (BRASIL, 2014)

Aprendemos desse documento uma estratégia política de construir um novo parâmetro articulado no plano pedagógico e estratégico, em torno de ideias como o direito à educação dos estudantes surdos e de uma educação bilíngue, como forma de

atender ao direito à educação e a necessidade de reconhecer a diversidade e a valorização das diferenças humanas.

Nessa guisa, confirma o pensamento de Furtado, Gomes e Castro (2022), pois o plano se constitui numa ferramenta para planejar estratégias didáticas e práticas que serão utilizadas pelas escolas objetivando o alcance de metas estabelecidas para sua organização e desenvolvimento das ações no cotidiano das escolas e da sociedade.

#### **1.4 Famílias ouvintes e crianças surdas: o que podemos aprender?**

O conceito de família vem sofrendo mudanças ao longo da história. No artigo 226 da Constituição 1988 (BRASIL, 1988) afirma-se que a família, base da sociedade, deve estar em especial proteção do Estado. No inciso 4º, entende-se, também, como entidade familiar, que é uma comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Assim, podemos entender que uma família é fundamentada como um núcleo no qual o ser humano é capaz de se desenvolver em todas as suas potencialidades individuais, e tendo como o princípio da dignidade da pessoa humana, além dos princípios do Direito das FAMÍLIAS.

Além disso, o reconhecimento da importância da família para o processo educacional se explicita em vários artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), que estabelecem a incumbência das instituições de ensino e de seus docentes se articularem com as famílias, visando integrá-las à escola, e auxiliarem a fortalecer os vínculos familiares, embora percebo que essa garantia da lei nem sempre é defendida, afinal, ainda lidamos com profissionais despreparados não só na educação, como também na saúde, assim, conseqüentemente os familiares encontram-se cada vez mais perdidos.

Todos são cientes da importância da família para a promoção do desenvolvimento da criança, especialmente das crianças surdas, procurando dar ênfase às interações desenvolvidas no microuniverso da família, considerando a sua influência preponderante na evolução das relações futuras da criança.

De acordo com Celeste Azulay Kelman (2011) família é o local onde se constitui e ocorrem os primeiros contatos e trocas sociais de uma criança. Com isso é no núcleo familiar onde acontece os vínculos comunicacionais primários, “constituídos de

significados e sentidos absorvidos por meio da internalização das trocas dialógicas, possibilitando o desenvolvimento do pensamento” (KELMAN, 2011, p. 353).

O desenvolvimento de uma criança depende das relações e das trocas que ele estabelece com outras crianças e, também, com os adultos, alterando seu comportamento através das interações que vão sendo feitas e internalizadas em seu processo e desenvolvimento cognitivo e afetivo. É fundamental que a relação entre pais e filhos seja compartilhada em um mesmo canal de comunicação para que esses vínculos sejam estabelecidos pautados nas trocas culturais, nos valores, e outros aspectos socioculturais que formam as crianças. Para isso a criança surda precisa do suporte familiar para que o seu desenvolvimento seja estabelecido de modo eficaz, tanto no que concerne aos significados quanto ao desenvolvimento linguístico, cultural e social das crianças surdas.

As crianças surdas precisam de um ambiente linguístico natural para a aquisição de sua primeira língua. Sendo assim, a família precisa integrar-se ao contexto linguístico e cultural da comunidade surda com o objetivo de aprender a língua de conforto (Libras) da criança surda, respeitando sua diferença linguística, principalmente, em seu processo educacional e levando-lhes o direito de acesso a sua língua natural e à língua oficial do país.

Sobre essa questão Skliar (2003) afirma que

nas últimas três décadas produziu-se uma significativa mudança na educação de surdos, tanto no que se refere às concepções ideológicas – fragmentação dos modelos clássicos e terapêuticos dominantes, crítica à noção da surdez como doença, problematização da ideia de uma normalidade ouvinte (majoritária) em oposição a uma alteridade surda (minoritária), ruptura teórica com a educação especial no relacionado ao seus paradigmas dominantes (modelo da deficiência e modelos de inclusão escolar) etc., - quanto à organização educacional e escolar – construção de novas arquiteturas escolares e educacionais, participação das comunidades surdas e dos movimentos sociais surdos nas decisões pedagógicas, preocupação com os projetos para a formação de professores (surdos e ouvintes), uma maior tendência a considerar a língua de sinais como primeira língua, discussão sobre a didática em relação a segundas línguas, mudanças (ainda que superficiais) no currículo escolar, presença de instrutores surdos nas escolas, etc. (SKLIAR, 2003, p. 85, 86).

Então, em consonância com a luta da comunidade surda, juntamente com o momento cultural, em defesa ao respeito pelas diferenças como constituintes da humanidade, a proposta da educação bilíngue se volta ao fortalecimento e valorização da Libras e da Cultura surda, assumindo um papel importante na organização e no

fortalecimento de escolas bilíngues, pois no caso de alunos surdos e as questões linguísticas e culturais inseridas nas demandas de aquisição da língua de sinais como primeira língua, de língua portuguesa como segunda língua e ampliando as possibilidades da constituição da identidade surda por meio da convivência e da valorização da língua e da cultura surda na escola, em uma perspectiva de uma educação bilíngue para as crianças surdas.

A proposta da educação bilíngue para surdos, partindo-se de uma perspectiva política, pode ser definida como uma epistemologia de oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas, características da educação e da escolarização de surdos nas últimas décadas. (SKLIAR, 2003.p.86)

De acordo com a afirmação de Skliar (2003), podemos perceber que a educação bilíngue para alunos surdos se configura como uma nova forma de ensinar e aprender, mas não apenas em um simples ensino de duas línguas, mas uma nova dimensão pedagógica que deve estar inserida no campo linguístico e, também, numa dimensão política e cultural, pois a educação bilíngue envolve a escolarização dos alunos surdos, “da língua através do qual a criança surda poderá formular hipóteses sobre o mundo, criticar, dialogar, se emocionar” (SKLIAR, 2003, p.93)

A educação bilíngue para surdos deve ser pautada em um projeto educacional com uma consistência política, para entender a educação de surdos como “uma prática de direitos humanos com o objetivo de promover uma cultura de respeito aos princípios que embasam a educação bilíngue e a educação em direitos humanos como construção de um projeto alternativo de sociedade: inclusiva, democrática e plural” (MOITINHO, 2016, p.40).

Por isso, a criança surda precisa encontrar na família e, também, na escola uma prática pedagógica e uma didática como um suporte necessário para o seu desenvolvimento humano e sua formação como de sujeitos de direitos, a nível pessoal e coletivo, que articule as práticas cotidianas concretas com o contexto educacional e contexto familiar, pois buscamos uma escola e uma sociedade inclusiva e bilíngue, que reconheça as diversidades e as diferenças individuais, físicas, culturais e sociais.

De acordo com Stelling, Torres e Castro (2014) as famílias ouvintes que têm filhos surdos inicialmente não compreendem a situação linguística em que seu filho e eles mesmos se encontram, porque, de fato, a maioria não tem conhecimento do que é ser surdo, sua cultura, sua língua e passam a conhecer a partir do ponto de vista clínico, ou seja, a partir da surdez como deficiência auditiva. Para os autores a grande maioria

de pais ouvintes não conhecem a surdez a partir do ponto de vista dos próprios surdos, “assim como podem não conhecer pessoas surdas adultas, não saber como elas agem, como é o seu dia a dia, como se comunicam, como pensam e sentem. (p.18) As famílias ouvintes, em sua maioria, não conhecem a libras e não tem conhecimento pedagógico e cultural para entender, que a linguagem é de suma importância na formação da identidade e da subjetividade de uma criança surda. Assim, a linguagem, a Libras e, também, a cultura surda são centrais para o desenvolvimento da identidade das crianças surdas.

A cultura e a Libras, como bem sabemos, são fundamentais para que a criança surda entenda o seu meio e o seu mundo social, cultural e linguístico para o seu próprio desenvolvimento. Ser privado de uma língua, logo na primeira infância, pode acarretar sérios problemas em seu desenvolvimento linguístico e em sua comunicação, segundo Quadros e Karnopp (2004). A língua de sinais deve ser considerada como a primeira língua da criança surda para que o seu desenvolvimento cognitivo e linguístico na primeira infância não seja afetado. Sendo assim, para a criança surda deverá ser apresentado um ambiente linguístico adequado para que ela possa se desenvolver e compreender o mundo e se comunicar com os seus familiares.

As famílias ouvintes, por não saberem como se dá a aquisição de uma língua gesto visual e por não saberem também que a falta de uma língua no desenvolvimento da criança surda e na formação de sua subjetividade, pode trazer sérios prejuízos nos seus relacionamentos, inclusive muito antes de seu ingresso na escola. Contudo, como afirma Skliar (1997) as consequências ao acesso tardio da língua de sinais por parte das crianças surdas e o “seu uso restringido a práticas comunicativas parciais, com as consequências negativas que isto implica para o desenvolvimento cognitivo e, sobretudo, para o acesso à informação e ao mundo do trabalho” (SKLIAR, 1997, p.131).

Portanto, a comunicação linguística que promoverá um bom desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo será a Libras, como afirma a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002):

Art. 1. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressões por ela associados.

Parágrafo Único. Estende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual – motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002)

Pois o sujeito surdo é aquele que interage com o mundo social, cultural e linguístico através do contato visual, ele se apropria da língua de sinais – a Libras. A língua de sinais permite ao surdo expressar os seus sentimentos e visões sobre o mundo que o rodeia, pois é a língua que a comunidade surda utiliza para a sua comunicação e o fortalecimento de sua cultura e identidade surda com suas características e diferenças culturais e políticas.

A Libras rompe silêncios, fortalece identidades, quebra barreiras de comunicação e cria conexões afetivas.

A Libras é uma língua natural, sendo constituída por aspectos próprios e se apresenta estruturada em todos os níveis e variações linguísticas, como as línguas orais (GESSER, 2009.) A Libras desempenha um papel importante como meio de comunicação, pois ela apresenta estrutura gramatical. Gesser (2009) afirma que a língua de sinais de fato, possui gramática e para ela “o reconhecimento linguístico” foi baseado nos estudos realizados pelo linguista americano William Stokoe em 1960 (GESSER, 2009).

A cultura surda é o lugar para o ser surdo construir sua subjetividade, de forma a assegurar e a ter seu status diante de suas diferenças e diferentes identidades, pois é preciso respeitar a condição da realidade humana e da cultura em uma perspectiva democrática que valorize a diversidade na educação e na sociedade para o reconhecimento e valorização do outro e para o diálogo intercultural com diferentes grupos sociais e culturais.

Para Strobel (2008, p. 22) em seu livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”, a também pesquisadora surda afirma:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 22).

Sendo assim, podemos perceber que cultura surda é um modo de ser surdo e de se relacionar a partir das experiências visuais proporcionadas pelas relações comunicativas, vivenciadas a partir dos modelos linguísticos, especialmente dos

integrantes da família e das pessoas que vivem e sentem a experiência visual, no caso dos surdos. Refere-se a um olhar que se constrói sobre a surdez enquanto experiência visual, indicando orgulho e identidade compartilhados pela comunidade surda.

A pesquisadora surda, Perlin (2004), afirma que as atitudes fazem com que os surdos se identifiquem ao mundo visual próprio deles:

É o caso de ser surdo homem, de ser surdo mulher, deixando evidências de identidade, o predomínio da ordem, como por exemplo, o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia etc. (PERLIN, 2004, p. 77)

Cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas que são significadas por um grupo de pessoas que vivem e sentem experiências em sua comunidade, e isso inclui, também, o processo de aquisição da língua - a Libras, ou seja, precisa ser fornecida à criança surda o contato com a Língua de Sinais o quanto antes, para a construção de sua linguagem, o encontro com sua cultura e o seu desenvolvimento cognitivo e social em respeito à sua diferença cultural. “A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora”. Símbolos e práticas jamais aproximados da cultura ouvinte” (PERLIN, 2004, p.56). Com a aquisição da língua, o sujeito surdo terá condições de interagir na comunidade surda e, também, fora dela, onde conseguirá trocar experiências, sentimentos, novas compreensões de mundo e desenvolverá, assim, sua subjetividade de forma potencializadora, criadora de novos sentidos a partir de experiências visuais e não experiências auditivas da cultura ouvinte.

A criança surda precisa ter o apoio da família com todo o suporte necessário para vivenciem ambientes de socialização, apropriação e reinvenção da cultura surda, como sujeitos culturais e sujeitos de direitos já garantidos na Constituição Federal (BRASIL, 1988) no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 2000), Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), no Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) e em todos os âmbitos que as crianças surdas fazem parte, pois é um direito do surdo, principalmente da criança surda, de desenvolver suas potencialidades e capacidades visuais para a aquisição da língua de sinais e do respeito às suas singularidades e subjetividades, mas para isso será preciso saber trabalhar com a diferença para que cada um possa viver com a diferença.

Quadros e Karnopp (2001) ressaltam sobre a importância das crianças surdas serem educadas na Libras:

As crianças surdas precisam ter acesso à educação na LIBRAS. Os direitos humanos preveem isso e é dever do estado garantir que isso aconteça. O processo educacional ocorre mediante interação linguística e todos os professores devem dominar a LIBRAS para serem professores de surdos (KARNOPP, 2001, p.11).

Portanto, para Quadros (2019) a língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades e a língua no contexto da educação de surdos está respaldada pela Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), pelo Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), e pela Lei 13,005/2014 (BRASIL, 2014), que estabelece o Plano Nacional de Educação para o período de 2014-2024. Atendendo a essas orientações políticas e legais, a escola deve ser um espaço de reflexões e de criação de práticas bilíngues com respeito às diferenças, a cultura surda e a língua.

Sendo assim, buscamos uma visão sociocultural que concebe a surdez em seus aspectos sociais, linguísticos e culturais. Essa visão tem como proposta a valorização do surdo como protagonista de sua própria história, com a sua língua, sua cultura e sua comunidade, pois a visão sociocultural está alinhada aos princípios dos direitos humanos e alinhada com a visão sobre o ser humano como uma pessoa igual, mas com suas diferenças.

No próximo capítulo, será apresentado a fundamentação teórico-metodológica que foi utilizada para a presente pesquisa, com uso de entrevistas semiestruturadas com famílias ouvintes e filhos surdos.

## **CAPÍTULO 2**

### **Caminhos Metodológicos: primeiros apontamentos**

O conhecimento do mundo social permite ver coisas que os outros não vêem. (BOURDIEU, 2002, p. 22)

Como já salientamos, o principal objetivo deste trabalho foi a percepção das relações e interações das famílias ouvintes com seus filhos surdos e a relação da escola com a Libras. Por isso a opção por uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois dialoga diretamente com as especificidades da pesquisa em questão. Neste capítulo será apresentado a fundamentação teórico-metodológica que utilizamos na investigação no campo empírico, onde optamos pela realização de entrevistas com 16 famílias ouvintes e filhos surdos, pois, trata-se de uma abordagem investigativa, que aproxima o pesquisador ao campo pesquisado de forma que possa coletar os dados a partir das considerações, das experiências, e do ponto de vista dos sujeitos investigados.

#### **2.1 A Pesquisa Qualitativa e o contexto da pesquisa**

Segundo Bogdan e Biklen (2004), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural e uma relação direta e dinâmica entre o mundo real e o sujeito, pois o ambiente natural é a fonte direta para a coleta dos dados e o pesquisador se dá como o principal instrumento da pesquisa, pois a “investigação qualitativa é descritiva e tem como principal instrumento a entrevista, pois os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não de números” (BOGDAN E BIKLEN, 2004, p.42).

Ainda de acordo com Bogdan e Biklen (2004) na investigação qualitativa o pesquisador adentra no mundo dos seus informantes, que pretende conhecer, pesquisar, e estudar para elaborar um registro sistemático de tudo que ouve e observa, de forma a fazer entrevistas aprofundadas para construir uma variedade de possibilidades de encaminhamentos e decisões quanto à forma para coletar as informações e, também, para analisar os dados obtidos.

Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimentos, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o

possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.  
(BOGDAN E BIKLEN, 2004, p.48)

No contexto desta pesquisa, seguindo as contribuições do pesquisador KAUFMANN (2012), as entrevistas foram desenvolvidas numa abordagem compreensiva e descritiva, para obter os dados em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um dos sujeitos pesquisados percebe, e significa sua realidade. Assim, nos proporciona a construir dados e informações consistentes que possam nos permitir a descrever e compreender a lógica que envolve as relações que se estabelecem no interior do grupo pesquisado, ou seja, as relações que se estabelecem com as famílias ouvintes com seus filhos surdos, para assegurar as informações em maior profundidade para ampliar os ângulos das observações.

Considerando a importância de que os entrevistados deixassem fluir suas experiências e suas histórias, as entrevistas foram sendo desenvolvidas numa relação de diálogo, onde os participantes foram narrando suas vivências, lembranças, e emoções sobre o tema pesquisado.

Seguindo os passos da pesquisadora Marli André (2013) essa proposta de trabalho tem como perspectiva conceber o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos através de suas interações cotidianas, buscando a transformação, e sendo, também, transformadas por elas. “Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem núcleos centrais para o pesquisador” (ANDRÉ, 2013, p. 97).

A proposta metodológica foi se delineando através do estudo bibliográfico e da pesquisa qualitativa, tendo como suporte as entrevistas semiestruturadas com mães ou pais de crianças surdas. Deixamos claro que não delimitamos os sujeitos da pesquisa, no sentido de que só iremos entrevistar as mães e, por isso, estamos utilizando a categoria família para não considerarmos apenas uma categoria de sujeito a ser entrevistado, pois sabemos que a categoria família envolve vários sujeitos na formação de uma criança surda ou ouvinte.

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para aprofundar nas pesquisas que falam sobre família ouvintes com filhos surdos, educação de surdos, e os marcos legais, criando uma base teórica para ancorar as análises dos dados levantados e responder as questões investigativas. A pesquisa bibliográfica é de suma

importância para embasar teoricamente todo o processo da pesquisa, tendo como principal fonte a pesquisa em artigos publicados em periódicos nacionais, em teses, e dissertações disponíveis no banco de dados de Teses, Periódicos da CAPES, e site de Universidades brasileiras e livros com as temáticas a serem pesquisadas. A partir da revisão de literatura e do estudo aprofundado do referencial teórico buscou fazer intervenções diretas, junto ao material coletado para elaborar com mais detalhes as questões propostas na presente pesquisa (GIL, 2002). Desse modo, a problematização do objeto da pesquisa, juntamente com o conhecimento teórico integrado, poderá devolver ao campo os resultados analisados em profundidade.

## **2.2 Os procedimentos éticos e técnicos para a coleta dos dados**

Em respeito à legislação, buscamos trabalhar com a ética na pesquisa e resguardar os sujeitos participantes, que foram respaldados pelas orientações do comitê de ética da Plataforma Brasil, e, posterior à autorização, iniciamos a pesquisa de campo com os sujeitos delimitados na proposta de trabalho. Esta dissertação de pesquisa também seguiu as orientações da Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) que “visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado, pois os projetos de pesquisa que tem como proposta pesquisar seres humanos precisam estar de acordo com a presente Resolução. A presente pesquisa está registrada no Comitê de ética e aprovada sob o Número do Parecer: 5.104.829, no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Sendo assim, alguns aspectos da pesquisa foram conduzidos com total segurança e respeito aos participantes da pesquisa, e de modo a seguir as normas da Resolução Nº 466 de 2012 (BRASIL 2012), tais como:

- ✚ Os achados da pesquisa, fatos, ou informações encontradas em seu decorrer, que sejam considerados de relevância para a pesquisa, e para os participantes que serão analisados, além disso serão disponibilizados aos participantes como relatório final e em formato de um Manual com as principais informações.
- ✚ Todos os participantes foram esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar a medida de sua compreensão, e foram respeitados em suas singularidades.

- ✚ Em relação a assistência ao participante da pesquisa: Todos os participantes foram informados sobre as entrevistas, que foram feitas pelo *ZOOM*, o cuidado com as gravações e a segurança dos participantes que foram entrevistados de suas próprias residências, além de ficarem à vontade para escolher o melhor horário, dia da semana e o momento mais confortável a partir de sua própria rotina sem provocar nenhum incômodo ao entrevistado, e nem ao entrevistador.
- ✚ Os benefícios da pesquisa – Toda pesquisa envolve benefícios para a sociedade, principalmente, para a nossa área de atuação, que é a educação de surdos. Iremos produzir conhecimentos práticos e teóricos a partir da pesquisa de campo e, também, teórica, com o objetivo de construir conhecimentos didáticos e pedagógicos, em diálogo com as famílias e suas experiências com o ensino remoto, com as práticas escolares, e, principalmente, a educação das crianças surdas. Um benefício de suma importância da pesquisa é que o produto construído será utilizado de forma coletiva, pois, os resultados da pesquisa serão transformados em um produto com orientações sobre estratégias didáticas e pedagógicas a partir das experiências das famílias ouvintes com seus filhos surdos a partir do ensino remoto.
- ✚ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE- todos os entrevistados receberam uma cópia como anuência do participante da pesquisa e, também, deixamos claro aos participantes que eles terão o direito de se retirar do estudo a qualquer momento, e ainda terão total respaldo para se retirar da pesquisa a qualquer momento.
- ✚ Falamos sobre os riscos da pesquisa – deixamos claro aos participantes sobre os riscos da pesquisa, pois toda pesquisa envolve riscos, no entanto, buscamos ferramentas metodológicas consistentes para evitarmos os riscos mais comuns nas pesquisas com seres humanos, tais como: possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente; Há também os possíveis riscos, tais como: desconfortos e constrangimentos. Entretanto, tomaremos todos os cuidados na elaboração do conteúdo e no modo da aplicação das entrevistas para a coleta dos dados. Dialogamos também sobre a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa. Todos os cuidados serão tomados com os participantes da pesquisa em relação ao sigilo e ao anonimato da pesquisa.

Para a análise dos dados será considerado o caderno de campo da investigadora, com as anotações do referencial teórico, as observações realizadas através das entrevistas com os sujeitos participantes, e, também, será aplicado um questionário aos entrevistados.

Entrevistar não é somente um mecanismo para reunir informações. São necessárias habilidades humanas como paciência, humildade, vontade de aprender com o outro e de respeitar seus pontos de vista, mesmo que você não compartilhe destes, mas se constitui como um recurso primordial para coletar as representações e os sentidos construídos pelos sujeitos na descrição e narração dos dados.

A pesquisadora e Professora Rosália Duarte em seu artigo “**Entrevistas em pesquisas qualitativas**”, publicado em 2004 na Revista Educar, afirma que para a realização de uma boa entrevista, são exigidos alguns pontos que todo pesquisador deve ter cuidado no momento da pesquisa, tais como:

a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”).

b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo — egos focais/informantes privilegiados —, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo).

c) a introdução, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas).

d) segurança e autoconfiança.

e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação (DUARTE, 2004).

Para pesquisas que fazem o uso de entrevistas é de suma importância explicitar os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados. Além disso, o número de informantes, e como se dará às situações de contato com os entrevistados que serão convidados para participar da pesquisa, pois os dados recolhidos no campo são fundamentais para a construção de novos conhecimentos e de novas reflexões sobre o tema pesquisado.

### 2.3 Caracterização dos participantes da pesquisa

Participaram das entrevistas 16 famílias, que foram representadas por 14 mães e 2 pais em que todos afirmaram a importância da Libras para o desenvolvimento de seu filho surdo. Quase todos são usuários de Libras, mas com níveis<sup>2</sup> de conhecimentos diferentes, pois nem todos os participantes possuem fluência na Libras e alguns falaram que tem apenas o básico da Libras, e que a comunicação com os filhos surdos perpassa pela oralidade como sendo um recurso utilizado pelas famílias ouvintes que participaram das entrevistas. As famílias foram escolhidas a partir dos meus contatos profissionais, adquiridos como professora de alunos surdos, e, por ser surda, pude, também, participar da comunidade surda e viver esse tema desde criança.

Optamos por utilizar nomes fictícios para os entrevistados que participaram com o objetivo de resguardar o anonimato das narrativas, dos relatos a partir dos textos gravados e transcritos com respeito à pessoa que participou da pesquisa, à sua integridade, e, também, à sua dignidade diante do material coletado, de forma mais adequada, respeitosa, e ética de conduzir a pesquisa.

Sendo assim, pesquisamos 16 famílias, ou seja, as mães ou responsáveis pelas crianças surdas. O recorte em torno de 16 entrevistados/as é um número satisfatório, pois trataremos com número maior de dados e experiências significativas em torno das famílias de crianças surdas. Fazendo-se assim por se tratar de um recorte parcial em relação a toda a demanda sobre a problemática da temática famílias ouvintes e filhos surdos.

O contato no primeiro momento foi a partir de algumas mães e pais que já tinha alguma relação, pois sou professora de crianças surdas no Município de Resende em uma escola pública, ou seja, mães do meu convívio profissional, pessoal e social. O convite foi feito pelo telefone, mas, principalmente, pelo *WhatsApp*, através de e-mails, pelas redes sociais e até mesmo indicação das próprias mães que participaram da pesquisa.

Tabela 1 – Dados pessoais das famílias entrevistadas

---

<sup>2</sup> As próprias famílias relataram sobre o conhecimento que possuem da Libras. Algumas famílias falaram que são fluentes e outras falaram que só possuem o básico e que não têm uma comunicação na mesma fluência dos seus filhos surdos. Perguntamos aos familiares se eles têm fluência na Libras e todos responderam essa pergunta com basicamente três respostas: fluente, básico e não dominam a Libras, mas a comunicação é oral com o seu filho surdo. Em relação aos níveis de fluência pautamos na Tese da pesquisadora Lídia da Silva, cujo título é: Fluência de ouvintes sinalizantes de libras como segunda língua: foco nos elementos da especialização.

<b>Nome</b>	<b>Cidade</b>	<b>idade</b>	<b>Filhos</b>
1-Any	Barra Mansa	40	2
2-Bey	Resende	34	2
3-Clay	Resende	26	2
4-Day	Barra Mansa	49	2
5-Ely	Caxias do Sul	48	2
6-Faby	Itatiaia	39	3
7-Hary	Sepeitiba	29	2
8-Jary	Resende	41	2
9-Mary	Barra Mansa	47	1
10-Ray	Resende	43	4
11-Suy	Itatiaia	46	5
12-Vay	Resende	45	2
13-Josuy	Barra Mansa	45	1
14-Joy	Quatis	40	2
15Rosy	Niterói	42	1
16-Soy	Barra Mansa	49	3

**Tabela 2 – Escolaridade das famílias entrevistadas e a formação em Libras**

<b>Nome</b>	<b>Formação estudo</b>	<b>Curso de Libras</b>	<b>Libras</b>
1-Any	Ensino Médio completo	sim	Básico
2-Bey	Ensino Médio Incompleto	sim	Básico
3-Ciay	Ensino Superior em andamento	sim	Básico
4-Day	Ensino Médio completo	sim	Básico
5-Ely	Ensino Superior Completo	sim	Fluente
6-Faby	Ensino fundamental incompleto	sim	Básico
7-Hary	Ensino Médio completo	sim	Básico
8-Jary	Ensino Superior Completo	sim	Básico
9-Mary	Ensino médio completo	sim	Fluente
10-Ray	Ensino médio completo	sim	Fluente
11-Suy	Ensino Superior Incompleto	sim	Fluente
12-Vay	Ensino fundamental incompleto	sim	Básico
13-Josuy	Ensino Médio completo	sim	Básico
14-Joy	Ensino fundamental completo	sim	Fluente
15Rosy	Ensino Médio completo	sim	Fluente
16-Soy	Ensino Superior Incompleto	sim	Fluente

Ao observar as tabelas 1 e 2, é possível perceber que a maioria dos entrevistados são do sexo feminino e residem no interior do Rio de Janeiro em sua maioria.

Quanto à idade, há uma variação que vai de 26 a 49 anos. Destaque interessante é que as mais novas possuem um nível básico de Libras e as mais velhas são fluentes em Libras. Estamos denominando aqui de nível básico para as mães que estão no processo de ensino aprendizagem da Libras e fazendo os cursos em nível básico, ou seja, com uma comunicação ainda em processo, e sem fluência. As mães consideradas fluentes, são as mães que em sua maioria são intérpretes, com nível de conhecimento da Libras em nível avançado, e que conversam com os seus filhos através da Língua de Sinais sem o uso de mímicas ou gestos. Alguns relataram que não conseguem acompanhar o diálogo com os filhos surdos, principalmente quando eles estão conversando com os amigos surdos.

Quanto ao estado civil, algumas mães não relataram, mas, em sua grande maioria, são casadas e possuem dois filhos em um total de 9 famílias. Uma família tem 5 filhos, outra tem 4 filhos, duas famílias têm 3 filhos e três famílias possuem apenas um filho.

Quanto à formação e escolarização, 8 mães possuem o ensino médio completo, 2 mães possuem o ensino fundamental incompleto, 1 mãe possui o ensino fundamental completo, 1 mãe possui o ensino médio incompleto e 3 mães possuem o ensino superior em andamento, além de 1 mãe que possui o ensino superior completo. As mães que estão concluindo o ensino superior fazem pedagogia e a outra com o ensino superior completo já possui formação em Pedagogia.

Todas as famílias entrevistadas afirmaram que passaram a buscar cursos de Libras, principalmente, após a entrada dos filhos na escola. Muitas mães se comunicavam por gestos, mímicas, e oralização, por não dominarem a libras. Há algumas mães que têm fluência na Libras e hoje trabalham até como intérpretes, pois buscaram estudar e fazer cursos na área da educação de surdos e Libras para entender esse universo da surdez e educar o seu filho surdo.

*“Eu não sou fluente, porém o que eu sei é devido a convivência com minha filha e os outros surdos que vem aqui em casa e, também, aprendi na escola onde minha filha estudava. Eu aprendi o básico nesta escola.” (Day)*

*“Eu não conhecia a Libras e nem minha filha e foi através da escola onde ela começou a estudar que as aulas eram em Libras. A escola tinha um curso de Libras para as famílias e aí passei a conhecer a Libras. Ela fala normalmente, porque aqui em casa ninguém sabe libras, então, todos entendem o que ela fala.” (Bey)*

*“Eu me comunico com minha filha, mas sei pouco a Libras.” (Any)*

*“Eu queria saber mais a Libras porque tem coisas que são difíceis. Eu acho mais importante usar a Libras.” (Faby)*

*“Eu corri atrás. Eu fiz curso particular, fiz curso na escola onde meu estudava. Também tenho contato com a Comunidade Surda. Quando vimos que a Libras seria a primeira Libras do José, resolvemos entrar na Comunidade Surda e fomos bem acolhidos por todos.” (Mary)*

Em uma pesquisa realizada pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)<sup>3</sup>, a pesquisadora Quadros *et la* (2018) afirmam que a Libras sempre está diante

---

<sup>3</sup> O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) foi instituído pelo Decreto 7.387/2010 com o objetivo de estabelecer um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Chacon *et al.*, 2014). O INDL constitui as referências culturais brasileiras reconhecendo as línguas como patrimônio imaterial cultural brasileiro. o

de situações de risco, por ser uma língua usada por uma minoria linguística e confirma que a maioria as crianças surdas nascem em famílias ouvintes que desconhecem a libras de sinais. Os dados dessa pesquisa vão ao encontro das falas dos entrevistados acima, pois confirmam que a maioria das crianças surdas tem contato com a Libras na escola, entre 4 a 18 anos de idade. Afirmam também que esse contato é feito por intérpretes de línguas de sinais ou com professores que conhecem pouco da língua, assim, podemos perceber que a língua não é transmitida no berço familiar e, também, não é transmitida na primeira infância da criança e com isso apresenta implicações no processo de aquisição da linguagem. (QUADROS, *et al*, 2018) É na escola que as crianças surdas passam a ter acesso a Libras como confirma o relato dessa mãe:

*“Eu não conhecia a Libras e nem minha filha e foi através da escola onde ela começou a estudar que as aulas eram em Libras. A escola tinha um curso de Libras para as famílias e aí passei a conhecer a Libras. Ela fala normalmente, porque aqui em casa ninguém sabe libras, então, todos entendem o que ela fala” (Bey).*

Assim, as crianças surdas vão adquirir a língua na escola e, também, com os seus pares na comunidade<sup>4</sup> surda. (QUADROS, 2017)

Uma outra demanda muito real no contexto das famílias ouvintes que têm filhos surdos é a questão do trabalho, pois, a grande maioria afirmou que a partir do momento que ficaram sabendo que os filhos eram surdos, tiveram que abandonar o trabalho por conta das diferentes demandas advindas a partir do momento em que família recebe uma criança surda.

*“No começo foi bem difícil porque no começo não tínhamos conhecimento da Libras, da surdez. Eu não tinha ideia do que fazer porque no começo era tudo novo para mim e eu passei a dedicar a minha filha.” (Cay)*

*“Eu tive que deixar o meu trabalho para tomar conta da minha filha, foi muito difícil e eu não tive muito o apoio da família.” (Hary)*

*“Eu sempre levava minha filha ao médico e sempre ia com minha filha para a escola e lá também fazia curso de Libras. Tudo no começo foi com muita luta. Tive que deixar o emprego.” (Ray)*

---

<sup>4</sup> De acordo com Quadros a “comunidade surda brasileira usuária de Libras a partir da concepção de comunidade linguística estabelecida no INDL, ou seja, é uma definição com base sociolinguística: a língua serve para demarcar posições e identidades sociais de coletividades e indivíduos, criando o tecido simbólico e comunicativo de uma comunidade; por outro lado, as práticas sociais criam os contextos diversos de usos de uma língua, marcando a sua evolução tanto estrutural e simbólica quanto com relação a normas e valores da sociedade” (Guia do INDL, material de apoio, Chacon et al., 2014, p. 4).” (Ver QUADROS, 2018).

*“No começo tivemos de adaptar a nossa vida a ele. Nós tínhamos que adaptar a nossa vida a ele. A mãe dele precisou sair do trabalho para correr com ele para levar aos médicos, Ele chegou até a fazer o implante coclear, mas a gente entende muita coisa e ele também entende. Mas as adaptações foram tranquilas.” (Vey)*

Quase todas as famílias são das camadas populares e muitas delas relataram sobre as dificuldades de receber um filho surdo até descobrirem o diagnóstico da surdez, pois algumas levaram um bom tempo para entender o que é ter um filho surdo. Algumas mães também relataram sobre o contexto da família, pois, basicamente as crianças surdas não têm o contato direto com a Libras desde o nascimento, devido as famílias não serem imersas nesse contexto logo que a criança nasce, levando um bom tempo para que as famílias tenham consciência da importância da Libras para o desenvolvimento da criança surda.

A grande maioria das mães defendem a oralização, pois para elas a sociedade é ouvinte e as crianças precisam se comunicar também com a língua portuguesa. Assim, desde cedo as famílias estimulam a oralização das crianças surdas e, também, defendem o processo de aquisição da Libras a partir do momento que as crianças entram na escola e passam a reconhecer e perceber a importância da Libras para os filhos e, também, para a família.

*“Prefiro que minha filha seja oralizada, porque libras ela sempre vai saber. Aí é importante ela ser oralizada porque nem todos vão entendê-la. Nós, ouvintes, esquecemos muitos os sinais, então, a oralização vai ajudar bastante a conviver na sociedade.” (Cay)*

*“Na sociedade existe, infelizmente ainda, muitas barreiras, então, no caso do surdo se o mesmo for oralizado, ele conseguirá acompanhar mais a evolução de certas coisas. Na minha opinião a Libras deveria ser obrigatória aqui no Brasil, pois daria mais autonomia para o surdo” (Josy)*

*“Eu uso as duas línguas juntas, por quê? Porque na sociedade as pessoas são oralizadas, então, ela convive tanto com ouvintes e, também, como surdos. Eu vejo a necessidade de ter a duas línguas. E a oralização é importante porque na família ninguém sabe libras, só usam a oralização com minha filha. E não tem surdos na família, minha filha é a única surda da família.” (Jary)*

A maioria das famílias tem apenas um filho surdo e apenas duas famílias contém dois filhos surdos. A maioria disse que não tem surdos na família, apenas 4 famílias disseram que tem parentes surdos na família. Muitas famílias disseram que os filhos nasceram ouvintes e ficaram surdos por várias causas, tais como: complicações na

gravidez, rubéola, meningite e, também, causas genéticas hereditárias, entre outros fatores. Esses dados vão ao encontro de outras pesquisas que indicam que 90% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes, onde a surdez é proveniente de fatores ambientais<sup>5</sup>.

*“Minha filha nasceu normal, porém com 1 ano e 2 meses de idade a mesma teve meningite e com isso ela ficou surda. Depois disso, demorei dois anos para começar a fazer exames para descobrir a perda auditiva, pois eu não aceitava esse fato” (Joy)*

*“Quando os médicos me falavam que havia possibilidade de minha filha ter perdido a audição, eu me neguei a fazer os exames porque devido a doença, eu fiquei muito abalada. Eu não aceitava que minha filha tinha ficado surda” (Ray)*

*“Quando o meu filho tinha 1 ano de idade, achava estranho, pois o chamava e o mesmo não respondia, então, pensei: tem alguma coisa errada. Eu sempre pensava: meu filho já tinha que saber que o nome dele é José. Com dois anos de idade, eu descobri que a surdez do meu filho era profunda. Chorei, revoltei com a situação, pois não aceitava que meu filho era surdo. Eu não conhecia nada sobre surdez.” (Suy)*

*“Foi um momento muito difícil. Na família minha família não tinha surdos e nem na minha família do pai dela. Eu lembro que eu chorei muito, pois não sabia o que fazer com minha filha. Naquele momento foi desesperador.” (Mary)*

A partir das falas das famílias que participaram da pesquisa podemos perceber que as crianças surdas estão sendo diagnosticadas por volta de 1 ano a 2 anos, mas as famílias não procuram a libras de imediato, mas apenas quando as crianças estão em idade escolar. Na pesquisa feita por Sigilo e Lacerda (2011), a idade média da confirmação do diagnóstico da surdez acontece por volta de 4 anos e 3 meses e com isso pode acarretar sérios problemas para a aquisição da linguagem da criança surda. A pesquisa realizada por Quadros *et.al* (2018) ressalta que grande parte dos participantes confirmaram que foram diagnosticados até os 4<sup>6</sup> anos. Podemos concluir que as famílias estão descobrindo a surdez cada vez mais cedo e com isso podemos inferir que é devido

---

<sup>5</sup> Quadros (2018) em seu livro denominado *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*, onde descreve sobre o inventário Nacional da Libras.

<sup>6</sup> Quadros (2018) corrobora sobre o resultado da pergunta sobre a idade de diagnóstico da surdez, o qual indica que 79% dos participantes foram diagnosticados surdos até os quatro anos. *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*. Para a autora essa informação indica que mesmo com o acompanhamento e a descoberta da surdez nos primeiros anos de vida, a maior parte dos surdos não está tendo acesso à língua de sinais nesse período crucial, talvez por desconhecimento da família ou por encaminhamentos a outras terapias e tratamentos que não priorizam a Libras como primeira língua das crianças surdas.

ao avanço das políticas públicas no nosso País, tais como: A Lei n. 10.436/2002 (BRASIL, 2002) o Decreto n. 5.626/2005 (BRASIL, 2005).

## 2.4 Procedimentos de construção e análise dos dados

Após selecionadas as famílias ouvintes que tinham filhos surdos e que gostariam de participar da pesquisa, foi estabelecido contato por chamada de vídeo, por meio do aplicativo *WhatsApp*, convidando-os para colaboração. Uma vez apresentada a proposta, foi agendado um encontro (em sua maioria online, pelo *ZOOM*) com a finalidade de produzir um material gravado em vídeo, que posteriormente foi analisado, visando a valorizar a modalidade Visão-espacial da Libras. As entrevistas online vieram como uma estratégia para se evitar maiores atrasos no andamento da pesquisa, afetada pelo advento da pandemia da Covid-19, que impôs a necessidade de isolamento e distanciamento social, impedindo a execução da primeira proposta de entrevista, que seria presencial. A utilização de plataformas virtuais que permitem chamadas de vídeo facilitou a realização de entrevistas com os Surdos de outros estados do país.

Antes de cada entrevista, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. O projeto também foi disponibilizado para aqueles que tivessem interesse. Todos assinaram o TCLE (Anexo A) de forma virtual antes de iniciar a entrevista, sendo informados que as entrevistas seriam realizadas em Libras, gravadas em vídeo, e transcritas para a Língua Portuguesa. Sendo assim, vale enfatizar que os trechos que aparecerão como relatos/falas dos participantes, representam os seus relatos/falas das entrevistas traduzidas da Libras para o Português. Também lhes foi dito que era permitido se omitirem de assuntos que causassem desconforto e/ou terminar a entrevista quando desejassem.

**Tabela 3: datas e os horários das entrevistas**

<i>Data</i>	<i>Horário</i>	<i>Nomes</i>	<i>Entrevista</i>
20/set	14:00	1-Any	ZOOM
20/set	16:00	2-Bey	ZOOM
24/set	17:00	3-Ciay	ZOOM
27/set	15:00	4-Day	ZOOM
29/set	15:00	5-Ely	ZOOM
30/set	15:30	6-Faby	ZOOM
01/out	10:00	7-Hary	ZOOM
04/out	10:00	8-Jary	ZOOM
04/out	16:00	9-Mary	ZOOM
06/out	19:00	10-Ray	ZOOM
07/out	10:00	11-Suy	ZOOM
08/out	20:00	12-Vay	ZOOM
11/out	14:00	13-Josuy	ZOOM

11/out	16:00	14-Joy	ZOOM
13/out	14:00	15Rosy	ZOOM
14/out	10:00	16-Soy	ZOOM

Também informamos que ao longo de todo o processo da pesquisa, as análises do material produzido seriam lidas e interpretadas de acordo com a literatura científica do referencial teórico para que se tenha total cuidado com as análises e para que seja produzido um novo material em conjunto com as produções científica atreladas aos referenciais estudados ao longo do trabalho. Ou seja, os depoimentos seriam tratados e fundamentados a partir da teoria já construída e respaldada através de uma investigação científica no campo das Ciências Humanas.

O tipo de entrevista que utilizamos foi a semiestruturada na qual há um padrão de entrevista estruturado pré-estabelecido – em apêndice - onde foi elaborado com tópicos relativos ao problema que se vai estudar, mas , o entrevistador tem a liberdade de fazer as perguntas que surgirem no processo da entrevista, pois a entrevista semiestruturada não segue um rigor, uma estrutura formal, em mesmo possuindo um roteiro elaborado, outras questões podem ser acrescentadas a partir dos relatos dos participantes, fator que pode enriquecer a entrevista de modo ainda mais acentuado . O pesquisador pode fazer alterações necessárias neste tipo de entrevista para que possa alcançar informações complementares, possibilitando uma interpretação descritiva sobre o tema, famílias ouvintes e crianças surdas.

Sendo assim, o roteiro elaborado contribui para uma análise comparativa a partir das respostas obtidas pelas famílias entrevistadas e representaram momentos ricos da coleta de dados, uma vez que um roteiro semiestruturado possibilita aos entrevistados maior liberdade de diálogo e ao pesquisador maior possibilidade de coleta de dados. As perguntas elaboradas participaram das seguintes áreas: a) família ouvintes e filhos surdos – questões iniciais sobre o tema; b) sobre questões linguísticas, comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças e pelas famílias; e) sobre as questões pedagógicas com a escola, estratégias que família utilizam para ensinar a criança surda, Se a família faz algum uso de ferramentas didáticas, jogos, brincadeiras e histórias, etc.

O roteiro pré-estabelecido para a entrevista como já dissemos foi organizado em três blocos:

**1º Bloco: Famílias ouvintes e filhos surdos – questões iniciais sobre o tema.**

1- Quando você descobriu que seu (sua) filho (a) era surdo (a)? O que pensou?
2- Qual é o nível de perda auditiva?
3- Como você pôde lidar com esse fato?
4- E os outros membros da família, qual foi a reação deles?
5- Como se dá o processo de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos? E como ocorre essa comunicação com os outros membros da família?
6- Você tem fluência na Libras? Se sim, onde adquiriu o conhecimento dessa língua?
7- Além de você, tem algum outro membro da família que se comunica utilizando a Libras?

**2º Bloco: sobre questões linguísticas, comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças e pelas famílias:**

8- Como você lida com a diferença linguística: língua oral e língua de sinais? O que você pensa sobre isso?
9- Como você percebe a aceitação do seu filho na comunidade que vocês moram?
10- Quanto tempo você se viu precisar aprender a Libras?
11- O que te ajudou a conseguir ter uma ligação com filhos?

**3º Bloco: sobre as questões pedagógicas com a escola, estratégias que família utilizam para ensinar a criança surda, se a família faz algum uso de ferramentas didáticas, jogos, brincadeiras e histórias etc.**

12- No processo de matrícula, na escola, foi tranquilo, foi possível dialogar desde o início sobre as demandas de um aluno surdo?
13- Você participa da vida ativa do seu filho na escola? Como acontece essa participação?
14- E em relação as atividades da escola. Quais as estratégias para ajudar o seu filho com as atividades escolares?
15- Em relação as atividades pedagógicas: Usam algum tipo de jogo, brincadeiras, histórias infantis etc. Jogaram os jogos juntos?

As entrevistas foram realizadas em Libras, com a participação de uma intérprete, e foram transcritas na íntegra, com a ajuda da própria intérprete, que participou das entrevistas para que os dados fossem transcritos de forma clara e pontual de acordo com o contexto da entrevista para seguir a cópia fiel, após a escuta atenta de

cada entrevista. Um ponto positivo em relação a gravação feita pelo *ZOOM* foi o da possibilidade de realizar as transcrições, onde foi possível perceber as emoções, a empatia, os risos e os questionamentos dos entrevistados, da entrevistadora e da intérprete, pois nesta ferramenta há esta possibilidade de gravar a entrevista e não apenas gravar a voz dos entrevistados e entrevistador. A gravação em vídeo é mais uma ferramenta de análise em potencial, pois, uma gravação em áudio onde temos acesso apenas ao som da fala, sem visualizar as imagens, os olhares, os questionamentos e as expressões faciais e as emoções. Além disso, as risadas e as interações que foram sendo tecidas no momento das entrevistas pela entrevistadora surda, as famílias ouvintes e a intérprete de voz tem uma riqueza de detalhes muito maior do apenas uma gravação em áudio.

Para a análise e reflexões dos depoimentos, seguimos as orientações da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2006) e apoiada por Minayo e outros (1999), por ser uma técnica didática, que facilita a sequência de tarefas e atividades a serem seguidas para fazermos as análises dos dados qualitativos. Fizemos uma leitura de cada entrevista e separamos por grupos, procurando o conteúdo e a lógica dos depoimentos dos entrevistados. Logo em seguida fizemos um diálogo mais detalhado buscando relacionar os achados da pesquisa com o referencial teórico.

Essa coleta de dados foi feita no ano de 2021 e levou dois meses para realizarmos todas as 16 entrevistas com as famílias ouvintes. Todo o trabalho foi feito com bastante cuidado e atenção e tendo muito respeito com o que estava sendo pesquisado e com os entrevistados e seus relatos, ouvindo e apreendendo no momento de cada entrevista.

Foram momentos ricos e emocionantes, pois algumas famílias se emocionaram ao relatar sobre suas experiências e vivências do processo de desenvolvimento de uma criança surda em um lar ouvinte e, também, do próprio processo de desenvolvimento dessa família ouvinte em buscar a entender a importância da Libras, a importância de conhecer a Comunidade Surda, e vivenciar as novas experiências com a chegada de um filho surdo.

*“Eu pensei várias coisas, pois era a primeira surda na família e eu não sabia o que fazer, mas hoje aqui em casa é TUDO EM LIBRAS. Eu fui buscar ajuda, fui aprender por quê? Porque ela não tem condições de falar a nossa língua, porém, nos podemos sim, falar a língua materna dela, a Língua dela a Libras. Tudo em Libras – 100% em libras dentro de casa”. (Soy)*

*“Quando eu comecei a entrar no mundo da minha filha, percebi que a nossa ligação ficou mais forte.” (Joy)*

No próximo capítulo, serão apresentados os dados advindos da realidade social e cultural pesquisada, ou seja, os dados concretos, com os eixos temáticos e suas significações em diálogo com o conhecimento científico produzidos sobre a área estudada: educação de surdos, famílias ouvintes e crianças surdas.

### **CAPÍTULO 3 FAMÍLIAS OUVINTES, CRIANÇAS SURDAS E O DIÁLOGO COM OS ACHADOS DA PESQUISA**

Como já explicitado no capítulo anterior, a pesquisa foi realizada com famílias ouvintes e filhos surdos e foram feitas dezesseis (16) entrevistas: (14) mães e dois (2) pais. Os dados deste estudo foram obtidos a partir de entrevistas, com um roteiro previamente elaborado.

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas reflexões e diálogos a partir dos dados coletados com as famílias ouvintes e filhos surdos e, também, a importância de pesquisar e entender as interações e percepções das famílias e o desenvolvimento das crianças surdas, que tem como foco fulcral a experiência visual das crianças surdas e, também, das famílias ouvintes, através das experiências pedagógicas construídas pelas famílias e pelas crianças em busca de uma promoção de uma educação bilíngue na medida em que se relacionam com a Língua – a Libras – e a Língua Portuguesa -, e também, os processos de comunicação através das histórias, narrativas, brincadeiras, jogos didáticos e livros no contexto familiar e também da educação e da escola.

Após a organização dos dados obtidos, através do roteiro das entrevistas e *transcrições* realizadas, foi possível realizar a descrição e análise desses dados que estivessem relacionados com os objetivos do trabalho.

Tomamos como base central as categorias e as organizamos em blocos para facilitar as análises desenvolvidas no decorrer do trabalho e buscamos mostrar que essas categorias permeiam o cotidiano e a realidade observada e pesquisada

Sendo assim as categorias construídas e organizadas em blocos foram: *“Famílias ouvintes e filhos surdos – questões iniciais sobre o tema; Famílias ouvintes e filhos surdos: sobre questões linguísticas, comunicação e o processo de aquisição da libras pelas crianças e pelas famílias; Famílias ouvintes e Filhos Surdos: sobre as questões*

*pedagógicas com a escola, estratégias que família utilizam para ensinar a criança surda, se a família faz algum uso de ferramentas didáticas, jogos, brincadeiras e histórias”.*

Ao apresentarmos cada bloco temático, descreveremos os principais achados da pesquisa, ou seja, os dados coletados, e, também, dialogamos com o que foi fundamentado teoricamente ao longo do desenvolvimento do trabalho, principalmente, a partir das reflexões do capítulo 1.

É importante ressaltar que a fim de preservar as identidades das famílias que participaram da pesquisa, estes serão identificados com nomes com três letras ao final de cada dado da entrevista utilizados ou quando forem mencionados ao longo do texto. (Exemplo: Anybel, Clay, Day, etc.).

### **3.1. Famílias ouvintes e filhos surdos e a construção de práticas bilíngues cotidianas.**

De acordo com Skliar, (2003, 2013), Quadros (2017, 2019), Strobel (2008, 2018), e Campello (2008, 2019), por muito tempo as escolas voltadas para alunos surdos enfrentam grandes dificuldades em se organizarem como espaços pedagógicos de ensino e aprendizagem. As dificuldades tinham como fundamento uma visão clínica, em que os surdos considerados portadores de uma patologia, deveriam aprender a expressar-se oralmente, se quisessem vislumbrar alguma participação na sociedade. Nesse contexto, eram desconsideradas discussões que contemplassem as questões pedagógicas (para quem ensinar; onde ensinar; o que ensinar; como ensinar; quando ensinar; para que ensinar).

Assim, o campo da educação de surdos, (QUADROS, 2019) atualmente, vem passando por muitas mudanças, o que leva a reflexão sobre a educação, as experiências dos sujeitos surdos, principalmente das crianças surdas e seus familiares com uma centralidade no acesso à educação na Libras, na língua de sinais – gesto visual e nos direitos humanos.

O objetivo deste trabalho é contribuir com o desenvolvimento e o processo educacional das crianças surdas, favorecendo a experiência visual dos alunos surdos, através de recursos didáticos que promovam o desenvolvimento de sua língua visual espacial na medida em que se interage com as histórias em sua própria língua, por meio de jogos bilíngues, brincadeiras, e narrativas presentes no contexto das crianças surdas e das famílias ouvintes. Trazemos a análise das entrevistas dos participantes desta

pesquisa com suas histórias, narrativas, vivências e experiências sobre o contexto das crianças surdas, bem como a partir das próprias experiências das famílias ouvintes em suas interações e percepções sobre o contexto sociocultural da surdez, da Libras e da cultura surda.

Tendo como referência as pesquisas de autores na área da educação de surdos, principalmente da pesquisadora Ronice Quadros (2019), com suas contribuições sobre a importância da Libras, língua brasileira de sinais, que é uma língua visual espacial, representando por si só as possibilidades das experiências surdas, ou seja, em uma outra modalidade através das experiências visuais, que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida de forma visual. Segundo a autora, “os aspectos da visualidade na educação de Surdos têm que estar relacionados com o seu mundo e sua experiência visual desde a educação infantil” (QUADROS, 2019, p. 135). Entendemos que a visualidade está presente nos espaços e nos objetos e que a infância é tempo da experiência e não de aprendizagens baseadas apenas em conceitos. Aquilo que cerca as crianças e que está diante dos seus olhos ganha uma importância ainda maior quando se pensa a educação de surdos:

As proposições apresentadas instigam novos olhares diante das redes que se formam entre os diferentes campos de investigações. Pensar em diferentes formas de ensinar e aprender considerando diferentes formas de pensar, de expressar, de ver o outro, nos redimensiona e nos provoca no sentido de busca e de encontro. Os efeitos da modalidade provocam novos olhares sobre a pedagogia. As línguas de sinais nos contextos em que são usadas pelas pessoas surdas apresentam diferentes vieses de uma possível pedagogia, a pedagogia visual. Podemos brincar, podemos ler, podemos sentir, podemos perceber o mundo, podemos aprender, podemos ensinar através do visual que organiza todos os olhares de forma não auditiva. (QUADROS, 2019, p.135)

Autores como Campello (2020), Lebedeff (2012), Albres (2012, 2016) e Skliar (2011), Strobel (2018) entre outros, apresentam contribuições sobre novos olhares nos campos de investigações para pensar e expressar sobre a pedagogia, a pedagogia visual como o pesquisador Carlos Skliar (2013), afirma que: “[...] e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual.” (SKLIAR, 2013, p. 28). Desta forma, na educação das crianças surdas, a língua de sinais deve fazer parte do currículo da escola, das práticas pedagógicas e utilizada em parceria com a língua portuguesa e demais disciplinas para que tenha sentidos as práticas pedagógicas no contexto de ambientes bilíngues.

Para Perlin e Strobel (2014) os surdos são surdos através da relação com a experiência visual onde nos remete para uma dimensão cultural com respeito às diferenças, pois a questão cultural está diretamente ligada com a identidade surda. Para Quadros (2017) este tipo de relação surdo com surdo afeta diretamente a constituição da identidade da comunidade surda e de seus filhos como herança cultural.

Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base no visual, e, por isso, têm características que podem ser inteligíveis aos ouvintes. Ela se manifesta mediante na coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos. A escola a muito tem representado o lugar em que os surdos não possuem seus espaços, pois banuiu a língua de sinais e jamais permitiu a consolidação dos grupos surdos e de suas produções culturais. (QUADROS, 2017, p. 250).

Na maioria das famílias a primeira língua das crianças é a língua de seus pais. No caso das crianças surdas, elas não herdam de seus pais os valores e as normas culturais dos surdos (QUADROS, 2017). As crianças surdas são expostas primeiramente à língua oral, a língua de seus pais ouvintes, e não à Língua de Sinais. Em muitos casos as crianças surdas não conseguem dominar a língua oral e tampouco têm acesso à Língua de Sinais, ocasionado prejuízos linguísticos da aquisição tardia para as crianças surdas (GUARINELLO; LACERDA, 2003) e, conseqüentemente, de processos de desenvolvimento dependentes dela, como “organização de pensamento, de suas ações, realização de novas aprendizagens, entre outras coisas tão essenciais à vida cotidiana” (LODI; LACERDA, 2010, p. 34).

*“Eu acho que com a família acontece a mesma coisa, a família é ouvinte e não tem o domínio da língua da criança e aí a criança vai crescendo e vai se distanciando, por isso, eu comecei a estudar libras, porque eu conheci um caso muito triste que a mãe não quis aprender libras não se esforçou superproteger o filho. Eu fui aprender a Libras para comunicar com a minha filha.” (Ely)*

*“Eu tenho um filho surdo, eu fui aprender libras, mas eu vejo que muitas famílias negam de certa forma em não querer aprender a Libras. Conheço uma situação assim, a família não aprendeu a língua do filho, mas são muitas histórias e cada uma mais triste que a outra e eu como mãe, eu realmente, às vezes o meu papel é incluir a criança ainda surda, pois há preconceito, eu nunca vou deixar de aprender, pois é a comunicação com meu filho.” (Ray)*

Segundo Karnopp e Pereira (2012) as crianças surdas filhas de famílias ouvintes têm pouco acesso às conversas e diálogos que ocorrem em suas casas, no dia a dia da vida cotidiana e, sendo assim, as crianças surdas acabam também não tendo acesso as narrativas familiares, suas histórias, brincadeiras e relações que são passadas normalmente pelas famílias às crianças e, com isso, crianças surdas acabam não tendo acesso esse repertório de atividades que são desenvolvidas nos laços familiares, por conta da falta de comunicação das famílias ouvintes com os seus filhos surdos. Para as autoras, a maior parte das crianças surdas, embora chegue à escola com uma linguagem, constituída na interação com as mães ouvintes, não apresenta uma língua na qual possa se basear na tarefa de aprender a ler e a escrever. “Assim, sem uma língua constituída, a criança surda inicia o seu processo de alfabetização, o que, ainda na maioria das escolas, se dá por meio do ensino de vocábulos, combinados com frases descombinadas” (KARNOPP e PEREIRA, 2012, 128). Para as autoras a escola deveria ser uma fonte de conhecimentos para as crianças surdas e suas famílias, pois a língua de sinais preenche as mesmas funções que a linguagem falada tem para os ouvintes.

Segundo Karnopp e Pereira (2012):

Como ocorre com as crianças ouvintes, espera-se que a língua de sinais seja adquirida na interação com usuários fluentes da mesma, os quais. Envolvendo as crianças surdas em práticas discursivas e interpretando os enunciados produzindo por elas, insiram-nas no funcionamento dessa língua (p.123).

Sendo assim, para organizar os dados coletados e fazer algumas considerações a respeito deles, primeiramente, deixamos emergir aspectos que mais marcaram ou tocaram de alguma forma em cada fala. Logo em seguida, a tentativa foi de capturar fragmentos de suas experiências sobre famílias ouvintes e filhos surdos, ressaltando as experiências e assim foi possível compreender pequenos aspectos que emergiram de cada entrevista em relação à educação das crianças surdas.

### **3.1.1 Famílias ouvintes e filhos surdos – questões iniciais sobre o tema.**

Este bloco apresenta dados acerca das questões iniciais do roteiro das entrevistas em relação a chegada de um filho surdo no contexto de uma família ouvinte, tais como:

o contexto sobre família, as descobertas sobre o filho surdo, sentimentos, as emoções e as primeiras interações e percepções das famílias ouvintes.

A seguir apresentamos o bloco de perguntas que fizemos aos entrevistados para construirmos o relato sobre essas as primeiras percepções e relações das famílias ouvintes ao receber um filho surdo.

1- Quando você descobriu que seu (sua) filho (a) era surdo (a)? O que pensou?
2- Qual é o nível de perda auditiva?
3- Como você pôde lidar com esse fato?
4- E os outros membros da família, qual foi a reação deles?
5- Como se dá o processo de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos? E como ocorre essa comunicação com os outros membros da família?
6- Você tem fluência na Libras? Se sim, onde adquiriu o conhecimento dessa língua?
7- Além de você, tem algum outro membro da família que se comunica utilizando a Libras?

A maioria das famílias entrevistadas tiveram reação inicial de não aceitação da surdez, com pensamentos de que o filho/criança não seria capaz de se desenvolver principalmente em sociedade, mas após um período entenderam a necessidade de buscar recursos para auxiliar os filhos/crianças em seu desenvolvimento humano. Alguns buscaram imediatamente tratamentos com fonoaudiólogos para que se tornassem oralizados, poucos utilizaram a opção do aparelho ou implante coclear e em sua maioria recorreram ao uso da Libras.

Algumas famílias falaram que foi um impacto quando souberem que seus filhos eram surdos:

*“Realmente foi um impacto, assim, no meu pensamento do que seria no futuro, como que ia ser, porque eu não conhecia a língua de sinais e não tinha conhecimento de nenhuma pessoa surda. Mas minha preocupação era lá na frente e não hoje, eu botei ela na escola, ela vai aprender, ela vai se adaptar, eu vou correr atrás, vou aprender libras também, mas a minha preocupação era no futuro. Como é que é o trabalho? Como é a faculdade? Como é a escola? Será que ela tem que ficar só, será que em outras oportunidades, então, assim foi uma preocupação mais à frente, mas num momento, para mim, era, se ela mudou a língua dela, eu também vou aprender, ponto, não tem o que questionar, porque o mais importante é a língua da minha filha.” (Rosy)*

*“Eu nem sabia ao certo o que era surdez ou melhor, dizendo, sabia o que era surdez sim, porém não sabia como era a vida de uma pessoa surda. Eu*

*sentia medo, insegurança, muita tristeza. A gente aprende a lidar com o tempo, mas no início é muito complicado” (Faby)*

*“No primeiro momento eu me senti decepcionada, mas com o passar do tempo, a gente vai se acostumando. Demorei para aceitar que minha filha era surda.” (Ray)*

*“Eu sempre soube que meu filho era surdo, pois desde muito cedo, bebezinho ainda, ele apresentava sinais de que não escutava. Podia ter qualquer barulho e meu filho não escutava nada. Eu sempre soube que ele era surdo, porém, quando o médico me confirmou que era surdez profunda, eu pensei: Meu Deus, como vai ser? Como meu filho vai me entender, como ele vai brincar com outras crianças, estudar etc.? Eu fui buscar a libras para comunicar o meu filho”. (Joy)*

Uma outra mãe diz que foi um choque:

*“Quando minha filha nasceu, assim, foi um choque né. Hoje, ela cursa o terceiro ano, ela tem 9 anos e quando ela nasceu, assim, foi um choque né, quando ela nasceu, logo em seguida apareceu uma infecção urinária e o médico errou na prescrição; em vez de ele colocar de 7 a 10 dias de antibiótico, ele colocou um mês de antibiótico. direto com uma criança recém-nascida e foi diretamente para a audição dela. Ela era ouvinte, assim, pra mim, ela nasceu ouvinte, só que eu não tive como fazer teste da orelhinha. Ela passou mal e eu fui direto ao hospital, já foi direto tomar a medicação por causa da infecção urinária, então, eu não tive como saber se ela nasceu surda ou se ficou surda por causa da infecção urinária e a medicação errada. Não deu tempo de saber, pois não fiz o teste, mas na família do pai dela eu conheci um primo dela que ele é de Recife. Ele está se formando agora Letras Libras. Eu descobri também que ele é surdo. Assim, então, eu não sei, mas o que o médico me falou é que foi excesso de antibiótico. Foi primeira filha, foi a minha primeira filha. Foi aquele choque, então, eu super protegi minha filha, eu não deixava ela brincar no chão, eu tinha medo dela pegar alguma bactéria então ela só ficava no meu colo. Só e eu já sabia que ela era surda.” (Vay)*

Podemos perceber pelas falas que há um sentimento de preocupação, angústia, dor, e medo, por não saberem ainda como lidar com a situação, mas ao mesmo tempo notamos nas falas uma preocupação com o aprendizado da Libras pelo filho e pelas famílias. As falas acima ressaltam o medo, da angústia, mas ao mesmo tempo buscam caminhar pelo trilho da descoberta de uma nova língua como diz uma mãe:” *se ela mudou a língua dela, eu também vou aprender ponto não tem o que questionar porque o mais importante” (Rosy)*. Podemos inferir também que essas falas saem do contexto do olhar clínico e mostram um outro lado da surdez, que é: o reconhecimento da diferença linguística, social e cultural da surdez por parte de algumas famílias quando diz: *Eu sempre soube que ele era surdo, porém, quando o médico me confirmou que era surdez profunda, eu pensei: Meu Deus, como vai ser? Como meu filho vai me entender,*

*como ele vai brincar com outras crianças, estudar etc.? Eu fui buscar a libras para comunicar o meu filho”. (Joy)*

É importante dizer, também, que a descoberta da surdez das crianças pelos familiares se deu em sua maioria após ou aproximadamente em um ano e meio a dois anos de idade. Alguns Havendo apenas único caso na família e ficou sabendo da descoberta da surdez em sua grande maioria pelos médicos através do “teste da orelhinha<sup>7</sup>” logo no primeiro mês de nascimento do bebê.

*“eu não sabia nada de libras, ela não sabia nada de libras e aí eu acho que na época ela tinha 1 ano 2 meses, ela não sabia nada aí eu fui me matriculei num curso de libras no Senac o curso básico e nesse curso eu conheci uma professora que era Coda<sup>8</sup> Ela Foi ela não falou me falou mais sobre a surdez porque no curso costuma só ensinar a mesma base só que ela não ela, ela levou para o espaço da sala de aula a vida dela e aí apresentou para a turma os pais dela. Os pais falaram sobre a surdez, falaram que vivem uma vida normal e eu comecei a partir dali enxergar como seria a vida da minha filha e eu com isso foi passando no tempo e ela” (Ely).*

É interessante observar que a compreensão da importância da Libras ocorreu quando as crianças foram inseridas no contexto educacional e os pais/responsáveis perceberam que aquele universo trazia identificação e pertencimento aos filhos surdos. Embora houvesse o reconhecimento da Libras como primeira língua dos surdos, bem como a importância de que aprendessem para se comunicarem, principalmente, com a comunidade surda, mas fica claro nos discursos das famílias que é a partir da entrada na escola que os filhos começam a se desenvolverem com a apropriação da língua de sinais.

Foi possível perceber que em sua maioria os familiares buscaram que estes se tornassem oralizados, por acreditar que seria mais benéfico no desenvolvimento social e para alcançar autonomia na sociedade, mas ao mesmo tempo reconhecem a importância da Libras para o desenvolvimento linguístico do seu filho surdo. Assim, “aprender a língua de sinais, fazer parte das comunidades surdas, estar em contato com

---

<sup>7</sup> Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU) popularmente conhecida como teste da orelhinha, é um exame realizado na orelha dos bebês em até 48 horas após o nascimento, com o objetivo de detectar de forma precoce perdas auditivas congênitas, permitindo maiores possibilidades de escolher um tratamento adequado para bebês com esse diagnóstico.

<sup>8</sup> CODA é um termo cunhado por Brother, é empregado em diversos países, inclusive no Brasil e em Portugal. Alguns autores distinguem a palavra CODA (em maiúsculas) de *coda* (escrita com minúsculas): a primeira, por essa diferenciação, remete à organização CODA Inc.; a segunda, ao adjetivo usado para designar esses sujeitos específicos. Há ainda os que ressaltam a inicial maiúscula (*Coda*) para retratar indivíduos que reafirmam a experiência “CODA” (comumente bilíngues e “biculturais”). Filhos ouvintes de pais surdos passam a ser referidos como codas a partir da criação da organização internacional Children of Deaf Adults. (Quadros, 2017, p.63)

o mundo dos surdos são iniciativas que podem fornecer subsídios para compreender melhor as questões delineadas na cultura surda, na comunidade surda”. (GESSER, 2009, p.48)

Outra observação realizada se trata da comunicação com os demais membros da família, onde apenas duas famílias buscaram ter todos os seus membros fluentes na Língua de Sinais, mas as demais famílias, em sua maioria, somente a mãe ou irmão/irmã buscaram aprender Libras e alguns pais se mantiveram no gestual, na oralização ou leitura labial. Em alguns casos alguns pais também sabem libras e conversam com os seus filhos surdos. Os irmãos também buscaram aprender a Libras como recurso de comunicação com seus irmãos surdos, alguns são fluentes, mas outros não possuem fluência na língua de sinais.

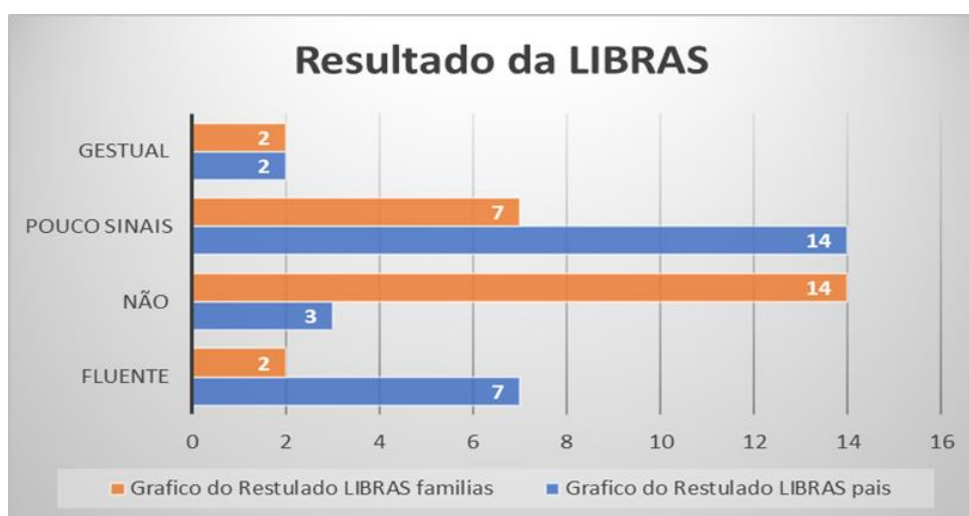
*“Aqui tudo é em Libras. Cem por cento libras dentro de casa. Eu fui buscar ajuda no colégio do meu filho e passei a fazer vários cursos e escolhemos a Libras como a primeira língua dentro de casa e em todos os ambientes que frequentamos.” (Soy)*

*“Eu não sabia nada da língua de sinais, não conhecia ninguém surdo e com isso, fiquei muito preocupada como eu iria lidar com criança surda. Aqui e casa só eu converso com a minha filha na língua de sinais. Os outros membros da família sempre trabalhando, então, eu decidi parar a minha vida, para ajudar minha filha” (Hery)*

Assim, cinco (6) mães e um (1) pai são fluentes e dialogam com filhos direto na Libras. Sete (8) mães e um (1) pai fizeram o curso básico de libras, buscaram se desenvolver com os seus filhos, mas ainda sentem dificuldades e não têm o mesmo nível de fluência na comunicação com os seus filhos surdos. Dessas famílias: (8) mães e (1) pai que disseram que sabem o básico da Libras afirmaram que fizeram o curso de Libras, mas alguns não se desenvolveram e, ainda, conversam com os seus filhos com gestos e utilizam a oralização em sua comunicação com os seus filhos surdos. Alguns acham que a Libras é importante para o desenvolvimento de seus filhos, mas ressaltam que as duas línguas devem caminhar juntas: a libras e a oralização por conta da sociedade, da família e do desenvolvimento na escola e na vida profissional.

Para algumas famílias a sociedade é ouvinte e acha importante que os filhos sejam oralizados para que eles não sejam excluídos da sociedade, mas mesmo sabendo o avanço na área da educação de surdos e da importância do aprendizado da Libras.

Audrei Gesser (2009) em seu livro: *Libras? que língua é essa?*, nos ajuda a refletir na questão da oralização das crianças surdas e nos questiona com uma pergunta se o surdo precisa ser oralizado para se integrar na sociedade ouvinte? Para a autora a resposta é não, pois a oralização deixa marcas profundas na vida da maioria dos surdos. A autora nos diz que oralizar é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala. Contudo percebemos nas falas que as famílias ouvintes defendem a oralização, mas também buscam aprender a língua de sinais e defendem que seus filhos tenham acesso a escola bilíngue e que a sociedade seja inclusiva, como um direito do surdo em ser educado em sua própria língua, sua história e sua cultura. O respeito à diferença linguística do surdo só lhe é garantido se a educação é realizada em sua língua natural, a Libras. Sabemos da importância de que todas as crianças e cidadãos devem ter o direito de serem educados em sua própria língua. (GESSER, 2009, QUADROS, 2018, 2019, STROBEL, 2018).



Pelo gráfico podemos perceber que os pais e as mães são usuários da Libras, mas a família de uma forma geral não é usuária da Libras e conversam com as crianças com gestos, oralização, mímicas ou até mesmo não dialogam com as crianças. Algumas mães falaram da ausência da família com todo neste processo e, também, da falta de apoio quando uma criança surda chega em uma família ouvinte.

*“Antes eram mais gestos. Hoje, ela conversa mais em libras com o irmão, porque ele sabe. Os demais membros da família falam pouco com ela e poucas palavras, mas fazem a leitura labial ou mímica.”(Bey)*

*'A comunicação com a família é bem limitada, o pai dela tem mais habilidades para lidar com a situação. Minha filha usa a oralização, pois é bem reinada para obter essa oralização junto com a língua própria dela – a Libras". (Cay)*

*"O pai dela até hoje tem dificuldades de se comunicar e quando ela fala com ele é através de gestos. Muitos da família até hoje não entendem o que ela fala, mas tem ela como normal. Ela é muito amada por todos." (Day)*

*"Eu não vou ouvir minha filha me chamar de mãe, mas, porém, eu também pensei: o que eu puder fazer para ajudá-la, eu vou fazer." (Day)*

*"Eu e o pai, começamos a aprender aos pouquinhos na escola, para se comunicar com ela, depois eu fiz alguns cursos básicos. Já com a família, por sorte, ela tem uma oralização boa, então, algumas pessoas conseguem conversar com ela, não são todas, porém a maioria, consegue se comunicar com ela. Aprendemos um pouco de libras. Às vezes, acontece de não entendermos a oralização, (eu e o pai) aí só usamos libras e os familiares só através da oralização mesmo." (Josuy)*

Pelos depoimentos podemos inferir que ainda há uma impossibilidade de estabelecer uma interlocução eficaz direta com os seus filhos surdos, mas mesmo assim há uma busca pelo aprendizado da Libras por parte das mães e dos pais das crianças surdas. Percebemos também pelas falas que figura materna é a responsável pelo cuidado da criança surda, do processo de aprendizagem da língua de sinais, da matrícula na escola, da educação de forma geral dessa criança. Esse dado também foi comprovado na pesquisa feita pela pesquisadora Kelman (2011) em seus estudos sobre surdez e família onde procurou investigar a dinâmica familiar que envolve as diferenças no fluxo interativo entre filhos surdos e pais ouvintes e os aspectos educacionais presentes neste contexto. Para a autora os pais e as mães desempenham um papel de responsáveis pela sintonia estabelecida com a criança e, também, por facilitar as trocas comunicativas no processo de aquisição da linguagem, as trocas de olhares, gestos, expressões e as interações com a língua da criança surda com a relação com o adulto, principalmente, adulto surdo são elementos primordiais que vão contribuir para uma comunicação fluente e satisfatória.

Strobel (2008) comenta sobre a importância do contato da criança surdo com o adulto surdo e faz alguns questionamentos, tais como: Como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda se ele não conviver com outros surdos que façam o uso da língua de sinais? Quem foi que

disse que é só o sujeito surdo se utilizar da língua de sinais que, por um passe de mágica, passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura, como fica? (STROBEL, 2008. p,91)

Sendo assim, podemos perceber que contato da criança surda com adultos surdos para o aprendizado da Libras é uma necessidade que traz benefícios para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, suprimindo as barreiras e as necessidades que o surdo tem no ambiente familiar e repercutir em sua vida social. A família também deve buscar esse contato de interação com o seu filho surdo e também através da comunidade surda, nas escolas bilíngues e nas relações e interações dos artefatos culturais da cultura surda.

Dentro da história cultural dos surdos podemos perceber vários artefatos culturais do povo surdo, que podem ser a experiência visual, linguística, literatura surda, vida social, esportiva, artes, políticas e outros. O conceito 'artefatos' não se refere apenas a materialismos culturais, mas aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (STROBEL, 2008, p. 61)

Concordando com Strobel sobre o acesso às informações e conhecimentos é de suma importância que as crianças surdas, pois para fortalecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo onde se usa a sua língua em comum: a língua de sinais.

A autora afirma que língua de sinais é:

uma das principais marcas de identidade do povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 61)

### **3.1.2. Famílias ouvintes e filhos surdos: sobre questões linguísticas, comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças e pelas famílias:**

Nesta categoria e a partir do bloco de perguntas apresentaremos as principais questões apresentadas pelas famílias ouvintes sobre as relações que envolvem as questões linguísticas, a comunicação e o processo de aquisição da Libras pelas crianças e pelas famílias.

8- Como você lida com a diferença linguística: língua oral e língua de sinais? O que você pensa sobre isso?
9-Como você percebe a aceitação do seu filho do seu filho na comunidade que vocês moram?
10 Quanto tempo você se viu precisar aprender a Libras?
11-O que te ajudou a conseguir ter uma ligação com filhos

Sabemos que é pela linguagem que o ser humano é inserido no mundo e aprende a se comunicar em permanente processo de interação, nas mais diversas formas de comunicação e expressão.

Ao serem questionadas sobre como lidam com a diferença linguística de seus(suas) filhos(as), as mães entrevistadas se colocaram da seguinte forma:

*“Pra mim, o melhor, é ela falando a língua dela. Com os amigos dela e é bom que usem a libras porque a maioria dos amigos usam a libras e são surdos. Às vezes, em uma festa a maioria são surdos. Eles brincam entre eles e quem não conhece a Libras, então, ficam espantados pela capacidade de cada um. Mas para a família não faz falta a libras porque ela é bem oralizada.” (Faby)*

*“A oralização facilita para nós ouvintes, quando não sabemos libras, porém, a libras é muito mais importante para os surdos, afinal, é a língua materna deles” (Hary)*

*“Assim, que descobri a surdez da minha filha, eu optei pela oralização. Os médicos estavam me influenciando bastante para que minha filha fosse oralizada. Com o passar do tempo, percebi que isso estava atrasando minha filha na língua materna – libras, então, decidi matricular minha filha em uma escola para aprender a libras. Hoje, em dia, eu uso os dois: Libras e oralização.” (Jary)*

Os depoimentos deixaram transparecer algumas formas de as mães e os pais verem o desenvolvimento dos(as) filhos(as) em relação à escolha da língua de sinais das crianças. Essas formas podem estar relacionadas, no nosso modo de ver, as peculiaridades de cada família e até mesmo a influência da visão médica parecem centrar na escolha pela oralização, mas depois acabam percebendo a importância da Libras para o desenvolvimento linguístico dos(as) filhos(as), como é o caso de Jary e Hary. Há nessa visão uma tendência a expectativas voltadas para padrões de normalidade, ratificando a necessidade de adequação aos modelos presentes na sociedade. Essa visão, embora compreensível tendo em vista a tradição clínica presente

na área, pode vir a criar um sentimento de frustração nos pais, impedindo que outras atitudes ou características dos(as) filhos(as), que contribuiriam para uma vida mais criativa e produtiva, sejam desconsiderados.

Carlos Skliar (2003) ressalta que a literatura sobre surdez tem como hábito refletir uma oposição simplificada entre modelos clínicos e modelos antropológicos da surdez e alerta para a necessidade de superação dos modelos clínicos e nos convida a pensar a surdez como uma diferença política, como experiência visual, caracterizada por múltiplas e multifacetadas identidades. Para o autor o discurso da deficiência tende a mascarar a questão política da diferença e nos convoca a pensar na experiência visual dos surdos, pois os surdos são sujeitos visuais e essa experiência visual envolve todo tipo de enunciados, significações culturais e todo o processo de comunicação que se reflete na língua de sinais.

Skliar (2003) ressalta, ainda, alguns exemplos de experiência visual da cultura surda e ressalta que essas experiências têm um significado crucial na comunicação nos processos didáticos, curriculares mais amplos e não somente nas questões linguísticas tais como:

Os surdos conhecem outros surdos e alguns ouvintes geralmente a partir de seus apelidos ou nomes visuais, formas de nomear os outros que, comumente, caracterizam traços visuais importantes das pessoas;  
Estabelecem metáforas visuais ao redor de informações estéticas e éticas;  
Caracterizam – sinalizam – os atos de comunicação por meio de imagens visuais – e orais nem auditivas; conversar, dialogar, discutir etc.: são de fato, ações para eles exercidas e representadas por movimentos das mãos;  
Produzem humor visual;  
Protestam visualmente;  
Definem as marcas do tempo, na língua de sinais, a partir de figuras visuais;  
Sugerem didáticas e mecanismos de ensino visuais. (SKLIAR, 2003, p.108 e 109).

Quanto à opinião das mães e dos pais sobre a necessidade de aprender a libras, obtivemos as seguintes respostas:

*“Eu senti a necessidade de aprender a libras quando ela foi para escola, agora eu percebo a importância da Libras na vida da minha filha. Tem momentos que olho ela conversando com os colegas da escola e não tenho a menor ideia do que ela está conversando.” (Joy)*

*“Eu percebi que minha filha iria precisar de mim, então, eu corri para aprender a Libras”. (*

*“Eu me emociono muito. Hoje, eu tenho outro entendimento. Eu quero muito aprender a falar com ele. Hoje, eu entendo que temos que aprender a libras deles e não somente forçar a leitura labial.” (Bey)*

*“Me arrependo por não ter aprendido a libras. Hoje, vejo o quanto é importante. Exemplo disso é: não consigo interagir com os amigos de minha filha. Isso é ruim! A libras tinha que ser a principal língua de pais ouvintes.” (Vay)*

*“No caso prefiro que ela seja oralizada, porque libras ela sempre vai saber. Aí é importante porque nem todos vão saber a libras e não vão a entender. Nós esquecemos muitos sinais, então, a oralização é importante.” (Jary)*

Quando perguntamos às famílias sobre a necessidade de aprender a libras, notamos que é um dado bastante importante no contexto atual, pois quase todas falaram sobre a importância do aprendizado da Libras e, também, comentaram sobre o arrependimento de não ter iniciado esse processo desde a descoberta de seu filho surdo. Algumas mães e pais iniciaram esse processo pelo aprendizado da língua do filho de modo imediato, mas, para alguns, esse processo ocorreu de forma tardia e, por isso, ocorreu um certo arrependimento, como afirma uma mãe: *“eu me arrependo por não ter aprendido a libras. Hoje, vejo o quanto é importante. Exemplo disso é: não consigo interagir com os amigos de minha filha. Isso é ruim! A libras tinha que ser a principal língua de pais ouvintes” (Vay)*. Deduzimos que essa busca pelo aprendizado da língua por parte das famílias se deve pelo atual contexto das políticas públicas em relação a valorização da Educação de Surdos, a Libras e da Cultura Surda no contexto da sociedade e da Educação. Notamos há desafios como apontam outras pesquisas apresentadas no trabalho, mas notamos que a partir das falas há um envolvimento maior das famílias para o processo do aprendizado da língua de sinais, da valorização da língua do seu filho e um envolvimento maior com comunidade para que os filhos surdos tenham acesso a cultura surda e a herança surda.

Em relação à opinião das mães e dos pais sobre como percebem a aceitação do seu filho/a na sociedade, obtivemos as seguintes respostas:

*“A aceitação na família é tranquila, mas na sociedade é um pouco complicado porque as pessoas não sabem libras, por isso, é bem complicado.” (Ruy)*

*“Eu percebi que precisava aprender a libras quando eu vi os outros surdos do colégio que só falavam em Libras, então, eu me vi perdida, porque ela era oralizada.” (Ciay)*

*“Assim, que minha filha começou a estudar, eu senti a necessidade de aprender a Libras para conversar com ela e participar da vida ativa dela na própria língua dela.” (Soy)*

*“Eu me lembro que uma vez chorei muito, porque minha filha participou de uma peça na escola e eu achava que eu nunca iria ver minha fazendo aquilo, pois para mim ela nunca iria aprender a ler e a escrever.” (Faby)*

*“Uma vez minha filha pediu para ir ao banheiro e eu não entendia o que ela queria dizer e aí eu pedi ajuda. A partir daquele dia, eu senti que era necessário eu aprender a libras para conversar com minha filha.” (Joy)*

*“Com a comunicação com a minha filha, eu acho que usamos as duas línguas, pois uma ajuda a outra. Com a família ela fala mais. Com os amigos é somente libras. Então, pra ela as duas línguas são muito importantes.” (May)*

As mães e os pais afirmam que não existe preconceito na família, mas afirmam que ainda percebem que a sociedade essa relação ainda é complicada, como bem afirma uma mãe, que participou da entrevista: *“a aceitação na família é tranquila, mas na sociedade é um pouco complicado porque as pessoas não sabem libras, por isso, é bem complicado” (Ruy).*

Podemos perceber a partir das falas que mais uma vez as mães e os pais ressaltam que a comunicação com a família é de forma mais oralizada, mas com os amigos surdos a comunicação é toda em libras. Outras mães também ressaltaram que a comunicação com a família se dar pelo uso das duas línguas, como ressalta uma mãe: *com a comunicação com a minha filha, eu acho que usamos as duas línguas, pois uma ajuda a outra. Com a família ela fala mais. Com os amigos é somente libras. Então, pra ela as duas línguas são muito importantes.* Quadros et la (2018) que o uso mais frequente é com amigos, porque são os amigos os seus pares que, frequentemente são outros surdos.

Essa fala da mãe corrobora com que o Skliar (2003) vai chamar das potencialidades e os direitos educacionais dos surdos para aquisição e o desenvolvimento da língua de sinais primeira língua e a potencialidade de identificação das crianças surdas com os seus pares surdos e com adultos surdos, quando a mãe diz: *assim, que minha filha começou a estudar, eu senti a necessidade de aprender a Libras para conversar com ela e participar da vida ativa dela na própria língua dela.* As crianças surdas têm suas potencialidades e possuem, também, o direito de sua entrada nos processos culturais sem nenhum impedimento ou condicionamento a participação dos surdos no debate linguístico, educacional, escolar e da cidadania etc.

Essa outra mãe achava que sua filha surda não teria condições de participar de uma peça de teatro e faz o seguinte relato:

*“Eu me lembro que uma vez chorei muito, porque minha filha participou de uma peça na escola e eu achava que eu nunca iria ver minha fazendo aquilo, pois para mim ela nunca iria aprender a ler e a escrever.” (Josuy)*

A partir dos depoimentos percebemos que há um maior reconhecimento de que a língua de sinais possibilita o desenvolvimento das pessoas surdas em todos os seus aspectos sociais, culturais, emocionais e linguísticos. Assim, ressaltamos a importância da experiência visual, da cultura surda como artefatos culturais (STROBEL, 2008), como construtores e produtores de conhecimentos, pois que possui uma língua e uma cultura própria, sem que sejam incluídos em uma lógica educacional que tem por base a cultura ouvinte. Por isso, a defesa da comunidade surda por uma educação bilíngue que enfatiza a necessidade de pôr as línguas sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio da política linguística, a partir do qual, pode-se sustentar o projeto político bilíngue com uma estrutura pedagógica e uma metodologia visual espacial como direitos dos surdos.

### **3.1.3. Famílias ouvintes e Filhos Surdos: sobre as questões pedagógicas com a escola, estratégias que as famílias utilizam para ensinar a criança surda, se a família faz algum uso de ferramentas didáticas, jogos, brincadeiras e histórias etc.**

Chegamos a última categoria de análise do roteiro das entrevistas e a partir do bloco de perguntas apresentaremos as principais falas dos participantes que refletem sobre as relações que envolvem as questões sobre as questões pedagógicas com a escola, estratégias que as famílias utilizam para ensinar a criança surda e se a família faz algum uso de ferramentas didáticas, jogos, brincadeiras e histórias para ajudá-las em seu processo ensino-aprendizagem em suas atividades escolares. Nesta categoria nos interessa nos saber o envolvimento das famílias com as demandas pedagógicas, o envolvimento das famílias ouvintes com os seus filhos surdos para uso de ferramentas didáticas pedagógicas.

14-No processo de matrícula, na escola, foi tranquilo, foi possível dialogar desde o início sobre as demandas de um aluno surdo?

15-Você participa da vida ativa do seu filho na escola? Como acontece essa participação?
16- E em relação as atividades da escola. Quais as estratégias para ajudar o seu filho com as atividades escolares?
17-Em relação as atividades pedagógicas: Usam algum tipo de jogo, brincadeiras, histórias infantis etc. Jogaram os jogos juntos? Como é a comunicação de vocês: Libras, oralização, gestos, mímicas?

A partir das respostas sobre o processo da matrícula dos alunos surdos na escola, algumas mães responderam que este processo foi bastante tranquilo, pois sabendo da surdez do filho, então, optaram por uma escola bilíngue ou escolas específicas para surdos, como o INES, o Rompendo Silêncio, Helen Keller, e a APADA, pois são escolas para surdos e o processo de matrícula nessas escolas bilíngues ou escolas para surdos, foi tranquilo e foi possível dialogar desde o início sobre as demandas de um aluno surdo.

*“Assim, que tive certeza que minha filha era surda, eu a coloquei na escola Rompendo Silencio, que é uma escola bilíngue e não tive problemas, pois minha passou a se desenvolver com sua própria língua, Foi nesta escola que também passei a fazer cursos de Libras para aprender a língua da minha filha. Eu aprendi a Libras rápido, parei a minha vida em prol da minha filha e tudo que eu podia fazer, eu fazia para ajudar ela. (Suy).”*

*“Foi tranquilo porque eu já tinha ido ao médico levar minha filha, já tinha em mãos o resultado do BERA e fui direto pro INES.” (Joy)*

*“Foi muito fácil, pois já tinha uma escola que era voltada para os surdos. (May)”*

Algumas mães também relataram conflitos enfrentados em algumas escolas que não eram bilíngues, pois não tinham a presença de intérpretes e os docentes não sabiam libras. Os filhos também não permaneciam nessas escolas que não eram bilíngues, pois as próprias procuravam escolas bilíngues para os seus filhos.

*A matrícula foi fácil, mas o processo inicial foi difícil, pois não tinha intérpretes, então, ficou bem complicada essa questão e fora isso tranquilo.” (Any))*

*Quando tentei a matrícula lá em Quatis foi bem difícil, pois não tinha intérpretes e aí eu tive conhecimento da escola Rompendo Silêncio, que fica*

*em Resende, através de uma vizinha. Imediatamente, eu fui ver como era, pois essa escola não era na minha cidade e teria que viajar para levar minha filha à escola". (Bey)*

*Depois de algum tempo que consegui matricular minha filha em uma escola, pois estava tendo inclusão, depois matriculei no INES e começou a apoiar melhor e as coisas começaram a caminhar de uma forma tranquila e boa. (Joy)*

Um outro ponto que merece destaque é a participação ativa das mães de crianças surdas em todo o seu percurso na vida escolar, muitas mães passam a permanecer na escola o tempo em que o filho permanece. As mães também passam a conhecer a Libras na escola dos filhos.

*Minha vida toda foi em dedicação á minha filha. Fui mãe solteira e me dediquei a ela, pois não tinha outra pessoa para ajudar. (Day)*

*A minha filha entrava na escola às 7h da manhã e saia às 11:30 e a escola deixava as mães estarem juntos com os seus filhos. (Ciay)*

*Sempre participei de tudo. Desde o início. Estava sempre querendo saber do desenvolvimento dela. (Ray)*

*Sim, procuro sempre participar de tudo, questiono tudo, brigo e fico em cima. (Soy)*

*Sim, o tempo todo. Eu chego junto, Eu sei quem são os professores, sei quem é a orientadora. Participo de reuniões, levo laudos médicos. Participo muito. Sou muito ativo na vida educacional dele. (Ray))*

Por fim, fizemos as seguintes perguntas aos entrevistados que participaram da pesquisa, a fim de entendermos essa relação da escola com a família ouvinte e o seu filho surdo. As perguntas foram: Em relação às atividades da escola, quais as estratégias para ajudar o seu filho com as atividades escolares? Em relação às atividades pedagógicas: Usam algum tipo de jogo, brincadeiras, histórias infantis etc. Jogaram os jogos juntos? Como é a comunicação de vocês: Libras, oralização, gestos, mímicas?

De acordo com Lohn (2015) em sua dissertação de mestrado, cujo título foi: do jogo didático ao jogo didático surdo no contexto da educação bilíngue: o encontro com a cultura surda, a autora ressalta que os jogos didáticos surdos são os que trazem aspectos relevantes da cultura surda e estes aspectos são visuais e podem conter o

SignWriting<sup>9</sup>, desenhos de sinais, fotos de sinais, imagens e português escrito, bem como regras que induzem à interpretação visual. São jogos que a partir da interação, motivam interferências entre a cultura surda e as subjetividades, as emoções, os esforços, no momento em que estes influenciam a aquisição de dados culturais.

Durante as entrevistas pôde se perceber que há um desconhecimento, em sua maioria, por parte das mães e dos pais sobre a existência de jogos em Libras, mas reconhecem a importância dos mesmos para a aprendizagem das crianças surdas. Quando questionados sobre a interação lúdica, ou seja, o brincar com jogos entre eles e os filhos foi possível compreender que esta ocorre de maneira esporádica com rara exceção.

Essa percepção ocorreu mediante falas como:

*“Não conheço nenhum” (Bey)*

*“Não, pois não tinha conhecimento de jogos naquela época” (Hery)*

*“Não sei, pois não tenho conhecimento”. (Faby)*

*“Eu não conheço”. (Day)*

*Não sei. Porque não conheço jogos de Libras. (Ciaiy)*

Os pais e as mães reconhecem a importância dos jogos para a aprendizagem das crianças, pois ao serem questionados sobre a importância dos jogos apresentaram as seguintes respostas:

*“Se for um jogo educativo, sim”. (Vay)*

*“Sim, muito” (Josy)*

*“Muito importante. Isso ajuda a mente, ao cérebro começar a encontrar novos caminhos dentro deles mesmo”. ((Jary)*

*“Sim. Estimula. É bom. ((Mary)*

*“Sim, pois os surdos são muito visuais e os jogos ajudam no desenvolvimento deles”. (Rosy)*

Quando questionados sobre a interação lúdica, ou seja, o brincar com jogos entre eles e os filhos, foi possível compreender que esta ocorre de maneira esporádica com rara exceção. Ressaltando que alguns não responderam tal pergunta.

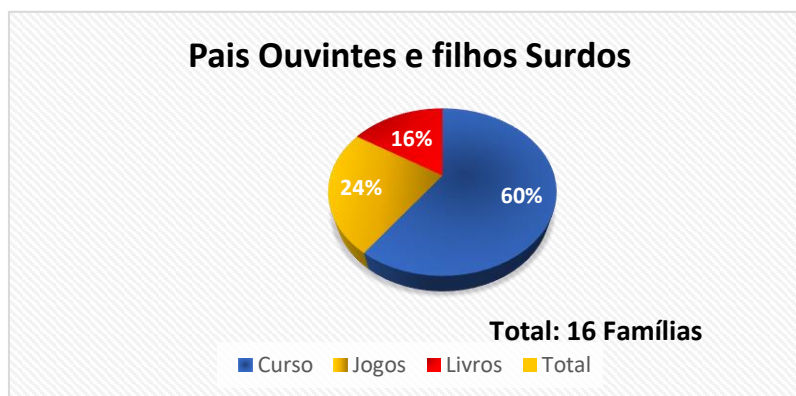
---

<sup>9</sup> SignWriting é um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais. A SignWriting foi desenvolvida em 1974 por [Valerie Sutton](#), uma dançarina, que havia, dois anos antes, desenvolvido a Dance Writing, um sistema escrito de danças.

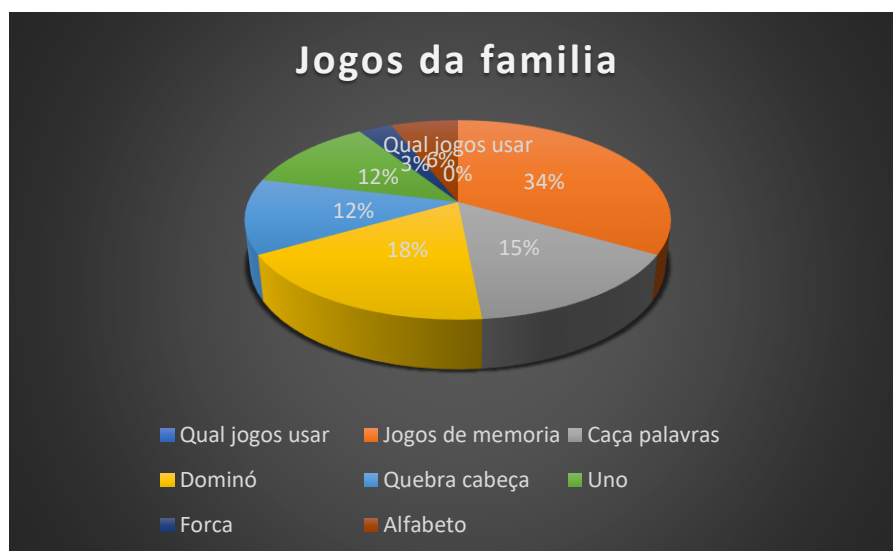
*"Eu não brincava nem quando eu era criança. Não tive uma infância boa, então" (Vay)  
 não brinquei muito com ele". (Jary)  
 "Eu mesmo não participava. Era somente com os irmãos mesmo" (Josy)  
 "Não. Eu mesma não, mas ela sim, vários tipos de jogos. Fico só olhando e não entendo" ((Ciay)  
 "Sim, A gente brinca de várias coisas. Uno, dominó, os que eu sei jogar. (Ely)*

É importante dizer que os jogos em Libras trazem variados benefícios além da brincadeira em si e da interação entre os membros da família, pois, estes jogos favorecem o aprendizado da Língua de Sinais de forma mais fácil e prático que vem propiciar a comunicação entre estes membros. Na visão da pesquisadora Lohn (2015), os jogos didáticos surdos refletem a luta específica dos surdos pela diferença, pois mostram a importância da cultura surda na educação destes estudantes. Para a autora "os jogos também favorecem o processo em que os Estudos Culturais e os Estudos Surdos se servem da cultura surda, no uso de estratégias visuais, que atingem pela subjetividade, o conhecimento na educação em libras para as crianças surdas vão justamente nesse intuito, de permitir a comunicação dentro de casa, tendo em vista que as crianças já possuem uma língua na escola, mas não tem em casa por faltar à comunicação na língua de sinais já que os pais/responsáveis preferem o uso da oralização. Ainda, conforme experiências pessoais e profissionais, a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos ocorre bem somente quando necessário, não havendo interação natural entre eles o que dificulta na relação de intimidade, gerando insegurança destes filhos para conversas mais pontuais e esclarecimentos de dúvidas.

Algumas famílias falaram sobre as estratégias utilizadas nas atividades da escola para ajudar o seu filho surdo. Sendo assim, 60% disseram que preferem curso de libras para desenvolvem sua fluência e ajudar o seu filho com as atividades escolares, 24% jogos de Libras e 16% livros que ensinem através da Libras.



Perguntamos também as famílias se usam algum tipo de jogo, brincadeiras, histórias infantis etc. E se as famílias brincam, jogam ou fazem alguma atividade lúdica em parceria com as crianças surdas.



Os dois gráficos apontam uma realidade na educação de forma geral em relação ao uso dos jogos como material didático para os alunos surdos e ouvintes e vai ao encontro da pesquisa realizada por Lohn (2015) onde aponta que mesmo sabendo da importância do uso dos jogos didáticos para a educação e a educação bilíngue em atividades disciplinares, a maioria das escolas os utiliza pouco, por falta de conhecimento. A autora afirma que os alunos surdos podem desenvolver sua capacidade cognitiva por meio de jogos específicos. A estes chamamos jogos didáticos surdos, pois possibilitam o desenvolvimento da aprendizagem, o conhecimento de vocabulários pela Língua de Sinais, o SignWriting, por imagens, alfabeto manual e por vários sinais ou palavras que são contextualizados com o apoio na cultura surda. A experiência cultural

adquirida pelos estudantes surdos, em suas tentativas e interações, pode proporcionar o desenvolvimento de novas ideias e a sua criatividade.

Se as escolas sofrem com a escassez de materiais e jogos didáticos surdos, é tarefa dos professores criar, com base teórico-metodológica, esses recursos para o seu uso cotidiano em sala de aula, com o objetivo de oferecer aos estudantes surdos o conhecimento pela interação que esses materiais proporcionam na Língua de Sinais. Os alunos, certamente, iriam ter mais satisfação diante de atividades desenvolvidas nas diferentes disciplinas, por meio desses jogos com identidade cultural. Dantas refere que “toda a atividade da criança é lúdica, no sentido de que se exerce por si mesma” (2013, p. 113). Então seria mais interessante a aprendizagem dos conteúdos, por eles, mediante o jogo didático surdo, também para a sua compreensão de modo geral e sua comunicação em Língua de Sinais. (LOHN, 2015, p. 49)

Portanto, quando a família compreende as singularidades linguísticas e entende que ela precisa aprender a Libras, de forma a promover a língua que é direito de seu filho, ela proporcionará a ele a aquisição de sua língua de forma “natural”, assim como acontece no lar ouvinte que tem um filho ouvinte. Com o suporte linguístico, a criança surda terá condições de se socializar com a família e a sociedade, preparando-a para seus primeiros contatos com a escola. Apesar disso, a maioria das famílias, por ser ouvinte, não conhece a Libras e, desse modo, será a escola o lugar de aprendizado dessa língua.

As entrevistas foram cheias de emoções, sensibilidades, sentimentos e lembranças de histórias reais que poderiam contribuir para uma análise mais profunda, no entanto, por meio de alguns dados coletados e suas falas, foi possível refletir e compreender o olhar das mães e dos pais sobre sua realidade e suas percepções sobre a chegada de um filho surdo em uma família ouvinte. Através dessas vozes e olhares, cheios de sensibilidade, emoções e histórias, tecemos reflexões reais sobre temas vivenciados cotidianamente por essas familiares que participaram da pesquisa.

Cada entrevistado, ao refletir cada momento de suas falas e olhares sobre os seus contextos se aproximaram de um olhar sensível em busca de uma escola bilíngue com o respeito às diferenças e o respeito a cada sujeito como sendo único. Cada mãe ou pai, ao perceber a importância da língua de sinais para o crescimento de seu filho surdo, deixou emergir um olhar, algo único, que é do sujeito surdo, da criança surda. E todas as entrevistas dizem respeito ao que cada uma sobre o tema, de acordo com em suas experiências.

Para finalizar, ressaltamos que buscamos criar possíveis leituras e aproximações do que foi dito nas entrevistas sobre o tema estudado, sem a pretensão de apresentar tudo que diz respeito aos sujeitos entrevistados, pois assim não seria possível descrever. Como podem perceber são apenas aproximações possíveis das famílias entrevistadas e as relações e interações com os seus filhos surdos, com um olhar para a Educação de Surdos e para a Educação Bilíngue em nosso país.

Com este trabalho podemos perceber a importância da escola bilíngue para as famílias ouvintes com crianças surdas, pois é na escola onde as interações com outras crianças surdas acontecem em sua própria língua, ou seja, o encontro com os seus pares, suas culturas, seus diálogos e onde desenvolvem as interações comunicativas. Pois é na escola onde transitam as línguas e é no espaço da escola no qual as crianças surdas têm acesso a Libras. Portanto, torna-se fundamental o estabelecimento de políticas linguísticas de aquisição da primeira língua nesse espaço, como afirma Ronice Quadros (2018).

## Algumas Reflexões Finais

*“No começo não foi fácil, mas conseguimos.  
A única diferença deles é que eles escutam com os olhos” (Mãe:  
Mary)*

A presente pesquisa teve como objetivo descrever as percepções das relações e interações das famílias ouvintes com seus filhos surdos, tomando como base o percurso da experiência, os desafios encontrados, e as ações e práticas das famílias ouvintes no desenvolvimento das crianças surdas, de um modo mais amplo. Partimos de entrevistas com 16 famílias ouvintes no município do Rio de Janeiro, realizadas entre outubro de 2021 a dezembro de 2021. As entrevistas foram realizadas de forma remota, por conta das restrições sanitárias impostas pela Pandemia do Coronavírus.

Como bem pontuado nas considerações iniciais, o interesse desta pesquisa surgiu da própria inquietação vivenciada como filha surda, de uma família ouvinte. E hoje, sou professora surda de crianças surdas com famílias ouvintes.

No primeiro capítulo, buscamos apresentar um panorama geral acerca da temática famílias ouvintes e filhos surdos, o qual iniciamos com um balanço de pesquisas em teses, dissertações, e artigos sobre a temática estudada. Em seguida, apresentamos avanços legais que foram evidenciados, principalmente, a partir da conhecida Lei de Libras – Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5616/2005, que reconhece a educação de surdos, a Libras, e a educação das crianças surdas no contexto escolar.

A pesquisa de campo foi apresentada, no segundo capítulo, onde pudemos explicar como ocorreu o processo de entrevistas com as famílias ouvintes com crianças surdas. Apresentamos, através de tabelas, as 16 famílias pesquisadas durante o processo da pesquisa a partir de um roteiro e um questionário aplicado às famílias ouvintes com filhos surdos.

No capítulo seguinte, organizamos os dados a respeito das entrevistas onde tentamos apresentar as falas dos entrevistados, - mediante transcrição das entrevistas -, e, assim, captar fragmentos dos olhares dos participantes da pesquisa com relação ao tema pesquisado. Na sequência, foi elaborado uma análise onde encontramos semelhanças e diferenças em cada uma. Encontramos também semelhanças possíveis entre os dados coletados e as pesquisas apresentadas no referencial teórico, que foi

construído a partir das leituras, pesquisas, e reflexões realizadas sobre o tema pesquisado.

Desse modo, entendemos a produção desse estudo como uma contribuição acadêmica – por fazer uma discussão científica sobre famílias ouvintes e filhos surdos – mas, principalmente, uma contribuição social, pois põe em evidência as histórias (trajetórias) das famílias ouvintes com os seus filhos surdos na busca de seus espaços bilíngues na escola e na sociedade, e que tem como objetivo contribuir para que as famílias ouvintes sejam bilíngues, e para que as crianças surdas possam ser protagonistas de suas histórias, bem como as falas dos participantes evidenciaram.

As falas das famílias entrevistadas demonstram que com a chegada de um filho surdo em um lar ouvinte, muitas demandas se propõem a família, mas, ao mesmo tempo, os dados das entrevistas apontam que essas demandas vão sendo superadas ao longo do desenvolvimento da criança surda ao mesmo tempo em que as famílias passam a reconhecer a potencialidade do seu filho surdo e, também, passam a aprender a língua e a conviver com a cultura surda e a comunidade surda.

Podemos perceber através das entrevistas que quando as mães e os pais matriculam os seus filhos na escola é também um processo de descoberta dessa criança e, também, da família, pois é na escola onde família e filhos surdos começam a ter acesso a Língua de Sinais e passam a ter relação com outros surdos, e frequentando assim, a comunidade surda. A escola passa a ser um local de socialização para os alunos surdos, pois é na escola onde há o encontro das crianças surdas com outras crianças surdas, ou seja, com os seus pares e onde acontece a aquisição da L1 em diálogo com outras crianças surdas, docentes surdos, docentes bilíngues e intérpretes.

Os dados também demonstram a importância das famílias aprenderem a libras desde a chegada de um bebê surdo em seus lares, pois muitas mães falaram sobre o aprendizado tardio por parte de seus filhos e também por parte da família.

Algumas mães relataram sobre a falta de intérpretes nas escolas públicas e que os filhos mudavam de escola por conta da falta de acessibilidade, mas iam em busca de uma escola bilíngue e com foco na surdez, sendo assim, as demandas iam sendo sanadas à medida que encontravam uma escola bilíngue. Ao mesmo tempo, muitas mães relataram sobre a distância das escolas bilíngues, pois ficam distantes de suas residências, e, além disso, algumas mães chegam a viajar de uma cidade a outra para matricular o seu filho surdo em uma escola bilíngue.

Notamos também através das falas que a escola bilíngue gera um conforto para o aluno surdo e, também, para as famílias, pois é na escola bilíngue que as crianças têm acesso direto a sua língua, e, assim, as famílias passam a ter acesso aos cursos de libras.

No passado, a educação de surdos teve momentos considerados sombrios, a exemplo de quando estes tiveram seus direitos linguísticos negados, e foram forçados a se adaptar a um modelo de normalidade a partir de um ponto de vista ouvinte. Foram grandes os ganhos da comunidade surda com o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil e com o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), fator que regulamenta e garante diversos direitos antes negados. Não podemos agora, neste momento de crise, retroceder e perder os avanços já conquistados pela comunidade surda.

Os dados da pesquisa também apontam que o apoio da família é fundamental para que a criança surda possa desenvolver a língua de sinais. A professora Ana Regina Campello<sup>10</sup> (2019) afirma que o ideal é que as famílias aprendam Libras o quanto antes. Ela afirma que o “engajamento da família no aprendizado de libras é fundamental para que todos [...] possam interagir de maneira harmoniosa, sem conflito, objetivando o alcance de uma melhor comunicação no desenvolvimento dos filhos até a vida adulta”. Para Campello: “O ensino bilíngue, nos vários estudos e pesquisas, oferece ao aluno surdo melhores condições de aprendizagem e de fomentar sua autonomia linguística” (BRASIL, 2019).

Sendo assim, sabemos que a família e a escola têm importantes papéis, oferecendo suporte para o desenvolvimento da criança surda em um ambiente bilíngue. Para Quadros (2019) em um ambiente bilíngue as línguas devem transitar entre os surdos, enquanto grupo social, pois “a língua de sinais é a primeira língua, a língua de instrução, ou seja, a língua usada na escola para a interação, praticada por crianças surdas em um espaço com acesso ao ensino da língua do país, com metodologias específicas de ensino de segunda língua” (QUADROS, 2019, p.148).

A educação e as escolas estão sendo convocadas e desafiadas para serem reinventadas para que os direitos dos alunos surdos já garantidos em lei possam ser concretizados no contexto da escola e da sociedade em práticas bilíngues interculturais,

---

<sup>10</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Dia Nacional da Libras: data em comemorada como defesa da educação bilíngue para surdos: MEC, Brasileira, abril de 2019 no portal do Mec. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/últimas\\_notícias/12-ações-programas-e-projetos](http://portal.mec.gov.br/últimas_notícias/12-ações-programas-e-projetos). Acessado em 24 de abril de 2022. Essa referência da professora Ana Regina Campello foi em uma entrevista com a professora realizada pelo MEC e divulgado no Portal do Mec no dia Nacional da Libras.

com reconhecimento da história dos surdos, mas narrados por eles próprios. Strobel (2018) também nos lembra que a língua de sinais é fundamental para a construção das identidades, da cultura e na construção de experiências visuais, pois possibilitam novas percepções, além de respeito às diferenças linguísticas e culturais, em conjunto ao fortalecimento da comunidade surda.

### **Os principais achados e novas questões de pesquisa que o estudo apresentou:**

Os depoimentos das famílias ouvintes com filhos surdos, participantes da pesquisa, apontam que as famílias ouvintes começam a ter consciência da importância do aprendizado da Libras a partir da entrada na escola. Sendo assim, percebemos através dos depoimentos que essa função ainda é delegada à escola pela maioria dos depoimentos; porque as mães, também, iniciam o seu processo de aprendizado da língua de Sinais, após a matrícula do seu filho na escola.

- ✚ As famílias ouvintes afirmaram sobre a importância do aprendizado da Libras, da Escola Bilíngue e os benefícios desse aprendizado para o desenvolvimento do seu filho surdo;
- ✚ Por outro lado, algumas mães afirmaram a importância do aprendizado das duas línguas ao mesmo tempo: a Libras e a língua portuguesa para o desenvolvimento do seu filho surdo, pois segundo as famílias a sociedade é ouvinte e as crianças surdas precisam ter o domínio da língua portuguesa para que elas não sejam excluídas dessa sociedade;
- ✚ Ainda há uma forte pressão por parte da família para que as crianças surdas sejam oralizadas, pois acreditam que através do domínio da oralização as crianças são integradas à família e à sociedade sem sofrer processos de exclusão e preconceitos;
- ✚ A pesquisa também aponta a importância da escola bilíngue para as famílias ouvintes com crianças surdas. As mães e os pais passam a aprender a libras a partir da matrícula dos filhos nas escolas públicas. É na escola onde as famílias fazem os cursos de libras e, também, passam a entender a importância da Libras na vida da criança surda, também, da família como um todo para aprender a libras;

- ✚ O aprendizado da Libras, que é uma língua visual espacial com estrutura muito diferente da língua portuguesa, é percebido como muito difícil e com pouca possibilidade de praticá-la;
- ✚ Foi possível perceber que com o avanço das políticas públicas, das Leis e dos Decretos na área da educação de surdos, que perpassam a garantia de direitos à educação de surdos e suas famílias, então, foi possível perceber a conscientização das famílias em relação ao aprendizado da Libras o quanto antes;
- ✚ Pelos depoimentos notamos uma certa dificuldade de interação dos pais com seus filhos surdos por meio da língua de sinais. Essa dificuldade faz com que situações de diálogos e até brincadeiras fiquem prejudicados. Algumas famílias relataram sentimentos de angústia acontecem na relação com a criança surda, mas são refeitos quando conseguem estabelecer momentos de interação onde a intencionalidade comunicativa é estabelecida, ainda que seja por meio de gestos indicativos, representativos e sinais isolados ou acompanhados da língua portuguesa oral;
- ✚ As famílias percebem o avanço das políticas públicas visto por meio do trabalho que vem sendo desenvolvido com as crianças surdas. As mães reconhecem a importância da escola como lugar de ensinar e, também, de socialização da criança surdas com os seus pais, como local também para aprender a libras pelas crianças e, também, pelas famílias. A escola se mostra como espaço de socialização e apropriação da língua de sinais pela família e pelas crianças surdas. Para algumas famílias é no espaço da escola onde elas passam a ter os primeiros conhecimentos sobre surdez, com o enfoque cultural e natural da própria criança, pois é na escola onde conhece outras famílias e passam a ter acesso também a comunidade a surda, com outros surdos e outras famílias surdas. A escola é um espaço de aprendizado, conhecimento e é um espaço de encontro e de criação de laços entre os surdos, com os surdos e suas famílias.

A educação escolar bilíngue de surdos visa contemplar ações educacionais, orientações, informações e interlocuções entre a Libras e a Língua Portuguesa, que precisam ser viabilizadas de forma efetiva para que as famílias e as crianças surdas possam ter consciência das diferenças entre uma e outra.

“As línguas de sinais são produzidas como um conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais necessários para a articulação do sinal em um determinado espaço de enunciação e sua percepção ocorre através da visão. Trata-se, pois, de uma modalidade viso-espacial de modo que a Libras atente à especificidade de como o surdo capta a informação, constrói o conhecimento e expressa suas ideias e sentimentos e ações” (MÜLLER E KARNOPP, 2017, p. 64).

A Libras como língua neste caso assume uma centralidade nas ações pedagógicas, contato com profissionais surdos que, além de promover a convivência com a língua e com as especificidades da cultura surda, tem por base a visualidade, e são importantes modelos positivos de surdos. Assim, colaborando para que as famílias percebam o importante papel de protagonistas no desenvolvimento de seu filho. Essas ações buscam melhorar o convívio, a comunicação, a interação entre famílias ouvintes e filhos surdos.

Por fim, ressaltamos o papel da família no processo de aquisição da Libras é essencial, principalmente, após a promulgação da Lei 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002), a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Para possibilitar esse direito é necessário o investimento em uma educação bilíngue que atenda a realidade das crianças surdas e de seus familiares ouvintes. Uma educação bilíngue que promova um futuro exercício da cidadania, promovendo um ensino de excelência às crianças surdas em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, em um sistema educacional intercultural, bilíngue e com aprendizado ao longo da vida sem nenhuma prática de qualquer forma de discriminação ou preconceito, mas sempre em busca do respeito à diversidade cultural e linguística inerente ao nosso país.

Esperamos que todas as famílias com filhos surdos possam encontrar uma escola verdadeiramente bilíngue e acessível e que as crianças surdas possam crescer e desenvolver como cidadãos ativos e atuantes como qualquer outro, mas com o olhar na cultura, construindo identidades, interagindo por meio de uma língua que tem a visualidade como característica central. Somos iguais em direitos, embora sejamos plurais, diversos e diferentes.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores – 1ª edição – Curitiba: Appris, 2016.

ANDRÉ, Marli. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 2006.

BEZERRA, Valéria da Silva. A Libras e sua Capacidade de Romper Silêncios e Criar Laços no Contexto Familiar Pais Ouvintes de Criança Surda, 2019. 235f. Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal. Porto Editora, 2009.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Dia Nacional da Libras: data em comemorada como defesa da educação bilíngue para surdos: MEC, Brasileira, abril de 2019 no portal do Mec. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/últimas/noticias/12-ações-programas-e-projetos>. Acessado em 24 de abril de 2022

BRASI. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm)>. Acesso em: 22 março. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm). Acesso em 22 março. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)> Acesso em 22 agosto. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 dez. 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: Acesso em 22 agosto. 2021.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-EI). Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1669\\_0-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva05122014](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1669_0-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva05122014). Acesso em 22 agosto. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional),

BRASIL. Decreto no 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2012022/2020/decreto/D10502.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2012022/2020/decreto/D10502.htm). Acesso em: 20/10/2021.

BRASIL. Lei nº 13.005 *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014* (2014, 25 de junho). Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília. Recuperado: 10 jun. 2016. Disponível: Disponível: <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>. Acessado em 14 de junho de 2021.

BRASIL. Relatório sobre a Política Linguística da Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 2014.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAMPELO, Ana Regina e Souza. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII e XXI. Revista Mundo & Letras, v. 2. São Paulo, 2011.

CAMPELO, Ana Regina e Souza. Deficiência auditiva e libras. In: Grupo UNIASSELVI, 2009, 124.p. II.

CAPPELINI, Michelle. “Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas”. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de São Carlos, 2019, p. 115.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. Estudos comparados em educação: novos enfoques teórico-metodológicos. Acta Scientiarum Education, v. 36, n. 1, jan./jun., 2014, p. 129-141.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, mar. 2002.p. 139-154.

DUARTE, Rosáliaa. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar em Revista. Curitiba, v. 24, 2004.p. 213-225.

EMMOREY, Karen. *Language, cognition, and the brain: insights from signs language research*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

ESTADÃO, Jornal. [Pandemia atrasa desenvolvimento de crianças surdas \(estadao.com.br\)](https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/pandemia-atrasa-desenvolvimento-de-criancas-surdas/) .. link: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/pandemia-atrasa-desenvolvimento-de-criancas-surdas/> Acessado em 10 de agosto de 2021

---

FELIPE, T. A. Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas. **Revista Fórum**. Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES- L 25/25 Vol 1 (jan./dez. 2012). P. 7-22, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:<https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/285>. Acesso em: 02/07/2021

FERNANDES E MOREIRA. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 3, p. 127-150, dez. 2017

FRANCO, Lidiane Helena R. Língua Brasileira de Sinais: uma ponte de amor entre pais ouvintes e filhos surdos. 2015. 141f. Dissertação. Mestrado (Departamento de Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

GESSER, Audrei. Libras? que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

Gil, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Ed. São Paulo: Atlas,2008.

GOLDIN-MEADOW, S. Talking and thinking with our hands. *Psychological Science*, v. 15, nº 1, p. 34-39, 2006.

GÓES, Maria Cecília R. de. Linguagem, surdez e educação. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

GOÉS, Maria Cecília R. de. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: LACERDA, Cristina B.F. de; GÓES, Maria Cecília R. de (orgs.) Surdez – processos educativos e subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000

GUARINELLO, AC, Claudio DP, Festa PSV, Paciornik R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos. Tuiuti: Ciência e Cultura. 2013; p.46:151-68.

IBGE. Censo Demográfico 2010.Disponível em:< <https://censo2010.ibge.gov.br/>> acessado em 21 de julho de 2021.

INSTITUTO, Escuta. [Home - Instituto Escuta](#), acessado em 13 de setembro de 2021.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Trabalho e renda. POLÍTICAS SOCIAIS acompanhamento e análise Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, Brasília, n. 29, p. 1 a 25.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Müller de. Educação Infantil para Surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (Org.). A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230; Disponível em: < <http://www.ronice.ced.ufsc.br/index.htm>>. Acesso em: 13/01/2007.

KARNOPP, L. B.; PEREIRA, M. C. C. Concepção de leitura e de escrita na educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (orgs.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 125-134.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2012, 202p., ISBN: 978-85-326-4637-8.

KELMAN Celeste A. et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Revista Linhas Críticas*, Brasília, v. 17, n. 33, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3737>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KELMAN, Celeste Azulay; FARIA, Cassiana Borges. Mães de surdos e suas percepções. In: MANZINI, Eduardo José (Org.) *Inclusão do aluno com deficiência na escola: os desafios continuam*. Marília: ABPEE/FAPESP, 2007. p. 187-200.

KYLE, Jim. O ambiente bilíngue: Alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para os surdos. In: SKLIAR, Carlos (Org) *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 2013.

Lacerda, C. B. F., & Santos, L. F. (2013). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar., 2018.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Caderno CEDES*, v. 26, n. 69, 2006, p. 163-184. LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LACERDA, C. B. F.; CAPORALI, S. A. “A família ouvinte de sujeitos surdos: reflexões a partir do contato com a língua de sinais”. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 12, n. 67, p. 16-25, 2003.

Lebedeff, T. (2010). A educação dos surdos na região do planalto médio rio-grandense: Uma problematização das condições lingüísticas e de escolarização. *Anais da Reunião Anual da Anped “Educação No Brasil: O Balanço de uma Década”* Caxambú, MG, Brasil,

Lebedeff, T. (2012). Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. *Revista Educação Especial*, 13–18. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5197>

LODI, Baleiro Claudia Ana; MELO, Barbosa D. Ana e FERNANDES, Eulalia. Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Editora Mediação, Porto Alegre, 2012.

LODI, Ana Claudia Baileiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de de. (Orgs.) Uma escola, duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.

Lodi, A.C.B. (2013). Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. *Educação e Pesquisa*, 39, 49-63.

Lodi, A. C. B., & Luciano, R. T. (2014). Desenvolvimento da Linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In A. C. B. Lodi, & C. B. F. de Lacerda (Orgs), Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização (pp. 33-50). Porto Alegre: Editora Mediação

LOHN, Juliana Tasca Do jogo didático ao jogo didático surdo no contexto da educação bilíngue: o encontro com a cultura surda. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciência da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. - Florianópolis, SC, 2015. p.197.

MACHADO, Paulo César. Integração/inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In QUADROS, Ronice Muller de. Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

MAYBERRY, R. I.; EICHEN, E. B. The long-lasting advantage of learning sign language in childhood: another look at the critical period for language acquisition. *Journal of Memory and Language*, v. 30, nº 4, 486-512, aug. 1991.

MILANEZI, Tamille Correia de Miranda. Inter-relações surdas e ouvintes no processo de apropriação do conhecimento escolar por estudantes surdos. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.15

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9-30.

MOITNHO-SILVA. Educação e Direitos Humanos, Igualdade e Diferença: o que dizem os professores? Tese de Doutorado defende no Programa de Pós-graduação na Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2016.

MONTEIRO, Ana Paula Lima. Sujeitos surdos na escola: entre a inclusão formal e a exclusão real. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Pará; Linha de pesquisa em Estudos Críticos do Direito, 2021.

MÜLLER, Janeire I. e KARNOPP, Lodenir B. EDUCAÇÃO BILÍNGUE: UM OLHAR PARA ESCOLAS DE SURDOS. Disponível em: [1495334553\\_ARQUIVO\\_MULLER\\_KARNOPP\\_SBECE2017.pdf](https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.798), acessado em 15 de maio de 202e

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. Revista Travessias, Dossiê Educação, Cultura, Linguagem e Arte, 2009, p. 01-16.

PEREIRA, Tatiane. O processo de aquisição da língua brasileira de sinais por filhos surdos de pais ouvintes: os desafios e as possibilidades nos contextos familiar e escolar (2020), Dissertação de Mestrado, defendida em junho de 2020.

PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. Em A. S. Thoma & M. C. Lopes (Orgs.), A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação (pp. 73-82). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

PERLIN, Gladis. Prefácio. In Estudos Surdos II. R. M. Quadros & G. Perlin (Orgs.) (pp. 9- 17). Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2007.

PERLIN, Gládis T. T. Identidades Surdas, In: SKLIAR, C. (org.) A Surdez, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In.: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Perlin, G. (2006). A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). Revista Educação Temática Digital, 7(2) 136-147. <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.798>  
» <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.798>

PERLIN, Gládis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 2ª. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 51-73.

Perlin, G., & Quadros, R.M. (2006). Ouvinte: O outro do ser surdo. In R. M. Quadros (Org.), *Estudos Surdos I – parte A* (Cap. 5, pp. 165-166, Série Pesquisas). Petrópolis, RJ: Arara-Azul.

QUADROS, R. M. de.; Língua de herança: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

Quadros, R.M. (2006). Políticas lingüísticas e educação de surdos em Santa Catarina: Espaço de negociações. *Educação & Sociedade*, 26(69), 141-161.

<https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200003>  
 » <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200003>

QUADROS, R.M; CRUZ, C.R. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2007. REIS, Flaviane. Professores surdos: Identificação ou Modelo? In: QUADROS, Ronice Muller de e PERLIN, Gladis. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller. Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, Ronice, Muller. Linguística para o ensino superior: Libras Editora São Paulo – Parábola, 2019.

RIBEIRO, G.R.; BERTONHA, G; CASTRO, J.N. Política linguística voltada para surdos no Brasil: reflexões sobre os domínios familiar e escolar. Revista Gatilho, UFJF, v. 18, p. 211-230. out. 2020.

Ribeiro, V. L., Barbosa, R. L. L., & Martins, S. E. S. O. (2019). Pais ouvintes e filhos surdos: o lugar das famílias em propostas educacionais bilíngues. *Educação*, 44, e55/1–27. <https://doi.org/10.5902/1984644435150>.

SANTANA, Marcia. Pais ouvintes e filhos surdos: diálogos possíveis? Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

SANTOS, M. A. B. (2013). O professor interlocutor no contexto da educação de surdos: Aspectos da atuação deste novo profissional (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

SÍGOLO, C.; LACERDA, C. B. F. de. Da suspeita à intervenção em surdez: caracterização deste processo na região de Campinas/SP. J. Soc. Bras. Fonoaudiol. [online], v. 23, n.1, . 2011, p. 32-37

SILVEIRA, Carolina Hessel. O currículo de língua de sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda. In. QUADROS, Ronice Muller de e PERLIN, Gladis. Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007. STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

SKLIAR, C. (org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças (pp. 7 –32). Porto Alegre/RS: Mediação, 2011.

SKLIAR, Carlos, Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997

\_\_\_\_\_. A Invenção e a Exclusão da Alteridade “Deficiente” a partir dos significados da normalidade. In *Revista Educação & Realidade* V24 n.2 , Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: *Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: *Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C.; ZANOLI, M. L. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 279-286, 2007.

SOARES, F. M. R; LACERDA, C. B. F. O aluno surdo em escola regular - um estudo de caso sobre a construção de identidade. In: GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). *Políticas e Práticas de Educação Inclusiva*. Campinas: Autores Associados. 2004. p. 121-147.

SOUZA, Regina M. de et al. Relatório do Grupo de Trabalho para analisar e propor a implantação da estrutura adequada para atender ensino de LIBRAS e demais questões correlatas. In: LINS, Heloísa A. de M.; SOUZA, Regina M. de; NASCIMENTO, Lilian C. R. (Org.). *Plano Nacional de Educação e as políticas locais para implantação da educação bilíngue para surdos*. (e-book). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2016, p. 1-28. Disponível em: <<https://issuu.com/ebooklibrasunicamp/docs/ebook2016>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

STELLING, Esmeralda P., TORRES, Maria dos Santos Torres, CASTRO, Helena Carla. Pais ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. *Espaço*, Rio de Janeiro, n.42, jul./dez. 2014

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. 2008. Tese (doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>. Acesso em: 22 ago. 2020.

STROBEL, Karin Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

UNICEF – UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN’S EMERGENCY FUND.\_\_\_\_\_. *Cenário da exclusão escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação*. Brasília: UNICEF, abr. 2021c. Disponível em: [cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf \(unicef.org\)](#). Acesso em: 22 dez. 2021

UNESCO. Ministério da Educação e Ciência da Espanha. **Relatório final**: Conferência mundial sobre necessidades educacionais especiais: acesso e qualidade. Salamanca: UNESCO, 1994.

## APÊNDICE I

### QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS MÃES E AOS PAIS PARA COLETA DE DADOS



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO BILÍNGUE



Dados dos/ das Mães ou Pais

1- Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data do nascimento: \_\_\_\_\_ cor: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Cidade onde mora----- Bairro onde mora: \_\_\_\_\_

Quantos filhos \_\_\_\_\_ Estudam em escola pública \_\_\_\_\_

2- Formação Acadêmica e experiência profissional:

a) Ensino médio/normal (especificar o/os curso/s realizado/s: nome, instituição, ano em que terminou o curso e natureza - Público ou Privado)

b) Graduação (especificar o/s curso/s realizado/s: nome, instituição, ano em que terminou o curso e na natureza Público ou Privado).

c) Pós-Graduação (especificar o/s curso/s realizado/s: nome, instituição, duração, ano em que terminou o curso e a natureza Público ou Privado).

d) Libras – cursos que foram feitos, etc.

3- Experiência Profissional

Onde trabalha-----

Trabalho do lar--- -----

1- Curso de libras (fez? Ou não fez? Como aprendeu?)

## APÊNDICE II

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS



#### INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BILÍNGUE

1- Quando você descobriu que seu (sua) filho (a) era surdo (a)? O que pensou?
2- Qual é o nível de perda auditiva?
3- Como você pôde lidar com esse fato?
4- E os outros membros da família, qual foi a reação deles?
5- Como se dá o processo de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos? E como ocorre essa comunicação com os outros membros da família?
6- Você tem fluência na Libras? Se sim, onde adquiriu o conhecimento dessa língua?
7- Além de você, tem algum outro membro da família que se comunica utilizando a Libras?
8- Como você lida com a diferença linguística: língua oral e língua de sinais? O que você pensa sobre isso?
9- Como você percebe a aceitação do seu filho na comunidade que vocês moram?
10 Quanto tempo você se viu precisar aprender a Libras?
11- O que te ajudou a conseguir ter uma ligação com filhos
12- No processo de matrícula, na escola, foi tranquilo, foi possível dialogar desde o início sobre as demandas de um aluno surdo?
13- Você participa da vida ativa do seu filho na escola? Como acontece essa participação?
14- E em relação as atividades da escola. Quais as estratégias para ajudar o seu filho com as atividades escolares?
15- Em relação as atividades pedagógicas: Usam algum tipo de jogo, brincadeiras, histórias infantis etc. Jogaram os jogos juntos? Como é a comunicação de vocês: Libras, oralização, gestos, mímicas?

## APÊNDICE III

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO BILÍNGUE**



Prezado(a) participante sou estudante do Curso do MESTRADO PROFISSIONAL BILÍNGUE, do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Estou realizando uma pesquisa sob a responsabilidade da pesquisadora Zuleyde Machado Maia Rodrigues, e orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Moitinho cujo objetivo desta pesquisa será refletir sobre a educação das crianças surdas com o olhar para as famílias e, também, para as práticas educativas que as famílias buscam para ajudar no processo ensino aprendizagem das crianças surdas. A metodologia consiste em uma pesquisa de cunho qualitativo mediada pela aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e anonimato das informações. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico, sendo que as informações colhidas ficarão sob responsabilidade da equipe da pesquisa. Está pesquisa terá um cuidado rigoroso em relação aos riscos da pesquisa aos participantes. Caso venham até algum risco, tais como: o sigilo das informações, o cansaço no momento de expor as informações, desconforto em relação algum tema abordado, o pesquisador assegura que prestará todos os cuidados necessários aos participantes da presente pesquisa. Os participantes serão esclarecidos de todo o andamento o desenvolvimento da pesquisa e poderá a qualquer momento solicitar a sua retirada e a não participação da pesquisa e asseguramos que mesmo após as entrevistas, o entrevistado terá o direito de solicitar que seus dados não

sejam publicados. Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador, tais como: canetas, tintas para impressão, papel ofício, etc. Em relação aos benefícios da pesquisa esclarecemos que é de suma importância para o contexto da educação e, também, para a educação de futuras crianças surdas, pois produto construído será utilizado de forma coletiva, pois os resultados da pesquisa serão transformados em um produto com orientações sobre estratégias didáticas e pedagógicas a partir das experiências das famílias ouvintes com seus filhos surdas a partir do ensino remoto. Em relação a assistência ao participante da pesquisa: Todos os participantes que terão total segurança, pois as entrevistas serão feitas pelo ZOOM e não haverá encontro presencial, mas os participantes vão participar de suas próprias residências e vão ficar à vontade para escolher o melhor horário, dia da semana e o momento mais confortável a partir de sua própria rotina sem provocar nenhum incomodo ao entrevistado e nem ao entrevistador Após, esclarecimento da sua participação na pesquisa ficando ciente entre ambas as partes no caso em aceitar fazer parte da pesquisa, sendo assim assine no final desse documento ficando uma via com o participante e a outra com o pesquisador responsável. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora através do fone ( 24 )99821-1701, ou pelo e-mail: [zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br](mailto:zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br)

Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do Voluntário

## APÊNDICE IV

### TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO



**INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO BILÍNGUE**



### TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

**De acordo com a RESOLUÇÃO 466\2012 – CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE**

Pelo presente instrumento de cessão de imagem, eu \_\_\_\_\_ com número de identidade \_\_\_\_\_, de maneira inteiramente gratuita e sem fins lucrativos, cedendo os direitos autorais, autorizo a utilização da minha voz no projeto de pesquisa intitulado “Crianças Surdas, Famílias Ouvintes: Refletindo sobre as Experiências e Práticas Bilíngues Construídas pelas Famílias”. O estudo está sendo desenvolvido pela mestrandia Zuleyde Machado Rodrigues, e-mail [zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br](mailto:zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br), número de telefone (24 )99821-1701, no curso de Mestrado Profissional Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – localizado no seguinte endereço: Rua da Laranjeiras, 264 – Departamento de Ensino Superior – Bairro Laranjeiras – Rio de Janeiro/ RJ. Este trabalho segue sob orientação da Profa. Dra. Sara Moitinho e tem como objetivo analisar e compreender as relações e interações das famílias ouvintes com os seus filhos surdos a partir das entrevistas com as famílias.

Rio de Janeiro, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

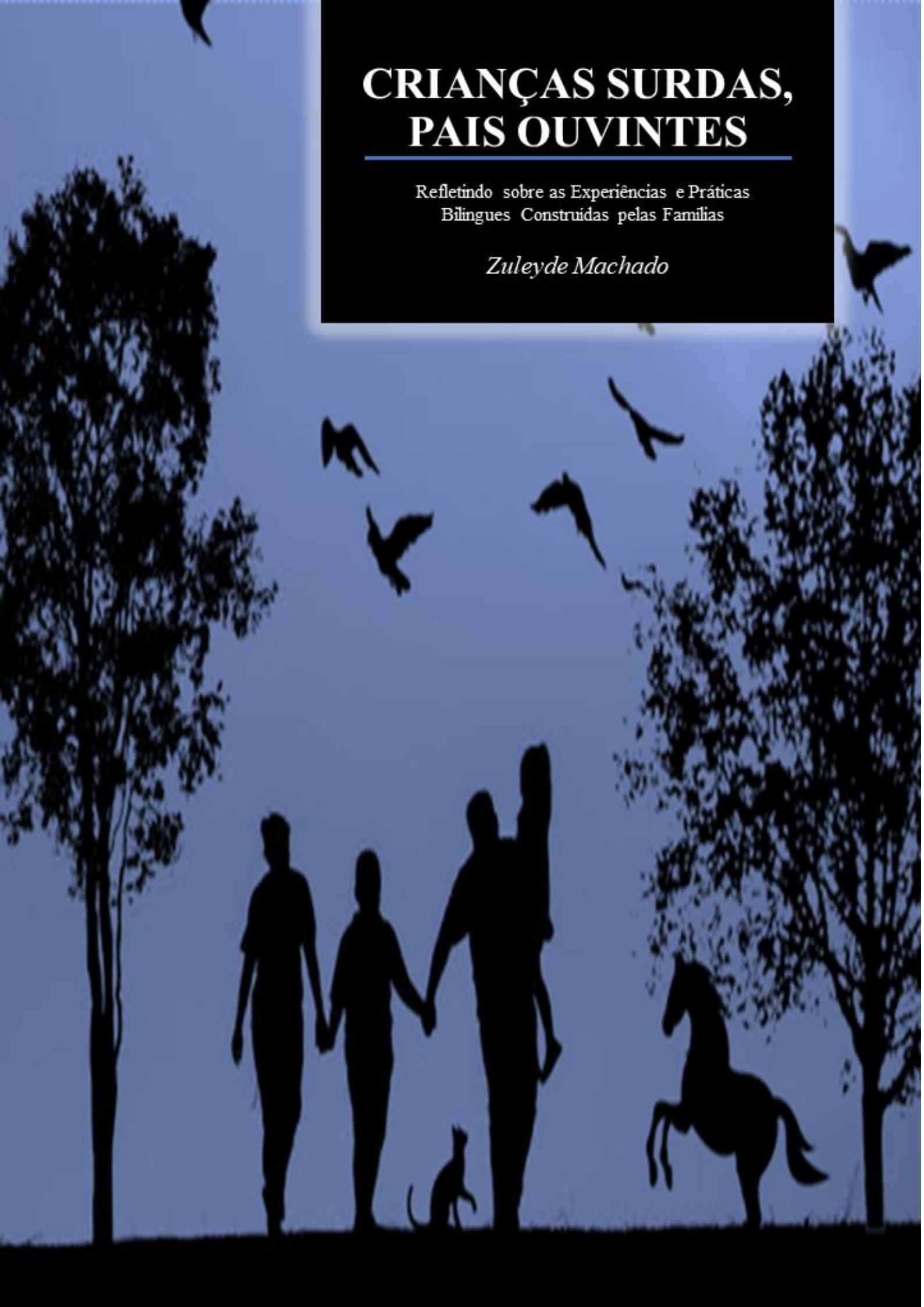
---

Nome e assinatura do participante

# CRIANÇAS SURDAS, PAIS OUVINTES

Refletindo sobre as Experiências e Práticas  
Bílingues Construídas pelas Famílias

*Zuleyde Machado*





INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BILÍNGUE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BILÍNGUE

---

**Crianças Surdas, Pais Ouvintes:  
Refletindo sobre as Experiências e  
Práticas Bilíngues Construídas pelas  
Famílias**

Rio de Janeiro  
Julho 2022

ZULEYDE MACHADO MAIA RODRIGUES

Orientadora: Prof. Dra. Sara Moitinho

Rio de Janeiro  
Julho 2022

## CRÉDITOS

---

Orientação  
Sara Moitinho

Projeto gráfico, editoração, ilustração e design  
Zuleyde Machado e Thiago Silva

Criação e aplicação do QR Code  
Zuleyde Machado e Thiago Silva

Edição de Vídeo  
Thiago Silva

Assessoria de Português  
Sara Moitinho

Apoio técnico da tradução  
Gabriel Lelis e Pedro Serafim



## SUMÁRIO

---

APRESENTAÇÃO	7
OBJETIVO	8
IMAGENS	9
HISTORICO DE FAMILIA	10
HISTÓRIAS	11
CONTO DE HISTORIA	13
JOGOS	16
REFLEXÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

## APRESENTAÇÃO

**E**ste manual tem como objetivo oferecer as famílias ouvintes com filhos surdos a possibilidade de construir saberes bilíngues através da língua de sinais e desenvolver outros olhares sobre a Educação de Surdos, de modo, que nos permita estabelecer relações reais sobre as práticas cotidianas, as estratégias, as percepções e as relações que são desenvolvidas com os seus filhos surdos. O manual foi organizado como uma proposta bilíngue em uma perspectiva da valorização da Língua de Sinais enquanto língua natural dos surdos para as famílias e seus filhos surdos. Neste percurso, este manual permite a constituição de um olhar, de suas singularidades, e que por sua vez nos permitem refletir sobre nossas ações e práticas com as crianças surdas em seus processos educativos, sociais e culturais. Portanto, ao realizar um passeio neste manual, poderemos compreender a importância da Língua de Sinais – Libras para as crianças surdas. As histórias foram traduzidas em sua própria Língua. E os jogos foram construídos em uma perspectiva bilíngue para as famílias brincarem com seus filhos surdo e, assim, compreender a importância da Libras na educação das crianças surdas, da sua cultura, dos artefatos culturais da comunidade surda.

É nesta perspectiva que nos sensibilizamos na construção de novos saberes, conhecimentos e novos olhares sobre a educação das crianças surdas, a educação que oferecemos e, sobretudo, a educação que as crianças surdas merecem e esperam de nós. A proposta deste manual também nos permite uma experiência outra e sensível com novos olhares, tanto pelos aspectos teóricos, quanto pelos dados da investigação experienciada na prática com as crianças surdas. Como resultado deste trabalho, podemos refletir a dialética da ação que envolve as crianças surdas, as famílias e os educadores, seus papéis exercidos nos espaços sociais e os impasses e dificuldades enfrentadas nesta relação.



*Sara Moitinho*

### Objetivo Geral

- ✚ Coletar e analisar as percepções e interações construídas e utilizadas pelas famílias ouvintes com seus filhos surdos e relação com a libras e a escola.

### Objetivos Específicos

- ✚ Identificar as estratégias didáticas construídas pelas famílias ouvintes neste processo de desenvolvimento da criança surda;
- ✚ Dialogar com as famílias ouvintes sobre materiais didáticos, jogos, brincadeiras que os seus filhos surdos interagem para o desenvolvimento em seu processo de ensino aprendizagem e a partir desse diálogo construir um manual.



The image features a light blue sky with several black silhouettes of birds in flight. In the foreground, there are silhouettes of three people holding hands, a small dog, and a horse. Two trees are visible on the left and right sides of the frame. The word "IMAGENS" is written in white, bold, serif capital letters on a black rectangular background, centered horizontally across the middle of the image.

# IMAGENS

# Famílias Ouvintes e Filhos Surdos



Imagem: conto de historia, o livro de casa

Os jogos, as atividades lúdicas na escola e na família em Libras podem oferecer variados benefícios além da brincadeira em si e da interação entre os membros da família, pois, estes jogos favorecem o aprendizado da Língua de Sinais de forma mais fácil e prático que vem propiciar a comunicação entre estes membros

A cultura e a Libras são fundamentais para o desenvolvimento da criança surda.

A Língua de Sinais deve ser considerada como a primeira Língua da Criança Surda.



Imagem: piquenique fora da escola com família



Imagem: brincar com família junto

A língua é uma prática social que carrega cultura estabelece identidades e a língua está amparada pela Lei 10.436/2002 e pelo Decreto 5.626/2005.

A criança surda precisa encontrar na família e na escola uma prática pedagógica didática como um suporte necessário para o seu desenvolvimento humano e sua formação como sujeitos de direitos.



Imagem: Comunicação da família



## **Famílias ouvintes e filhos surdos e construção de práticas bilíngues cotidianas**

Por muito tempo as escolas voltadas para alunos surdos enfrentaram grandes dificuldades em se organizarem como espaços pedagógicos de ensino e aprendizagem. As dificuldades tinham como fundamento uma visão clínica, em que os surdos, considerados portadores de uma patologia, deveriam aprender a expressar-se oralmente, se quisessem vislumbrar alguma participação na sociedade. Nesse contexto, eram desconsideradas discussões que contemplassem as questões pedagógicas (para quem ensinar; onde ensinar; o que ensinar; como ensinar; quando ensinar; para que ensinar).

Assim, o campo da educação de surdos, atualmente, vem passando por muitas mudanças, o que leva a reflexão sobre materiais didáticos com uma centralidade na Libras, na língua de sinais – gesto visual. O objetivo deste trabalho é contribuir com a produção de materiais didáticos para a educação das crianças surdas que favoreçam a experiência visual dos alunos surdos, através de recursos didáticos que promovam o desenvolvimento de sua língua visuo espacial na medida em que se interagem com as histórias em sua própria língua, jogos bilíngues, brincadeiras e narrativas presentes no contexto das crianças surdas.

Para Strobel (2008) “a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal” (p. 61).

Tendo como referência a pesquisa de Ronice Quadros (2019), afirma que a língua de sinais é uma língua visual-espacial, pois precisa uma modalidade que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida de forma visual. Segundo a autora, os “aspectos da visualidade na educação de Surdos tem que estar relacionada com o seu mundo e sua experiência visual desde a educação infantil” (p. 135). Entendemos que a visualidade está presente nos espaços e nos objetos e que a infância é tempo da experiência e não de aprendizagens baseadas apenas em conceitos. Aquilo que cerca as crianças e que está diante dos seus olhos ganha uma importância ainda maior quando se pensa a educação de surdos





# HISTORIAS

# HISTÓRIAS



**Conteúdo:** Todas as famílias são diferentes e, ao mesmo tempo, muito parecidas. Este livro celebra as particularidades e também as semelhanças de cada uma dessas famílias, enquanto dormem, trabalham e brincam juntos.

**Título:** Somos uma família

**Data –** 01/10/2008

**Autora:** Patricia Hegarty

**Editora:** Little Tiger Press

**Conteúdo:** Informação história

**Capa dura:** 22 páginas

**Idade de leitura:** 3 anos e acima



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Somos-familia-Little-Tiger-Press/dp/184577907>

# HISTÓRIAS



Conteúdo: O livro da família, do escritor e ilustrador americano Todd Parr, mostra de forma divertida e colorida que as famílias são diferentes.

Há famílias onde todos estão perto e outras em que seus membros moram uns longe dos outros. Lembro o Samuca que os irmãos dele moram longe e as meninas olham surpresas.

Título: O Livro da Família

Data – 17/12/2003

Autor: Todd Parr

Editora: Panda Books

Conteúdo: Informação história

Capa dura: 32 páginas

Idade de leitura: 6 – 7 anos



Fonte: <https://revistatp.uol.com.br/tom/o-livro-da-familia>

# HISTÓRIAS



Conteúdo: Família com dois pais ou só uma mãe. Família de amigo e de vizinho. Família com irmão grandão, tio careca e vovô comilão. não há família igual a outra. A narrativa de Aline Abreu, que também assina as ilustrações, mostra essas diferenças de forma divertida.

Título: Cada Família É de Um Jeito

Data – 21/11/2006

Autora: Aline Abreu

Editora: DCL

Conteúdo: Informação história

Capa dura: 16 páginas

Idade de leitura: 3 – 5 anos



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Cada-Familia-É-Um-Jeito/dp/8536802537>



# JOGOS

# JOGOS



Fonte: Autora de Zuleyde Rodrigues

O jogo de forca é um jogador no qual você pensa na ideia de visual ou você tem que clicar para abrir qual é a Libras proposta, tendo como dica o tema vinculado à palavra de “BEBÊ” ou “BEBER”. Para cada palavra errada, outra palavra faz parte do corpo do enforcado. O jogo que terminará ou com a palavra correta das partes do corpo do enforcado.



# Glossários de Família



BEBÊ



HOMEM



MULHER



MÃE



PAI



AVÔ



TIA



AVÓ



TIO



# JOGOS



Fonte: Autora de Zuleyde Rodrigues

Um jogo de roda de roleta é um jogador onde você pensa onde você precisa ver o clique da roda para girar do círculo em Libras qual é a palavra ligada no sinal, aqui você pode inserir o clique em cima os daqueles relacionados à sua disciplina de animal.



## Glossários de Animais



BORBOLETA



COBRA



LEÃO



VACA



GATO



CACHORRO

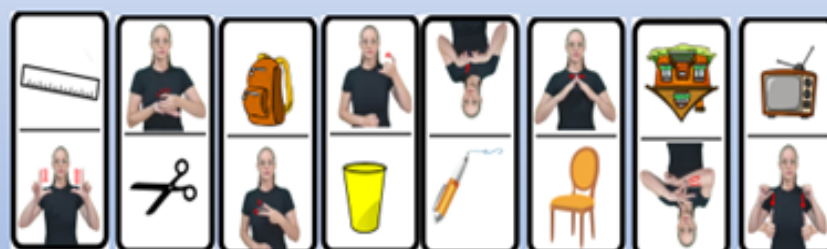


RATO



# JOGOS

## Jogo de Dominó



Fonte: Autora de Zuzu Rodrigues

O jogo de dominó que pode ser jogado com 2 a 4 crianças e envolve 8 peças com "Libras e Objetivo" dos dois lados. A ideia, assim como nos jogos, é seguir peças que são jogadas no centro do slide (PPT) no PC e ser o primeiro a se livrar de todas as suas peças, os benefícios dessa atividade lúdica, é o desenvolvimento de raciocínio lógico e aritmética infantil. As pessoas gostam de diversão, os dominós também são uma boa maneira de exercitar o pensamento lógico através da observação,

levantamento de hipóteses, análise, reflexão, tomada de decisão e argumentação.



# Glossários de Objetos



BORRACHA



CANETA



GELADEIRA



COPO



CASA



LÁPIS



COMER



MOCHILA



RÉGUA



SOFÁ



PAPEL



SENTAR



TESOURA



TELEVISÃO



# JOGOS



Fonte: Autora de Zuleyde Rodrigues

O jogo da memória é um clássico jogo formado que a clicar a ver, pegar o mouse seu p.c. a clicar a tela no PPT por peças que apresentam uma figura em um dos lados em Libras. Cada figura se repete em duas peças diferentes. Para começar o jogo, as peças são postas com as figuras voltadas para baixo, para que não possam ser vistas. Cada participante deve, na sua vez, virar duas peças e deixar que todos as vejam. Caso as figuras sejam iguais, o participante deve recolher consigo esse par e jogar novamente.

Se forem peças diferentes, estas devem ser viradas novamente, e sendo passada a vez ao participante seguinte. Ganha o jogo quem tiver mais pares no final do jogo.



# Glossários de Cores



ROXO



BRANCO



VERMELHO



ROSA



AMARELO



VERDE



## Vídeos 3 histórias de famílias

Família,  
Segue clica QR CODE e  
assistir com os filhos.





# JOGOS

## COMO LER O QR CODE DO SEU JOGO

1 - Selecione o tipo de plataforma e baixe o aplicativo leitor de QR Code no seu Celular.

2 - Abra o leitor de QR Code, posicione a imagem à frente da câmera e fotografe o código.

3 - Encontre a seguir , baixe "download" no seu celular após baixar para procurar por compartilhamento, enviar do bluetooth  e já enviado para o seu PC.

4 – Agora você está pronto para aproveitar jogar com seu filho junto.



## REFLEXÕES FINAIS

Sendo assim, sabemos que a família e a escola têm importantes papéis, oferecendo suporte para o desenvolvimento da criança surda em um ambiente bilíngue. Para Quadros (2019) em um ambiente bilíngue as línguas devem transitar entre os surdos, enquanto grupo social, pois “a língua de sinais é a primeira língua, a língua de instrução, ou seja, a língua usada na escola para a interação, praticada por crianças surdas em um espaço com acesso ao ensino da língua do país, com metodologias específicas de ensino de segunda língua” (p.148).

A educação e as escolas estão sendo convocadas e desafiadas para serem reinventadas para que os direitos dos alunos surdos já garantidos em lei possam ser concretizados no contexto da escola e da sociedade em práticas bilíngues interculturais, com reconhecimento da história dos surdos, mas narrados por eles próprios. Strobel (2018) também nos lembra que a língua de sinais é fundamental para a construção das identidades, da cultura e na construção de experiências visuais, pois possibilitam novas percepções, além de respeito às diferenças linguísticas e culturais, em conjunto ao fortalecimento da comunidade surda.

Por fim, ressaltamos o papel da família no processo de aquisição da libras é essencial, principalmente, após a promulgação da Lei 10.436 de 2002, a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Para possibilitar esse direito é necessário o investimento em uma educação bilíngue que atenda a realidade das crianças surdas e de seus familiares ouvintes. Uma educação bilíngue que promova um futuro exercício da cidadania, promovendo um ensino de excelência às crianças surdas em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, em um sistema educacional intercultural, bilíngue e com aprendizado ao longo da vida sem nenhuma prática de qualquer forma de discriminação ou preconceito, mas sempre em busca do respeito à diversidade cultural e linguística inerente ao nosso país.

Esperamos que todas as famílias com filhos surdos possam encontrar uma escola verdadeiramente bilíngue e acessível e que as crianças surdas possam crescer e desenvolver como cidadãos ativos e atuantes como qualquer outro, mas com o olhar na cultura, construindo identidades, interagindo por meio de uma língua que tem a visualidade como característica central. Somos iguais em direitos, embora sejamos plurais, diversos e diferentes.



## REFERÊNCIAS

---

ABREU, Aline. **Cada Família É de Um Jeito**. Livro Infantil. 21 de novembro de 2006. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Somos-familia-Little-Tiger-Press/dp/1848577907>>. Acesso em: 09 jul 2022.

HEARTY, Patricia. **Somos uma família**. 1 de outubro de 2008. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Somos-familia-Little-Tiger-Press/dp/1848577907>>. Acesso em: 09 jul 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)> Acesso em 22 agosto. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 dez. 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: Acesso em 22 agosto. 2021.

PARR, Todd. **O Livro da Família**. 17 de dezembro de 2003. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/o-livro-da-familia>>. Acesso em: 09 jul 2022.

RODRIGUES, Zuleyde Machado Maia. **Famílias Ouvintes e Filhos Surdos**. 18 de outubro de 2019. Acesso em: 09 jul 2022.

RODRIGUES, Zuleyde Machado Maia. **Jogo de Dominó**. 31 de mar de 2022. Disponível em: <<https://docs.google.com/presentation/d/1fthP2-COrr2lv66YG0kpJYedvREdieR3/edit#slide=id.p1>>. Acesso em: 09 jul 2022.

RODRIGUES, Zuleyde Machado Maia. **JOGO DE FORÇA**. 31 de mar de 2022. Disponível em: <<https://docs.google.com/presentation/d/1OaBqXjDCZHJcRBeipGM4SAqpq2qxo-gtT/edit#slide=id.p1>>. Acesso em: 09 jul 2022.

## REFERÊNCIAS

---

RODRIGUES, Zuleyde Machado Maia. **Jogo de Memória**. 31 de mar de 2022. Disponível em: <<https://docs.google.com/presentation/d/1ov1dCXXKMyi1vtWjKxg3TQcDXoD2u5QL8/edit#slide=id.p1>>. Acesso em: 09 jul 2022.

RODRIGUES, Zuleyde Machado Maia. **Jogo de Roda de Roleta**. 31 de mar de 2022. Disponível em: <<https://docs.google.com/presentation/d/1d03yyaMvVLko5FiAceN0mnUFkjReDJrJ/edit#slide=id.p1>>. Acesso em: 09 jul 2022.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: Vestígios culturais não registrados na história. 2008. Tese (doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>. Acesso em: 22 ago. 2020.

STROBEL, Karin Lilian. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

QUADROS, Ronice, Muller. Linguística para o ensino superior: Libras Editora São Paulo – Parábola, 2019.





Contato:

[zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br](mailto:zuleyde.rodrigues@yahoo.com.br)



Endereço:

Rua das Laranjeiras nº 232 - Laranjeiras

CEP: 22240-003 - Rio de Janeiro - RJ

[www.gov.br/ines/pt-br](http://www.gov.br/ines/pt-br)

Telefones:

(21) 2285 7546 • (21) 2285 7949 • (21) 2285 7597